



**FCSH** FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

**RELATÓRIO CIENTÍFICO**  
**PROJECTO #ON\_SEX**  
**DIREITOS SEXUAIS E JOVENS**  
**VULNERÁVEIS**

Daniel Cardoso

Ana Jorge

Cristina Ponte

Eduarda Ferreira

(Membros da equipa EU Kids Online Portugal)

Lisboa, Fevereiro 2016

## Índice

Sumário Executivo.....	4
Jovens e sexualidades em Portugal – Contexto Nacional.....	5
Educação e Sexualidade .....	5
Tecnologia e Juventude.....	6
Vivências sexuais e afectivas de jovens em Portugal.....	8
Projecto #ON_Sex – Estrutura e componentes.....	11
Enquadramento do EU Kids Online Portugal no Projecto #ON_Sex .....	11
Apresentação, objectivos, parceiros .....	11
Referencial de Formação .....	13
Acções de Formação .....	14
Manual de Sugestões .....	15
Jogo Interactivo.....	16
Página de Facebook.....	17
Campanhas.....	18
Sexualidade em Linha.....	20
Encontros de Jovens .....	20
Seminário de Encerramento.....	21
Projecto #ON_Sex – Análise de actividades.....	22
Referencial de Formação .....	22
Acções de Formação .....	23
Manual de Sugestões .....	25
Jogo Interactivo.....	26
Página de Facebook.....	31
Campanhas.....	32
Sexualidade em Linha.....	32
Encontros de Jovens .....	33
Seminário de Encerramento.....	34
Direitos, Vulnerabilidades, Tecnologias e Sexualidades – Tensões e dinâmicas contemporâneas .....	35
Bibliografia .....	37
Anexo 1 – Cronograma.....	39
Anexo 2 – Relatórios de observação participante .....	41

Sessão 1 – 13/02/2015, Lisboa, Daniel Cardoso.....	41
Sessão 2 – 20/02/2015, Lisboa, Daniel Cardoso.....	50
Sessão 3 – 27/02/2015, Lisboa, Ana Jorge .....	58
Sessão 4 – 05/10/2015, Lisboa, Daniel Cardoso.....	64
Sessão 5 – 12/10/2015, Lisboa, Daniel Cardoso.....	70
Sessão 6 – 19/10/2015, Lisboa, Daniel Cardoso.....	72
Anexo 3 – Memórias descritivas das Formações .....	76
Sessão Experimental – 28 Nov. 2014 – 16 Jan. 2015.....	76
Sessão Porto – 13 Fev. – 27 Fev. 2015.....	84
Sessão Coimbra – 13 Fev. – 6 Mar. 2015.....	92
Sessão Faro – 13 Fev. – 27 Fev. 2015 .....	100
Sessão Lisboa – 13 Fev. – 27 Fev. 2015.....	105
Sessão Ansião – 15 Jun. – 30 Jun. 2015 .....	109
Sessão Lisboa – 5 Out. – 19 Out. 2015.....	114
Sessão Madeira – 12 Nov. – 25 Nov. 2015.....	119
Anexo 4 – <i>Feedback</i> das instituições em parceria .....	125
IPDJ .....	125
APF.....	125
Programa Escolhas .....	126

## Sumário Executivo

Este Relatório Científico foi apresentado pela Equipa EU Kids Online Portugal, a partir da sua participação no Projecto #ON\_Sex, liderado pela Associação para o Planeamento Familiar (APF), com financiamento parcial da Fundação Calouste Gulbenkian. Junto com estes dois parceiros, estão ainda o Programa Escolhas e o Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ).

Após uma breve contextualização sociocultural no campo da juventude e sexualidades em Portugal, o Relatório apresenta os parceiros e objectivos, descreve e analisa as iniciativas desenvolvidas durante a duração do Projecto, tendo como base a observação participante, a análise documental dos materiais produzidos e a recolha de registos de participantes.

Em termos gerais, o Projecto #ON\_Sex conseguiu cumprir os objectivos técnicos a que se propôs, que resultaram na produção de documentação e recursos pedagógicos e lúdico-pedagógicos de grande relevância para a área dos Direitos Sexuais e a sua intersecção com a problemática da vulnerabilidade social.

Foram registadas dificuldades em conseguir realizar algumas iniciativas de acordo com o que estava calendarizado, mas todas foram levadas a cabo antes da data-limite do projecto. Se houve dificuldades numa fase inicial em conseguir chegar ao público-alvo final, jovens em situação de vulnerabilidade social, estão agora criadas as condições para que esse trabalho seja continuado de forma sustentada e mesmo auto-gerida, através da disponibilização pública dos *outputs* gerados pelo Projecto.

O Relatório termina com considerações sobre os desafios de implementação deste Projecto, associados às dificuldades específicas que Portugal tem com a questão da sexualidade, e com a referência ao impacto futuro e de longo prazo que estas ferramentas, e a sua adaptabilidade intrínseca, podem trazer a estas populações. O papel das novas tecnologias é referido como fundamental, tanto para essa adaptabilidade como no estabelecimento de uma relação mais interactiva e autónoma entre os jovens e o seu reclamar de Direitos Sexuais.

## Jovens e sexualidades em Portugal – Contexto Nacional

### Educação e Sexualidade

É fundamental, para compreender o contexto deste projeto, olhar para as alterações do nível de vida, do nível educativo, do regime político, da experiência de religiosidade, das mudanças nas práticas e costumes face aos jovens, das políticas públicas que a eles são dirigidas; e também para as práticas que os próprios jovens relatam, ao nível das sexualidades e da sua relação com as novas tecnologias.

Com a queda generalizada da taxa de natalidade, importa também considerar mudanças na experiência de pertencer a uma família. A forma como as relações entre jovens e figuras parentais se têm transformado – com a “relativa dissolução de vínculos de respeitabilidade” faz surgir, por vezes, “uma falta de controlo educativo” que, ao mesmo tempo, está associada a “relacionamentos mais igualitários, de companheirismo” entre pais e filhos, como realça o sociólogo José Machado Pais (2012, 29, 30).

As questões em torno da Educação Sexual têm mobilizado tensões entre tendências progressistas e conservadoras. Em 2014, o diagnóstico ao estado de implementação do projeto educativo de Educação Sexual, que tem raízes no projecto-piloto de 1995, contou com a participação de metade (53%) das unidades orgânicas escolares. De acordo com as respostas ao inquérito conduzido pela equipa liderada por Margarida Gaspar de Matos, da Universidade de Lisboa, 99% dessas unidades implementavam uma ou mais iniciativas na área da Educação Sexual, e 83% cumpriam a carga horária estipulada. A maior parte das iniciativas eram conferências ou acções de formação dinamizadas por agentes externos à escola (93%), ao passo que recursos como a internet se ficavam por 52% dos casos. Na integração com as actividades escolares, a disciplina de Ciências Naturais (no ensino básico) e a de Biologia (no ensino secundário) eram as mais convocadas a fornecer informação sobre o assunto. Apenas dois terços dos Conselhos de Turma destas unidades orgânicas tinham um professor responsável pelo projecto de Educação Sexual; apenas 60% das actividades envolveram participação activa dos alunos; e só 54% das unidades orgânicas classificam como “muito importante” a participação dos alunos na sua organização. Apesar de o estudo destacar que a legislação em vigor está a ser cumprida, é de notar que os alunos desejam maior envolvimento e protestam contra a repetição de conteúdos, orientados sobretudo para a fisiologia e ciências naturais. Essa orientação coloca em desvantagem os alunos que não tenham, no ensino secundário, a disciplina de Biologia e gera a percepção de uma pedagogização positivista da sexualidade.

A questão da orientação sexual raramente é abordada, pois os projectos são orientados numa vertente médico-sanitária, surgem demasiado tarde, quando os jovens já iniciaram actividade sexual, e incidem essencialmente nos aspectos biológicos da sexualidade”, como sublinham Susana (Marinho, Anastácio, e Carvalho 2011, 22).

É necessário introduzir outros elementos: o papel e o impacto que a educação sexual tem (ou pode ter) no que toca à gestão dos riscos associados à sexualidade e as possíveis barreiras ou limitações. A primeira limitação talvez sejam os próprios jovens, através do impacto da cultura de pares: de acordo com o estudo sobre Educação Sexual nas Escolas, 71% dos jovens auscultados sentem-se “pouco à vontade” para falar de educação sexual com os professores, enquanto 83% se sentem “muito à vontade” para falar com os amigos, uma discrepância que resulta no recurso frequente ao grupo de pares como fonte principal de informação, fazendo destes um elemento importante nas atitudes dos jovens.

Por outro lado, e considerando-se o passado recente, é compreensível que os pais portugueses não se sintam à vontade para falar com os seus filhos sobre sexo (Matos *et al.* 2009, 155), nem vice-versa: 57,6% dos jovens auscultados sentem-se “pouco à vontade” para o fazer, como revela também o estudo sobre Educação Sexual coordenado por Margarida Gaspar de Matos; e mesmo as escolas parecem ser pouco capazes de chamar a si uma fatia considerável dos educadores para que eles possam, por sua vez, ser educados. Também os jovens trabalham através desses “silêncios cúmplices”, em que os filhos “fingem ignorar o fingimento dos pais” acerca do que os próprios jovens sabem, e onde fazer perguntas pode ser visto, pelos pais, como uma forma de provocação juvenil, como destacam José Machado Pais (2012) e Cristina Pereira Vieira (2012).

Procurando compreender qualitativamente como é que questões identitárias são construídas em torno do ensino da sexualidade na escola, Paula Vieira (2010) salienta que as práticas e discursos educativos e curriculares são penetrados pela crença de que “a heterossexualidade se assume como superior a outras formas de identidade” e que “ainda não existe uma efectiva pedagogia da sexualidade”.

## **Tecnologia e Juventude**

Impulsionado por fundos europeus, 2005 foi o ano que viu nascer o Plano Tecnológico, que teve como um dos seus projectos o programa *Ligar Portugal*, lançado em 2006, com uma vertente para a acção sobre a comunidade escolar (Ponte 2011, 2). Um dos

resultados deste programa foi a iniciativa e-Escolas e e-Escolinhas, cujo objectivo foi fornecer o acesso de um grande número de estudantes, e suas famílias, a portáteis de baixo custo e ligações à internet, mediante acordos com as empresas de telecomunicações e subsídios estatais que variavam com o escalão socioeconómico das famílias em questão. No total, e de acordo com o *site* do e-Escola, foram entregues 1.371.698 portáteis em Portugal, até a iniciativa ter sido suspensa em Janeiro de 2011, sendo que, destes, 412.909 foram entregues ao abrigo do e-Escolinha e 476.067 ao abrigo do e-Escolas.

Isto fez com que, de acordo com os dados do inquérito europeu *EU Kids Online*, realizado em 2010, Portugal estivesse à frente na posse de computadores portáteis, tanto pessoais (65%) como partilhados (35%), embora em muitos outros indicadores sociodemográficos e económicos estivesse ao nível dos outros países da Europa do Sul. Aliás, basta olhar para os tempos de acesso para ter uma noção deste desfasamento – os jovens portugueses eram dos que menos tempo passavam na internet (Ponte *et al.* 2012).

De acordo com dados do INE, de Novembro de 2011, 92% dos residentes em Portugal com idades entre os 16 e os 74 anos utilizavam telemóvel, sendo que 34% desses telemóveis tinham ligação à internet; a taxa de penetração de telemóveis situava-se nos 140%, a quarta maior da Europa. Dados do mesmo instituto, de Março de 2015, dão conta de uma queda no número de equipamentos a partir de 2011, com as informações mais recentes, de 2013, a apontar para os cerca de 19 milhões de equipamentos; 39% dos portugueses usaram a internet no telemóvel nesse mesmo ano.

Segundo os dados nacionais do projecto *Net Children Go Mobile* (NCGM), realizado em 2014, 47% dos jovens acediam à internet no telemóvel apenas através do uso de redes *wireless* gratuitas, e não através de um plano de dados móveis (Simões *et al.* 2014). Os dados do OberCom colocam a utilização de internet, por todos os meios, na faixa etária dos 15 aos 24 anos nos 94% (Cardoso *et al.* 2014) em 2013, ao passo que o INE apresenta uma percentagem de 97,9% em 2013 para a faixa entre os 16 e os 24 anos, e 98% para 2014.

Outro elemento de que convém dar conta é a discrepância entre o que filhos e pais reportaram no estudo realizado pelo *EU Kids Online*, no que toca a comportamentos sexualizados com os *media*: se 13% dos jovens admitiu ver imagens sexuais na internet, apenas 4% dos pais deram a mesma resposta sobre os seus filhos, sobreavaliando a exposição no caso de rapazes, e subavaliando-a no caso de raparigas, numa extensão do duplo padrão sexual (Ponte *et al.* 2012).

Abordando a questão de forma qualitativa, Machado Pais aponta para as várias transformações que os *media* vieram introduzir nas vidas dos jovens. Perante o recuo dos discursos moralistas de ordem religiosa, a televisão torna-se uma fonte de modelos de referência mais facilmente acessível, a par das revistas e da internet, permitindo a incorporação de diferentes espaços morais no mesmo contexto de experiência dos jovens, que desenvolvem uma “sensibilidade tecnossocial”, mas também suscitando o receio, por parte dos pais, de que o computador constitua uma “ameaça à integridade moral dos filhos”, como refere o sociólogo (2012, 105).

Por seu lado, o telemóvel e a internet permitem aos jovens negociar uma maior autonomia e liberdade de deslocação física, e criar espaços de intimidade e de comunicações privadas, independentemente do sítio físico onde se encontram num dado momento; o telemóvel também pode ser usado pelos pais como forma de controlo, sabendo onde os filhos estão, ou usando os carregamentos ou a remoção do próprio aparelho como possíveis punições. Junto com estes novos meios de comunicação vêm novas exigências performativas de estatuto social: do número de amigos nas redes sociais ao número de mensagens que se recebem; e novos perigos também: o direito à privacidade das SMS e das chamadas no contexto do namoro já faz parte das mensagens institucionais anti-violência.

### **Vivências sexuais e afectivas de jovens em Portugal**

De acordo com o estudo *Health Behaviour in School-Aged Children* (HBSC) de 2010, dirigido em Portugal por Margarida Gaspar de Matos (Matos *et al.* 2011), apenas 17% dos jovens inquiridos já tinha tido relações sexuais; os rapazes tendem a começar mais cedo que as raparigas, e a responderem mais “sim” a esta pergunta, havendo também predominância por parte das raparigas no uso de métodos contraceptivos na sua primeira relação sexual. Dos jovens que frequentam o 8º ano e o 10º ano, 52% assinalaram que a decisão era conjunta; 35% responderam ser o rapaz a tomar a iniciativa. Também entre estes jovens, 62% declararam sentir-se “à vontade” para recusar ter relações sexuais sem usar preservativo, se o par não quiser, menos do que o dos que disseram sentirem-se “à vontade” para recusar fazer sexo por não querer (69%).

Há um elemento específico quando se comparam os resultados deste último estudo com os anteriores: o número de jovens que afirma já ter iniciado a sua vida sexual tem



vindo a descer nos últimos anos (de 24% em 2002 para 22% em 2010). A nova edição do estudo, de 2015, (Matos *et al.* 2014; Matos *et al.* 2015) mantém a situação de descida no que diz respeito ao início da vida sexual: se se considerarem apenas os alunos de 8º e 10º anos, 16% disseram ter iniciado a vida sexual; se a esses se juntarem os alunos de 6º ano, o valor desce para 13%; mantém-se a tendência para mais rapazes do que raparigas afirmarem já ter iniciado a sua vida sexual. Ainda assim, mais de 75% dos jovens do 8º e do 10º anos disseram já ter tido ou estar actualmente num relacionamento amoroso.

Entre os jovens que já tiveram relações sexuais, 71% disseram ter usado preservativo na sua primeira relação sexual, valor semelhante ao dos que disseram ter usado na mais recente relação sexual. Quando lhes foi pedido que reflectissem sobre a primeira vez que tiveram relações sexuais, 44% dos jovens disseram querer “que acontecesse naquela altura”, ao passo que 5% disseram que “não [queriam] realmente ter tido relações sexuais”. Comparando estes dados com os do estudo *Saúde e Sexualidade* (Ferreira e Cabral 2010), onde 79% dos rapazes e 83% das raparigas (18-24 anos) disseram ter usado preservativo, aponta-se para uma diminuição recente no uso de preservativos aquando da primeira relação sexual. Um outro fenómeno a ter em conta, associado ao início da atividade sexual conjunta, é a diminuição do uso da prostituição (no caso dos rapazes) como forma de resolver o ‘problema’ da virgindade masculina (Ferreira 2010; C. P. Vieira 2012).

Como alerta José Machado Pais, estas transformações, passíveis de serem pensadas à luz das recentes transformações políticas e sociais por que Portugal passou, não foram súbitas. Se a geração dos avós destes jovens ainda sacralizava a virgindade enquanto marca de pureza feminina, a geração dos pais (dos anos 60/70) já marcava a importância do prazer sexual; actualmente as dinâmicas dos jovens parecem estar ligadas a uma multiplicação de diferentes e subtis marcadores relacionais (o “andar”, a “curte”, a diferença entre o “gostar” e o “amar”). Se essas dinâmicas são relativamente recentes, já não o são as reinscrições constantes do duplo padrão sexual: as raparigas vistas como predadoras ou vadias quando expressam a sua vontade sexual, e os rapazes como heróis ou como agindo apenas segundo impulsos sexuais ‘naturais’ pelos quais não são responsabilizáveis (C. P. Vieira 2012, 184).

As práticas sexuais da média dos jovens portugueses têm vindo a apresentar transformações semelhantes a outros países – como o início cada vez mais tardio da atividade sexual, apesar da retórica dominante – mas também apresentam dados

preocupantes ao nível da saúde sexual, como contextos coercivos ou acríticos de início de actividade sexual, ou falta de uso de métodos de barreira na actividade sexual. Porém, o que estes dados não permitem perscrutar são as especificidades demográficas de jovens não-brancos, de jovens em condições socioeconómicas de especial vulnerabilidade, ou com menos acesso a recursos formativos. A intersecção destas características tende a estar associada a situações de maior desvantagem, que se traduzem maiores riscos pessoais, sociais ou de saúde. Isso pode, neste contexto, traduzir-se em maior incidência de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), maior incidência de gravidezes não planeadas, e menor consciência do que são os Direitos Sexuais e de que papel têm na interacção interpessoal, íntima ou não.

## **Projecto #ON\_Sex – Estrutura e componentes**

### **Enquadramento do EU Kids Online Portugal no Projecto #ON\_Sex**

Integrada na rede europeia EU Kids Online desde o seu início, em 2006, a equipa portuguesa tem vindo a marcar a investigação na área dos jovens e do uso da internet e novas tecnologias em Portugal. Ao mesmo tempo, os diversos interesses de investigação dos membros da equipa têm funcionado como um eixo de mobilização para pesquisa e intervenção em diferentes áreas e problemáticas sociais.

Uma dessas áreas tem que ver com questões de género e sexualidade, e outra com as questões de desigualdade social e económica. Nessa perspectiva, a APF convidou a equipa portuguesa do EU Kids Online para colaborar com o seu estudo.

O papel desempenhado pela equipa EU Kids Online foi duplo:

- em primeiro lugar, um acompanhamento de consultoria aos vários elementos do projecto, sugerindo conteúdos, abordagens e boas práticas nas áreas que caem dentro das competências e especialidade da investigação realizada na rede EU Kids Online, mencionadas supra;
- em segundo lugar, o acompanhamento de variados momentos de implementação do projecto, através de observação participante ou outras metodologias consideradas adequadas para a preparação de uma avaliação crítica do impacto e execução do projecto.

Assim, e sempre que possível, iniciativas organizadas durante o Projecto receberam comentários da equipa, no sentido de auxiliar, através de conhecimento retirado da investigação, a reflexão sobre os múltiplos papéis que a internet pode ter na vida dos jovens, as tendências internacionais e nacionais, e as especificidades da situação em Portugal.

### **Apresentação, objectivos, parceiros**

O projecto #ON\_Sex surge da verificação, no terreno, de lacunas que se intersectam, e que estão relacionadas com diferentes campos de literacia, junto dos jovens em situação de vulnerabilidade social em Portugal: literacia sobre sexualidade e saúde

sexual, literacia sobre os novos *media* e tecnologia, literacia sobre Direitos Humanos e, dentro destes, sobre Direitos Sexuais.

A par destas lacunas, e como reportado acima, os jovens portugueses continuavam a ser utilizadores dedicados de tecnologia, e em particular de redes sociais, com destaque para o Facebook no momento da realização deste projecto. Isto abre espaços com dinâmicas próprias, mas também traz consigo versões adaptadas dos mesmos desafios que se colocam nas suas interações frente-a-frente – tanto existe o potencial para a obtenção de mais recursos e estímulos valorizados positivamente pelos jovens, dentro do campo das sexualidades, como se abrem novas formas para a prática de violência de género e discriminação contra sexualidades consideradas alterizadas.

Assim, o projecto #ON\_Sex vem tentar mobilizar a apetência pelo uso da tecnologia – que é quantitativamente menor ou mais limitada no caso de jovens em situações de vulnerabilidade social – para, a partir daí, sensibilizar os jovens para as questões dos Direitos Sexuais e promover a sua participação crítica na defesa desses mesmos direitos no quotidiano das suas vidas, salvaguardando-os para si mesmos e para os seus pares.

Esta necessidade específica é especialmente importante na medida em que a formação sobre sexualidade que os jovens tendem a receber, em contexto de sala de aula ou a nível mais informal, prende-se frequentemente com questões de tipo prático, dificultando que tenham uma percepção de si mesmos enquanto detentores de direitos, algo que é fundamental para o exercício pleno da sua cidadania.

Para ampliar as suas noções de cidadania, para tornar estes jovens conscientes de que são detentores de direitos – entre os quais os Sexuais – a APF criou o desenho de base do projecto #ON\_Sex a partir da sua vasta experiência na área dos Direitos Sexuais e também no trabalho com populações vulneráveis. Como parceiros constaram o EU Kids Online Portugal, da Universidade Nova de Lisboa; o Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), através do programa Sexualidade em Linha; e o Programa Escolhas. Cada uma destas organizações trouxe particularidades e competências específicas ao trabalho desenvolvido: o programa Sexualidade em Linha tem uma vasta experiência de contacto com jovens de vários perfis, e de uso das novas tecnologias para disseminar informação e para estabelecer linhas de contacto, tanto com jovens como com adultos. Esta experiência traz consigo uma percepção muito situada e actual sobre quais são as

principais necessidades no terreno. O Programa Escolhas, por seu lado, tem uma importância estratégica fundamental, na medida em que desenvolve iniciativas que já envolvem – em alguns casos com tradição de alguns anos – jovens de comunidades em situação de vulnerabilidade social, ao mesmo tempo que toma a inclusão digital como uma das suas prioridades. A equipa do EU Kids Online, como explanado acima, traz consigo o enquadramento científico que permite uma visão mais alargada de dinâmicas sociais em torno da tecnologia e da cidadania dos jovens.

Para este Projecto foi produzido um Referencial de Formação, um Manual de Sugestões e um Jogo Interactivo.

### **Referencial de Formação**

O Referencial de Formação serve como base e guia do processo e dos conteúdos produzidos. O seu objectivo é o de capacitar jovens identificados enquanto referências nas suas comunidades e adultos que trabalhem com jovens em contextos sociais de risco, no uso das várias ferramentas desenvolvidas para o projecto #ON\_Sex, e outras já anteriormente criadas. Este documento destina-se não aos destinatários finais do projecto, mas às pessoas que vão trabalhar com os destinatários finais: monitores de Inclusão Digital, técnicos de acção social, psicólogos e professores. O documento foi elaborado internamente pela APF, em preparação para as acções de formação que se seguiram.

O Referencial de Formação corresponde ao momento mais centralizado do processo, uma vez que requer formadores já familiarizados com o material e com os conceitos subjacentes à ideia de Direitos sobre Sexualidades, Saúde Sexual e Reprodutiva, que possam depois transmitir esses mesmos conhecimentos aos formandos.

A formação está pensada num modelo de *blended-learning* (*b-learning*), que implica uma componente presencial e uma componente diferida, *online*, num total de 30 horas (21 presenciais e 9 *online*). O Referencial compreende três grandes áreas de formação:

- Direitos Sexuais e Jovens, com conceitos básicos da área e documentação conexas;
- Estratégias de Trabalho em Direitos Sexuais, onde são introduzidos conceitos sobre trabalho com jovens nesta área e onde é explorado o papel que os dinamizadores podem ter nesse processo;

- Recursos em Direitos Sexuais, que explora as ferramentas digitais desenvolvidas no contexto deste projecto, bem como outros recursos existentes e que mobilizam a internet enquanto ferramenta e estimulante de participação jovem.

A componente de *b-learning* estimula os formandos a tomar contacto com a história dos Direitos Sexuais e Reprodutivos em contexto nacional e internacional, e a reflectir criticamente sobre o seu próprio papel potencial nesse processo, que poderão exercer através do seu papel de dinamizadores destes recursos junto de jovens em situação de precariedade social.

### **Acções de Formação**

As Acções de Formação constituíram a aplicação prática do Referencial de Formação, detalhado acima. Para a sua realização, foram abertas inscrições em vários momentos e em vários pontos do país. Antes tinham tido lugar duas acções de sensibilização – uma em Lisboa e outra no Porto – de forma a chamar a atenção para as Acções de Formação que se iriam realizar em breve.

As acções de sensibilização decorreram a 3 e a 7 de Novembro de 2014 (Porto e Lisboa, respectivamente). Estiveram presentes 17 pessoas no Porto e 21 em Lisboa. Na sua quase totalidade, os participantes nas acções eram monitores de Centros de Inclusão Digital (CID) ou dinamizadores comunitários de centros apoiados pelo Programa Escolhas. Este público-alvo foi visado em virtude da parceria com o Programa Escolhas, e na medida em que boa parte destes dinamizadores trabalham com o público-alvo final (jovens em situação de vulnerabilidade social) e com os meios desejados (os CID). Outros participantes vieram de centros culturais, associações de escolas, associações juvenis, instituições de protecção de crianças e jovens, e centros do IPDJ, para além de organizações feministas, entre outras. De modo a testar o Referencial de Formação em contexto prático, foi feita uma primeira Acção de Formação, experimental, no Porto, entre 28 de Novembro de 2014 e 16 de Janeiro de 2015. Também aqui a larga maioria dos participantes veio de centros do Programas Escolhas, tendo vários o papel de dinamizadores comunitários (portanto, sendo parte das respectivas comunidades onde se pretende alcançar os jovens).

Decorreram as seguintes formações:

- Porto, 13/02/2015 – 27/02/2015 (emitidos 10 certificados de conclusão)

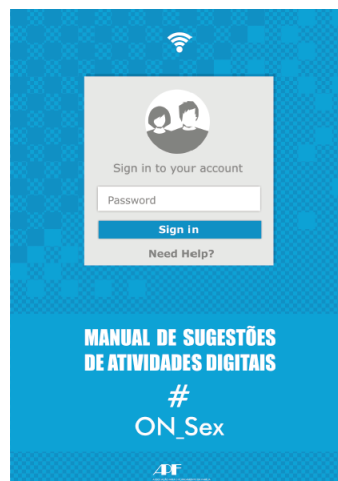
- Coimbra, 13/02/2015 – 27/02/2015 (emitidos 12 certificados de conclusão)
- Faro, 13/02/2015 – 27/02/2015 (emitidos 18 certificados de conclusão)
- Lisboa, 13/02/2015 – 27/02/2015 (emitidos 10 certificados de conclusão)
- Ansião, 15/06/2015 – 30/06/2015 (emitidos 12 certificados de conclusão)
- Lisboa, 05/10/2015 – 19/10/2015 (emitidos 25 certificados de conclusão)
- Madeira, 12/11/2015 – 25/11/2015 (emitidos 13 certificados de conclusão)

No total destas formações – incluindo os 10 certificados da acção experimental do Porto – estiveram envolvidas 110 pessoas.

Na medida em que vários momentos de formação foram frequentados por pessoas que não se conheciam, foi fundamental recorrer a alguns exercícios de ‘quebrar o gelo’, para os quais foi fulcral a experiência dos formadores da APF.

Como explicado acima, esta fase do Projecto foi fundamental, ao permitir que pessoas de diferentes contextos tivessem acesso aos materiais produzidos pela APF em colaboração com os outros parceiros, criando uma base de trabalho que irá ter um impacto alargado no tempo, ao identificar possíveis colaborações futuras, e também ao permitir a disseminação das ferramentas (digitais ou não) incluídas no Manual de Sugestões, e pensadas a partir do Referencial de Formação.

## Manual de Sugestões



O Manual de Sugestões de Atividades Digitais #ON\_Sex foi elaborado pela psicóloga, terapeuta sexual e formadora Sónia Araújo, como complemento à formação em «Educação para os direitos sexuais com jovens em ambiente digital», e como recurso autónomo. O Manual foi editado *online* em formato PDF e disponibilizado aberta e gratuitamente no site da APF, de forma a ter a máxima divulgação possível entre os públicos-alvo, sobretudo técnicos e professores que trabalham com jovens em contexto de vulnerabilidade social.

Este recurso reúne propostas de atividades para aprofundar e trabalhar os direitos sexuais elencados na Declaração da *International Planned Parenthood Federation*, de 2008. As propostas de atividades totalizam aproximadamente 50 horas de trabalho. A aplicação das atividades poderá ocorrer de forma individual ou em grupos de jovens em contexto de vulnerabilidade social.

Essas propostas tiram partido do ambiente digital, relacionando para cada atividade o tema trabalhado, os objetivos e os direitos sexuais implicados. Existe uma descrição explicativa dos passos a seguir, *links* (vídeos, campanhas, sites) para páginas a consultar, e referências à monitorização da atividade, essencial para o seu propósito educativo. Outra dimensão em que o Manual retira partido da lógica do digital tem que ver com o convite à partilha das percepções e conclusões dos participantes sobre o tema trabalhado em cada atividade no meio digital, remetendo-se para a página Facebook do projeto.

As atividades são dirigidas em largo espectro, cabendo ao dinamizador adequar ao seu público, em termos de idade, contexto de vida, situação familiar, habilitações académicas e literacia, e em termos de trabalho individual ou em grupo.

A produção deste Manual de Sugestões constitui um dos elementos mais importantes do projecto #ON\_Sex, na medida em que representa a junção da temática dos Direitos Sexuais com o uso das novas tecnologias, num sistema participativo e em ambiente de jogo, que promove a discussão e o assumir de posições pessoais sobre assuntos complexos.

### **Jogo Interactivo**

O jogo interactivo #ON\_Sex foi outra das principais produções do projecto, e envolve várias componentes. Graças às suas características técnicas: o facto de ser gratuito,



livremente acessível e facilmente utilizável em vários tipos de plataformas (inclusive plataformas móveis), o jogo é mais apelativo em situações informais e não-estruturadas. A dinâmica de jogo é utilizada como incentivo à participação, em especial de adolescentes e jovens adultos, com enfoque em jovens em situação de vulnerabilidade social. A estratégia de *gamification* potencia um envolvimento que não é identificado com a aprendizagem através de esquemas formais e expositivos.

As actividades do jogo dividem-se em quatro áreas: Género e Violência de Género; Planeamento Familiar; Saúde Sexual e Prazer; Sexualidade e Projecto de Vida. Dentro de cada uma existem vários tipos de mini-jogos, que geralmente implicam exercícios de escolha múltipla por entre várias opções. Consoante o tema e o mini-jogo escolhido, tanto pode tratar-se de encontrar as definições certas para um conjunto de termos, como fazer uma avaliação pessoal de uma situação-tipo apresentada. Mais do que pretender ensinar um conjunto fixo de informações sobre sexualidade e saúde sexual, o jogo pretende promover o pensamento crítico através do desafio à reflexão sobre cenários que se podem colocar no dia-a-dia de quem utiliza o jogo.

Outra componente é a da certificação: os utilizadores podem ser testados sobre os conhecimentos que adquiriram ao longo da sua interacção com o jogo e, a partir daí, obter por parte da plataforma o reconhecimento da sua aquisição de saberes e competências de gestão de questões associadas com sexualidade, saúde sexual, discriminação de género, entre outras. Existe também um glossário para consulta rápida de termos que possam ser pouco claros. Mesmo que os jovens não consigam acertar nas respostas de avaliação – ou nos outros jogos – a plataforma oferece *feedback* construtivo sobre o que foi feito, de maneira a auxiliar o jovem a fazer uma nova tentativa no mesmo jogo, ou a passar para outro.

Pela sua grande complexidade técnica a nível da construção da plataforma online, à altura da redacção deste Relatório, o jogo estava ainda a terminar a fase de testes públicos, em que era recolhido o *feedback* enviado por utilizadores vindos de vários contextos. Espera-se que a versão final esteja disponível durante Fevereiro de 2016.

### **Página de Facebook**

Foi criada, no arranque deste projecto, uma página do Facebook – ON\_Sex –, com o objectivo de dar a conhecer as actividades dinamizadas ao longo da duração do mesmo.

Um segundo objectivo visou a promoção de debate e diálogo em torno de questões sobre direitos sexuais, em especial envolvendo directamente os jovens destinatários finais do projecto. Em terceiro lugar, a página serve como meio de divulgação para medidas, notícias e alertas em torno dos temas tratados pelo projecto.

Desta forma, mesmo depois de as acções de formação terem terminado, e mesmo em casos em que os dinamizadores que trabalham com jovens não têm disponibilidade ou possibilidade de manter um acompanhamento mais diverso, ao nível de temáticas ou de tempo investido, continua a existir um recurso para o qual esses jovens podem ser reencaminhados.

Os conteúdos da página são curados e dinamizados pela APF, e consistem maioritariamente na partilha de *links* informativos, em Português, que ocasionalmente são acompanhados de pedidos de posicionamento a quem vê essas partilhas. Procura-se que os conteúdos sejam mobilizáveis pelos próprios jovens e lhes confirmem conhecimentos e informações que os mesmos possam utilizar no seu quotidiano, para além de ficarem mais adequadamente informados acerca do contexto social e legal em torno dos direitos sexuais em Portugal.

## **Campanhas**

No total do projecto, houve quatro campanhas de divulgação e sensibilização para o projecto e para as temáticas, três delas através do Facebook e uma presencial. Foram:

1. O lançamento da página de Facebook (25 de Novembro de 2015);
2. Uma campanha através da página do Facebook pelo Dia dos Namorados (14 de Fevereiro de 2015); com postais digitais a serem divulgados no Facebook por várias páginas associadas à APF;
3. Uma presença física, com actividades, nas iniciativas do Dia Internacional da Juventude, no Jamor (12 de Agosto de 2015), em que a temática foi a violência de género, e com a participação de vários jovens nas actividades promovidas; ao mesmo tempo, uma iniciativa paralela em colaboração com o serviço Sexualidade em Linha colocou vários jovens a discutir sobre Direitos Sexuais, e a obter mais informações;

4. Uma campanha através da página do Facebook dedicada à questão dos direitos sexuais em contexto de *cyberbullying* (23-30 de Novembro de 2015).

O lançamento da página do Facebook permitiu uma rápida disseminação da existência do projecto; no entanto, e como referido na secção de análise de resultados, a divulgação teve algumas dificuldades em alcançar o público-alvo final, especialmente nesta primeira fase.

A campanha de 14 de Fevereiro ligou uma efeméride famosa e associada com relações amorosas e sexuais à reflexão sobre Direitos Sexuais, lembrando a importância de questões de diversidade, do namoro como um sítio potencial para violência de género, e para valores como a privacidade, particularmente relevante em contexto digital, uma vez que telemóveis ou contas em redes sociais têm cada vez mais informações pessoais sobre quem os usa.



As actividades no Jamor incluíram a participação dos jovens num pequeno *quiz* com a possibilidade de, depois, tirar uma fotografia junto de um cartaz da Sexualidade em Linha. O objectivo, caso o jovem desejasse, era que o próprio colocasse a fotografia nas suas redes sociais, de forma a criar mais visibilidade junto de jovens para a Sexualidade em Linha.

A campanha dedicada a alertar para situações de *cyberbullying* que envolvem violações de direitos sexuais consistiu na partilha de imagens com situações reais, pedindo a quem visse a imagem que se posicionasse e reflectisse sobre o acontecimento, para além de fornecer um *link* que elucidava ou acrescentava mais detalhes sobre o caso em questão.

Esta campanha foi precedida de uma ronda de pedidos de mais exemplos e situações, tanto por e-mail a parceiros-chave das organizações envolvidas no #ON\_Sex, como através de imagem publicada no Facebook, como pode ver-se abaixo.



## **Sexualidade em Linha**

O serviço de Sexualidade em Linha oferece esclarecimento de dúvidas relacionadas com sexualidade, saúde sexual e saúde reprodutiva, tanto através de telefone como através de e-mail. Este serviço foi recomendado e divulgado durante as acções de formação e estima-se que algumas das chamadas e e-mails tenham sido originados pela sensibilização feita pelo ON\_Sex.

## **Encontros de Jovens**

Durante o decorrer do projecto foram organizados dois Encontros de Jovens, um na zona de Lisboa (14 e 15 de Novembro de 2015) e outro na zona do Porto (27 e 28 de Novembro de 2015). Em ambos o acesso dos jovens ao evento foi facilitado pela disponibilização da Pousada da Juventude para o alojamento, uma vez que os Encontros decorreram durante dois dias.

O objectivo destes encontros foi trabalhar directamente com jovens, discutindo com eles os temas ligados aos Direitos Sexuais, e também procurar compreender mais aprofundadamente de que forma os jovens entendem o seu próprio papel na defesa e promoção dos Direitos Sexuais junto dos seus pares.

Em alguns aspectos, estes encontros emularam as acções de formação referidas acima, com adaptações tendo em conta os diferentes objectivos e pessoas envolvidas. A apresentação de alguns jogos e actividades propostos no Referencial de Formação permitiu a estes jovens não só exercitar competências de debate e reflexão em torno destes temas,

mas também entrar em contacto com ferramentas que poderão utilizar com pares ou em contextos mais formais.

Note-se que o perfil sociodemográfico da maior parte dos jovens que participou nestas actividades se encontra claramente acima dos destinatários finais do projecto, já que bastantes tinham formação superior, ou pertenciam a organizações formais. É de destacar, não obstante, que alguns jovens do Programa Escolhas também participaram nesta iniciativa, constituindo um dos contactos mais directos com o público-alvo final do projecto.

### **Seminário de Encerramento**

O Seminário “Direitos Sexuais dos Jovens” decorreu no dia 2 de Dezembro 2015, na Fundação Calouste Gulbenkian.

O programa contou com representantes dos parceiros envolvidos no Projecto, que vieram apresentá-lo e detalhar os vários elementos que fizeram parte do mesmo, com especialistas nacionais e com representantes de várias organizações e grupos na área dos Direitos Sexuais e Género. Estes participantes promoveram uma reflexão acerca do papel da internet e novas tecnologias para a operacionalização das suas actividades, tanto *offline* como *online*. O programa contou ainda com a participação de um convidado internacional, Marco Scarcelli, da Universidade de Padova, Itália, com investigação em torno da utilização que os jovens fazem da internet e das novas tecnologias para fins associados com as suas vidas íntimas, com a sua sexualidade e com o consumo de *media* sexualizados.

A divulgação deste evento foi feita através de todos os parceiros do Projecto, da própria Fundação Gulbenkian, e do Facebook e outras redes sociais. O nível de inscrições (81) foi bastante elevado e acima do esperado por parte da organização. No total, o Seminário de Encerramento contou com a presença e participação de mais de 60 pessoas, que deixaram o seu registo.

## Projecto #ON\_Sex – Análise de actividades

### Referencial de Formação

Este Referencial de Formação opera enquanto condensação dos principais objectivos do Projecto #ON\_Sex, e marca o tom da iniciativa. Enquanto outras iniciativas de literacia focadas na sexualidade e saúde sexual têm uma abordagem mais próxima de questões práticas e apostam em saberes de ordem fisiológica, médica ou psicológica, este projecto enfatiza de forma mais central a questão dos Direitos.

Esta especificidade afecta o processo de formação de duas formas diferentes: em primeiro lugar, é menos provável que os formandos iniciais, ainda que possam ser literatos sobre questões de saúde sexual e reprodutiva, tenham conhecimentos aprofundados sobre a legislação e outra documentação vigente em torno dos *direitos* sobre sexualidade e reprodução; em segundo lugar, e pela lógica específica dos processos de cidadania activa e participativa que se pretendem fomentar através deste Projecto, o enfoque é menos colocado na aquisição de um conjunto fixo de saberes e mais na aquisição de competências de discussão e reflexão crítica sobre valores e princípios, bem como a sua aplicação prática em situações do quotidiano.

É assim que mais facilmente se entende a estrutura deste Referencial: a primeira parte serve para colocar os formandos a par dos princípios e documentos que dizem respeito aos Direitos Sexuais vigentes em Portugal – com uma perspectiva histórica e cultural – e a segunda parte fornece-lhes competências de dinamização de debates, sugestões de actividades para conseguir estimular discussão e posicionamentos críticos, e para problematizar o próprio envolvimento dos formadores (a nível pessoal, emocional e experiencial) no processo de disseminação de competências dentro desta área.

A terceira área lida mais directamente com os novos *media* – o foco é usar recursos que estejam disponíveis na internet, como vídeos, artigos e outros materiais interactivos, para suscitar discussão e promover reflexão por entre os destinatários finais da medida. Apesar da diversidade de meios considerados no contexto desta formação, é importante destacar que os direitos, as oportunidades e riscos relacionados com questões de sexualidade e saúde reprodutiva decorridos em contexto digital não são o elemento principal. De facto, utilizam-se aqui recursos digitais, mas o ambiente digital não é tido como preocupação central no desenrolar das dinâmicas precavidadas ou pressupostas nos exercícios de reflexão sobre direitos. Ainda assim, dada a natureza mais conceptual dos

materiais e do tema, seria simples adaptar os exercícios e materiais para contemplar também situações passadas em contexto digital.

O Manual de Sugestões, o Jogo e a página do Facebook #ON\_Sex, que correspondem a algumas das principais produções realizadas no contexto deste projecto, tomam principal destaque no plano do Referencial, uma vez que constituem materiais originais. O Referencial cumpre o seu papel de apresentação e divulgação destes recursos, autonomizando o seu uso por parte dos formandos, que poderão depois utilizá-los junto dos jovens com que trabalham ou virão a trabalhar.

### **Acções de Formação**

As acções de formação constituem o elemento do projecto que mais de perto foi possível à equipa do EU Kids Online acompanhar. Em quase todas as sessões de formação decorridas em Lisboa houve pelo menos uma pessoa da equipa a fazer o registo da sessão e também a participar, ocasionalmente, na discussão (para, por exemplo, esclarecer factos sobre uso das novas tecnologias decorrentes de investigação) e nos exercícios empregues pela formadora. Os resultados deste trabalho de campo podem ser consultados no Anexo 2, apenso a este documento.

No geral, e tomando as formações de Lisboa como exemplo, as pessoas que participaram nestas iniciativas estavam profundamente motivadas e dedicadas a explorar a fundo as questões colocadas durante a formação. Não obstante, essa motivação não era sempre acompanhada de algumas das competências pressupostas pelo processo de formação – em alguns casos, as pessoas que frequentaram a formação poderiam eventualmente vir a trabalhar com jovens, mas não o estavam a fazer de momento; noutros, a posse de conhecimentos, correctos e aprofundados em maior ou menor grau, sobre sexo e sexualidade não eram acompanhados de uma perspectiva mais teórica ou conceptual, fundamental quando o assunto em questão são Direitos. Isto traduzia-se, na prática, em dificuldades sentidas em vários momentos de estruturação de argumentos e de passagem dos casos concretos à abstracção. Tal dificuldade sugere uma falta de hábito – estrutural – em tratar a sexualidade como um elemento político de pleno direito, para além da abordagem subjectiva ou médico-fisiológica e psicológica.

Outro elemento presente em várias situações de formação foi a diversidade de contextos de origem dos formandos. Esta diversidade operava de forma dupla: por um

lado, enriqueceu as sessões ao permitir relatos na primeira pessoa e assim evitar generalizações abusivas ou quedas em estereótipos. Por outro lado, essas diferenças de experiências permitiram que os formandos se desafiassem mutuamente, colocando em causa conhecimentos que pareciam estabilizados ou tomados como auto-evidentes – algo que funcionou ao nível das representações de género, de sexualidades consideradas não-normativas, e ao nível da diversidade étnica, algo de relevância para alguns contextos de vulnerabilidade social com que, por exemplo, o Programa Escolhas trabalha de perto.

Isto implica reconsiderar ou reformular um dos pressupostos de base deste Projecto: com base nestas observações – e reconhecendo que não constituem uma amostra generalizável –, um obstáculo para a realização dos Direitos Sexuais dos jovens em situação de vulnerabilidade pode ser constituído pelos próprios técnicos e outros educadores que trabalham junto desses jovens e que constituem as suas figuras de referência para estes temas. Não no sentido individual, mas contextual e social: a avaliar por esta amostra de pessoas altamente motivadas e competentes, e portanto potencialmente acima da média expectável para Portugal, existe um défice generalizado de cultura para a cidadania enquanto política, enquanto exercício de direitos e responsabilidades. Este défice é mais forte ainda quando se trata de entender Direitos Sexuais enquanto subconjunto dos Direitos Humanos. Não houve, na generalidade, dificuldades cognitivas por parte dos formandos em apreender os conceitos ou acompanhar as discussões – tratou-se antes de uma falta de habituação em estruturar o pensamento acerca deste tema no contexto sociopolítico. Nessa medida, e segundo o *feedback* de vários formandos durante as formações, o valor destas formações foi também profundamente pessoal para eles.

O conhecimento mais formal não é, no entanto, um *fait accompli*. Apesar de se estar perante um público que dominava o tema do ponto de vista dos saberes médicos, não deixaram de se verificar lacunas no que diz respeito à educação para a diversidade sexual e de género. Ou seja, temáticas que se desviavam demasiado de um padrão heteronormativo e cisgénero criavam entropia nos trabalhos de grupo, e eram os momentos em que mais se tornavam evidentes os diferenciais de prática e formação de algumas das pessoas. Isto foi visível nas formações em Lisboa a que o EU Kids Online teve acesso privilegiado, mas também se pode concluir a partir das memórias descritivas de várias acções de formação decorridas noutros pontos do país (Anexo 3), onde é feito notar o enfoque em questões de saúde sexual, em detrimento das questões de Direitos Sexuais, e onde até grupos inteiros de formandos revelaram nunca se terem questionado sobre o conceito de Direitos Sexuais. Tal



remete para as queixas, já com anos, de professores que tiveram que dinamizar aulas sobre educação sexual e saúde sexual sem que isso estivesse abrangido na formação que receberam, e que apresenta falhas mesmo aos níveis mais elementares.

A reforçar esta conclusão estão as avaliações feitas pelos próprios formandos. Esmagadoramente positivas, elas reforçam a importância destas formações e o quanto constituíram uma mais-valia para eles próprios. Atestam também a qualidade dos materiais e do pessoal da APF que tomou a seu cargo a condução das ações de formação. As memórias descritivas e as avaliações contêm também sugestões que poderão ajudar a melhorar e tornar mais dinâmicas as ações de formação.

Um elemento inesperado e que não consta dessa documentação foi a dificuldade de conseguir gerar inscrições suficientes para, em alguns casos, conseguir iniciar os cursos de formação. Seja por problemas de divulgação eficaz das iniciativas, seja por questões contextuais ou de calendário, conseguir obter inscrições de formandos com o perfil desejado foi mais difícil do que inicialmente previsto, o que também explica a muito maior diversidade entre os formandos. O contexto de crise económica e o calendário de fase final da geração Escolhas podem também ter tornado menos apelativa, a nível institucional, a possibilidade de alocar recursos para enviar pessoas para uma formação sobre algo aparentemente conceptual quanto Direitos Sexuais, ainda que boa parte da formação tenha um carácter prático e de tomada de contacto com ferramentas mobilizáveis no terreno. Pode também relacionar-se com a forma ambivalente como Portugal tem lidado com esta temática: por um lado, um interesse enorme por parte de quem está a lidar com as situações e, por outro, um receio de tomar decisões ou partilhar iniciativas que tenham uma postura mais crítica e que operem enquanto sistemas de capacitação destes jovens.

## **Manual de Sugestões**

O Manual de Sugestões de Atividades Digitais #ON\_Sex foi divulgado durante as ações de formação Educação para os direitos sexuais com jovens em ambiente digital, bem como no Seminário de Encerramento.

No Seminário de Encerramento, o Manual teve boa aceitação, tanto de técnicos de inclusão digital, mais diretamente envolvidos com populações sob especial vulnerabilidade económico-social, como por parte de professores e psicólogos presentes no evento, que manifestaram o seu agrado quanto ao formato e espírito do recurso. Considerou-se que o

Manual oferece uma base de trabalho sustentada para estratégias informais de literacia para a saúde sexual, e para abordar as temáticas, tão relevantes no dia-a-dia das escolas, do ponto de vista dos direitos e da cidadania. Por estas razões, embora o Manual tivesse sido desenvolvido tendo em vista uma implementação sobretudo fora do ambiente da escola, a equipa do EU Kids Online recomendou à APF a sua divulgação também entre professores, potencialmente com utilização nesse ambiente, mesmo que fora da sala de aula.

O Manual de Sugestões não é prescritivo nem normativo, antes assenta numa metodologia de aprendizagem através da discussão e apropriação dos recursos pelos grupos específicos, em função dos seus contextos e particularidades. Os recursos que operacionaliza não são construídos com uma matriz prévia, provêm da própria cultura dos jovens, sobre os quais se convida a ter um olhar mais aprofundado e a refletir. Nesse sentido, o Manual oferece um modelo flexível, que pode ser adaptado a diferentes contextos, e mostra potencial para ser atualizado no que diz respeito a referências, *links* e temáticas, respondendo à evolução dos tempos e das próprias dinâmicas culturais.

Apesar dos esforços da APF, não houve sinalização por parte dos formandos sobre a aplicação das atividades do Manual antes do final do projeto, pelo que não foi possível à equipa consultora acompanhar a implementação.

Contudo, é seguro afirmar que este documento constitui um importante recurso para abordar as literacias digitais e da saúde em termos de valores e atitudes, quer pela sua originalidade em termos de abordagem, quer pela abrangência e flexibilidade que permite. Ao utilizar recursos digitais e convidar à consulta e à partilha de conteúdo, e ao incentivar à reflexão sobre conteúdos dos *media*, o Manual dá um contributo para o fortalecimento das competências críticas essenciais na literacia dos *media*, bem como numa cidadania ativa.

### **Jogo Interactivo**

O jogo interactivo encontra-se ainda em fase de testes, pelo que esta análise é preliminar e trata apenas do papel que este desempenhou durante o Projecto.

Um dos elementos mais importantes a retirar da experiência de desenvolver o jogo para este projecto tem que ver com a imponderabilidade tecnológica: devido a problemas impossíveis de prever ao nível técnico, a preparação da plataforma para o jogo teve atrasos que foram para além das expectativas iniciais. Outra parte dessa experiência teve que ver

com a mudança de objectivos e especificações técnicas do jogo. Inicialmente, este estava pensado para operar a partir de CD-ROM ou USB, ou para ser instalado em terminais específicos, onde poderia vir a ser usado para dinamizar actividades que se cruzassem com o Manual de Sugestões. Depois de consulta a parceiros, e a partir da vontade expressa pela equipa do EU Kids Online Portugal de que houvesse forma de recolher estatísticas de utilização a longo prazo, de modo a permitir avaliar do impacto e disseminação da plataforma, decidiu-se alterar a plataforma e alojar o jogo na internet, com um acesso totalmente aberto.

Considerou-se também que este era o modelo que mais fielmente seguia os princípios de acessibilidade e de disseminação descentralizada que tão fortemente marcaram outros produtos criados no contexto desta formação.

Uma vez que o jogo se encontra ainda em versão de testes, não se realizou uma disseminação forte e generalizada, pelo que os dados que se apresentam abaixo reflectem os resultados de uma divulgação mais limitada, em que se apostou num período de cerca de dois meses para testar a plataforma, a recolha de dados e os próprios conteúdos. Os dados que em seguida se apresentam foram recolhidos através da plataforma Google Analytics, configurada para recolher anonimamente os dados do tráfego correspondente às várias páginas do *site* que aloja o jogo. Os dados dizem respeito ao tráfego verificado entre 13 de Dezembro de 2015 e 30 de Janeiro de 2016, inclusive.

Como pode verificar-se, o jogo foi ainda acedido poucas vezes (227 sessões) e por um número relativamente restrito de pessoas (153 utilizadores), mas foi, ainda assim, testado já com alguma profundidade, tendo em conta as mais de duas mil visualizações de página individuais, e a média de quase dez páginas por cada sessão. A duração média das visitas chega perto dos 15 minutos, um número considerável para o contexto de um jogo educativo ainda em testes, mas que pode também dever-se à motivação acrescida de quem acede nesta fase e pretende auxiliar com o teste da plataforma.

Têm também existido acessos que não estão directamente relacionados com pedidos de teste por parte de algum parceiro do projecto, o que leva a crer que, com um esforço mais intenso de divulgação, o jogo poderá facilmente tornar-se conhecido e portanto um recurso conhecido e frequentemente utilizado.

O quadro seguinte mostra quais as páginas mais visitadas, onde se destacam os jogos relacionados com questões de género e sexualidade. Com o passar do tempo e o

aumento da utilização da plataforma, será possível perceber que temas mais apelam aos utilizadores do jogo. Em conjunto com o fluxograma de acesso, pode verificar-se que rapidamente os utilizadores procuraram a função de avaliação que o jogo oferece, e que permite a auto-avaliação dos conhecimentos. Porém, e de acordo com *feedback* recebido pelos vários parceiros informalmente, o facto de o jogo não explicitar quais as respostas certas e erradas dadas – porque o objectivo do jogo é o de produzir reflexão sobre Direitos ao invés de apenas apresentar uma resposta como sendo ‘a correcta’ – gera algum desconforto, já que assim não é possível perceber exactamente que pontos é necessário trabalhar mais aprofundadamente.

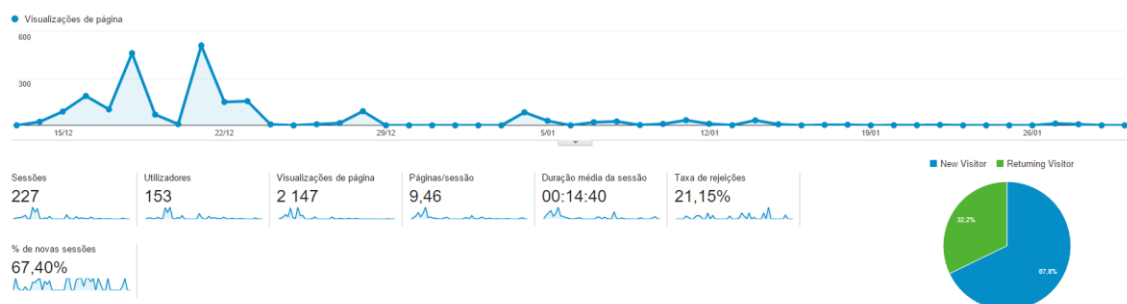


Gráfico 1 – Visitas ao jogo interativo #ON\_Sex e dados de resumo









Página ?	Visualizações de página ? ↓	Visualizações de página únicas ?	Tempo médio na página ?	Entradas ?
	<b>2 147</b> % do total: 100,00% (2 147)	<b>810</b> % do total: 100,00% (810)	<b>00:01:44</b> Média por visualização de propriedade: 00:01:44 (0,00%)	<b>227</b> % do total: 100,00% (227)
1. /genero/1/ 	<b>439</b> (20,45%)	<b>131</b> (16,17%)	00:01:34	<b>98</b> (43,17%)
2. /genero/2/ 	<b>239</b> (11,13%)	<b>91</b> (11,23%)	00:02:16	<b>32</b> (14,10%)
3. /sexualidade/12/ 	<b>231</b> (10,76%)	<b>60</b> (7,41%)	00:01:08	<b>18</b> (7,93%)
4. /planeamento-familiar/4/ 	<b>182</b> (8,48%)	<b>58</b> (7,16%)	00:01:44	<b>9</b> (3,96%)
5. /planeamento-familiar/3/ 	<b>172</b> (8,01%)	<b>63</b> (7,78%)	00:01:45	<b>13</b> (5,73%)
6. /saude-sexual/10/ 	<b>144</b> (6,71%)	<b>55</b> (6,79%)	00:01:27	<b>13</b> (5,73%)
7. /planeamento-familiar/avaliacao/ 	<b>104</b> (4,84%)	<b>22</b> (2,72%)	00:02:16	<b>4</b> (1,76%)
8. /saude-sexual/11/ 	<b>100</b> (4,66%)	<b>37</b> (4,57%)	00:01:40	<b>7</b> (3,08%)
9. /saude-sexual/9/ 	<b>73</b> (3,40%)	<b>26</b> (3,21%)	00:02:47	<b>1</b> (0,44%)
10. /planeamento-familiar/5/ 	<b>65</b> (3,03%)	<b>37</b> (4,57%)	00:01:02	<b>1</b> (0,44%)

Tabela 1 – Visitas ao jogo interativo #ON\_Sex, por página; top 10



Fluxograma 1 – Visitas ao jogo interativo #ON\_Sex, organizadas por fluxo de acesso

## **Página de Facebook**

Este foi um dos elementos do projecto mais discutido no seu início, no que diz respeito ao formato a adoptar. A ideia original apontava mais para a execução de um grupo secreto de Facebook, onde os jovens que tivessem tido contacto com as iniciativas deste projecto pudessem juntar-se e obter informações que poderiam disseminar junto dos seus pares, mantendo assim a dinâmica com o enfoque na sua capacitação junto de amigos, colegas e vizinhos. No entanto, por questões de privacidade dos próprios jovens, e pelo quão intensivo em termos de mão-de-obra poderia ser a gestão de um grupo secreto, decidiu-se que o modelo de Página seria mais adequado, possibilitando os principais objectivos propostos com este elemento.

A Página foi criada e num primeiro momento divulgada a membros das equipas participantes, a pessoas ligadas ao EU Kids Online e a outras redes de contactos pessoais dos intervenientes no projecto. Quando as acções de formação começaram a ser desenvolvidas, a Página foi divulgada junto dos formandos, para que estes pudessem, por sua vez, convidar os jovens com quem trabalham a juntar-se à Página e ter acesso aos conteúdos lá partilhados.

À altura do fecho deste Relatório, a Página contava com 732 “likes”, 75% dos quais do género feminino e 24% do género masculino, de acordo com a ferramenta *Insights* do Facebook. Por idades, 10% das pessoas do género feminino tinham entre 13 e 24 anos, contra 4% das pessoas do género masculino. No que diz respeito à participação dos utilizadores na página, e tomando os últimos 180 dias de dados<sup>1</sup>, a média diária é de 11 interações com conteúdos da Página, com um pico nos dias 3 e 4 de Dezembro, logo a seguir ao seminário de encerramento pública (dia 2 de Dezembro), com uma média de 5 utilizadores por dia a falarem da Página. Para o mesmo período, o alcance médio é de 150 utilizadores, de novo com picos nos dois dias mencionados. As impressões (o número de vezes que algum conteúdo da Página aparece, seja sob que forma for) atingiram uma média diária de 371.

A partir destes resultados é possível concluir dois pontos: a participação activa de utilizadores do Facebook, vista através de comentários ou partilhas, é consideravelmente baixa; e, pelo menos até ao presente momento, o recorte demográfico apresentado pelos utilizadores está bastante deslocado do alvo originalmente pretendido. Isto sugere que o

---

<sup>1</sup> Limite máximo do Facebook que, para efeitos desta análise, contempla o período entre 26/7/2015 e 22/1/2016, inclusive.

conteúdo pode estar a chegar a pessoas que trabalhem com jovens ou que se interessem pela temática dos direitos sexuais em sentido geral, mas que não está a chegar aos principais destinatários do projecto.

Poderão existir várias razões para isto: os jovens não estarem à vontade para se exporem através das redes sociais partilhando este tipo de conteúdos e colocarem comentários e “likes”; ou não ter sido ainda possível atrair jovens suficientes por falta de divulgação directa junto dos destinatários finais do projecto. Assim, e ainda que este modelo de gestão de conteúdo possa funcionar de acordo com uma lógica de disseminação de material e recursos, a componente participativa e proactiva que se quer fomentar necessita de outra estratégia de comunicação .

### **Campanhas**

No geral, as campanhas tiveram sucesso limitado. As iniciativas que envolveram participação presencial foram muito bem recebidas, e várias das imagens foram partilhadas múltiplas vezes. Ainda assim, não se registaram discussões em contexto da Página do Projecto, o que pode ser explicado através da já referida diferença entre os destinatários finais da Página e as pessoas que efectivamente a tinham subscrito na altura.

Ainda assim, é possível que as partilhas possam ter suscitado conversas sobre Direitos Sexuais, tanto em perfis alheios ou mensagens privadas, como em contactos fora do Facebook. Nesse aspecto, a natureza destas iniciativas dificulta por vezes a recolha de informações que permita compreender o real alcance das campanhas.

### **Sexualidade em Linha**

Não foi possível determinar exactamente quantos contactos foram feitos para a Sexualidade em Linha a partir de actividades relacionadas com este Projecto. No entanto, o facto de este Projecto fazer a ligação entre diferentes recursos demonstra a sua flexibilidade, e ajuda os jovens a decidir por si mesmos que tipo de informação e de materiais necessitam num determinado momento, uma vez que o exercício crítico da cidadania está dependente da percepção, por parte dos jovens, de que recursos existem e como podem ter acesso a eles.



De acordo com os dados fornecidos pelo IPDJ, confirmam-se a nível nacional alguns dos resultados e observações feitas a nível internacional: que há marcas profundamente genderizadas na busca de informação sobre sexualidade e saúde sexual. A responsabilidade de recolher e mobilizar informação sobre os aspectos mais básicos e funcionais da sexualidade e saúde sexual é feita recair primariamente sobre raparigas, reforçando uma performatividade de género normativa, em que elas são as cuidadoras, e eles os curiosos.

### **Encontros de Jovens**

Os Encontros de Jovens, avaliados aqui a partir das memórias descritivas dos eventos e das avaliações entregues pelos jovens participantes, tiveram bastante sucesso. No entanto, há a registar que houve dificuldades de conseguir, inicialmente, jovens suficientes para adesão às iniciativas, mesmo perante as facilidades de transporte e alojamento que foram disponibilizadas. Esta dificuldade pode ter tido que ver com problemas de calendarização do evento, sobreposição com outras iniciativas mais locais, ou por uma disseminação de informação não tão atempada quanto necessário.

De acordo com a informação disponibilizada pela APF, os jovens que participaram nos eventos estavam bastante empenhados e valorizaram consideravelmente a iniciativa. Vários consideraram, à semelhança de quem tinha recebido formação a partir do Referencial, que era importante que existissem estes espaços de reflexão sobre sexualidades. O dinamismo da discussão, e a adesão entusiasta a muitos dos exercícios mostra como eles se adequam a esta faixa etária e aos fins a que se propõem.

Ainda assim, a maioria dos jovens que participaram continuam a não corresponder necessariamente ao *target* final do Projecto: tinham frequência ou conclusão do Ensino Superior e estavam associados a organizações (como a própria APF ou a rede *ex aequo*). Neste sentido, será ainda necessário explorar mais atentamente a forma como os jovens em situação de vulnerabilidade social, porventura desabitutados de reflectir sobre abstracções em torno de Direitos, ou de ver validado o exercício dos mesmos.

## **Seminário de Encerramento**

O Seminário de Encerramento foi um momento importante de divulgação do Projecto, na medida em que juntou pessoas interessadas de diferentes sectores – entre academia, investigação, docência, saúde e outros – para discutir os vários papéis que as novas tecnologias têm na promoção dos Direitos Sexuais e também na área da igualdade de género e contra a discriminação sexual.

A cobertura noticiosa do evento, principalmente por parte do jornal *Público*, ajudou também a visibilizar o evento.

Para além de dar a conhecer o que foi feito durante o Projecto, o Seminário permitiu aos participantes ficar a saber que ferramentas tinham à sua disposição e quais as lógicas por detrás da sua implementação, abrindo novamente o leque de pessoas informadas sobre as potencialidades destas ferramentas.

## **Direitos, Vulnerabilidades, Tecnologias e Sexualidades – Tensões e dinâmicas contemporâneas**

Na busca da promoção de Direitos Sexuais junto de jovens em situação de vulnerabilidade social, o Projecto #ON\_Sex procurou recorrer a recursos e iniciativas que os próprios jovens valorizam e consideram mobilizadores. Nesse sentido, o Projecto produziu ferramentas e recursos sólidos, cuja aplicabilidade e impacto ultrapassa largamente o prazo de encerramento oficial desta iniciativa, e portanto cujo impacto tem de ser considerado a médio e longo prazo, e não apenas no imediato. Será fundamental continuar a acompanhar a implementação destes materiais e assim compreender como se disseminam e crescem estas acções enquadradas dentro de um projecto educativo com objectivos claros.

O Referencial, o Manual de Sugestões e o próprio Jogo Interactivo são produtos educativos com alargado alcance: uns podem ser utilizados em contextos educativos tanto formais como não-formais, e outros podem ser utilizados de forma completamente autónoma por parte de jovens, sem qualquer tipo de supervisão. Todos podem servir como material de consulta, ou podem facilitar actividades mais interactivas e dinâmicas, assentes numa componente grupal.

Ademais, e em especial no caso do Jogo Interactivo, a possibilidade de monitorização automática do seu uso e o facto de estar numa plataforma flexível permitem um acompanhamento progressivo do uso desta ferramenta e, através disso, um trabalho constante de melhoria dos conteúdos e do funcionamento da mesma. Ao invés de um produto fixo e datado, passa a ser possível à APF – por exemplo, através de colaboração com outras entidades – adaptar e actualizar este recurso.

Ao mesmo tempo, e com a recente garantia de que o Programa Escolhas vai entrar brevemente na sua 6ª geração, continuando a permitir o apoio de comunidades de jovens em situação de risco de exclusão social, está aqui uma oportunidade-chave para a mobilização a nível nacional dos recursos assim desenvolvidos, incorporando o Referencial, o Manual e o Jogo na lista de recursos básicos a disseminar aos coordenadores locais.

Ainda assim, existem elementos a melhorar. Em primeiro lugar, na maior parte dos elementos apresentados no Jogo Interactivo e no Manual de Sugestões, a internet é operacionalizada enquanto ferramenta que permite a aquisição de direitos e competências. Ora, ainda que tal seja verdade, as dinâmicas específicas da internet e as variações que

apresenta a problemas que a precedem (e.g.: questões de privacidade não se iniciaram apenas com a internet, mas esta facilita um grau de descontrolo bem superior ao que até então era possível) tomam ainda pouco espaço, e o cruzamento entre Direitos Sexuais e Direitos Digitais necessita de ser mais aprofundado, com mais atenção dedicada à internet como um conjunto de espaços onde os Direitos Sexuais também precisam de ser defendidos e pensados, tal como em espaços físicos. Em segundo lugar, e por razões que estão totalmente fora do controlo de qualquer uma das organizações, o contexto português no que diz respeito à Educação Sexual apresenta peculiaridades importantes que têm impacto para um projecto com estas características. Há uma resistência estrutural à ideia de Educação Sexual, tanto cultural como política, e aquela que existe tem, como pôde ver-se na contextualização que abre este Relatório, falhas graves ao nível da implementação e das próprias orientações recebidas. Por fim, as especificidades culturais de algumas destas comunidades que incluem jovens em contexto de vulnerabilidade social – por pertenças étnicas várias, por exemplo – merecem também uma atenção especial, dado o historial de “racismo subtil” que caracteriza, de acordo com a ONU, o panorama português, tendo em conta o quanto os temas da sexualidade e do género são culturalmente investidos, tanto no Norte Global (Royal Geographical Society 2015) como fora dele.

Não são apenas os jovens em situação de exclusão social que necessitam de uma maior preparação para fazer valer os seus Direitos Sexuais, mas também os adultos (não socialmente excluídos) que necessitam de se responsabilizar por adquirir essa mesma componente de literacia. Uma política baseada em direitos não pode escusar-se a reflectir sobre o reconhecimento – de direitos e de agenciamento político devido a jovens por parte do resto da sociedade, que frequentemente se ocupa mais com a gestão dos seus corpos e sexualidades do que com a promoção dos seus Direitos Sexuais. Nesse sentido, é também importante desafiar dinamizadores comunitários, formadores e gestores de projectos de inclusão social a reflectir sobre o que estes materiais, estas iniciativas e estas perspectivas sobre os Direitos Sexuais lhes podem ensinar.

## Bibliografia

- Cardoso, Gustavo, Sandro Mendonça, Tiago Lima, Miguel Paisana, e Marta Neves. 2014. «A Internet em Portugal - Sociedade em Rede 2014». Lisboa: OberCom.
- Ferreira, Pedro Moura. 2010. «Contextos da iniciação sexual - idade, relacionamentos e geração». Em *Sexualidades em Portugal: comportamentos e riscos*, editado por Pedro Moura Ferreira e Manuel Villaverde Cabral, 231–88. Lisboa: Bizâncio.
- Ferreira, Pedro Moura, e Manuel Villaverde Cabral, eds. 2010. *Sexualidades em Portugal: comportamentos e riscos*. Lisboa: Bizâncio.
- Marinho, Susana, Zélia Anastácio, e Graça Simões de Carvalho. 2011. «Desenvolvimento e implementação de projectos de Educação Sexual : análise das dimensões biológica, psicológica e social da sexualidade». Em *Atas do VI Congresso Internacional. Maia: AGIR – Associação para a Investigação e Desenvolvimento Socio-Cultural*. Chaves. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/12639>.
- Matos, Margarida Gaspar de, Marta Reis, Lúcia Ramiro, Mónica Borile, Enrique Berner, Sandra Vázquez, Electra Gonzalez, et al. 2009. «Educação sexual em Portugal e em vários países da América Latina». *Psicologia, Saúde e Doenças* 1 (10): 149–58.
- Matos, Margarida Gaspar de, Celeste Simões, Inês Camacho, Marta Reis, e Equipa Aventura Social. 2014. «A Saúde dos Adolescentes Portugueses: Relatório do Estudo HBSC 2014». Lisboa: FMH - UL. <http://www.hbsc.org/membership/countries/national%20PDFs/HBSC%20Portugal%20-%20A%20saude%20dos%20adolescentes%20portugueses.pdf>.
- . 2015. «A Saúde dos Adolescentes Portugueses em Tempos de Recessão - Dados nacionais do estudo HBSC de 2014». Venda do Pinheiro: FMH - UL. [http://aventurasocial.com/arquivo/1428847863\\_RELATORIO%20HBSC%202014.pdf](http://aventurasocial.com/arquivo/1428847863_RELATORIO%20HBSC%202014.pdf).
- Matos, Margarida Gaspar de, Celeste Simões, Gina Tomé, Inês Camacho, Mafalda Ferreira, Lúcia Ramiro, Marta Reis, et al. 2011. «A Saúde dos Adolescentes Portugueses: Relatório do Estudo HBSC 2010». Lisboa: FMH - UL.
- Pais, José Machado. 2012. *Sexualidade e afectos juvenis*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Ponte, Cristina. 2011. «A rede de Espaços Internet: entre paradoxos e desafios da paisagem digital». *Media e Jornalismo*, n. 19: 39–58.
- Ponte, Cristina, José Alberto Simões, Ana Jorge, e Daniel Cardoso, eds. 2012. *Crianças e Internet em Portugal. Acessos, Usos, Riscos, Mediações: Resultados do Inquérito Europeu EU Kids Online*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra.
- Royal Geographical Society. 2015. «A 60 Second Guide to... The Global North/South Divide».
- Simões, José Alberto, Cristina Ponte, Eduarda Ferreira, Juliana Doretto, e Celiana Azevedo. 2014. «Crianças e Meios Digitais Móveis em Portugal: Resultados Nacionais do Projeto Net Children Go Mobile». Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. [https://netchildrengomobile.files.wordpress.com/2015/02/ncgm\\_pt\\_relatorio1.pdf](https://netchildrengomobile.files.wordpress.com/2015/02/ncgm_pt_relatorio1.pdf).
- Vieira, Cristina Pereira. 2012. «Eu faço sexo amoroso» - *A Sexualidade dos Jovens pela Voz dos Próprios*. Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Vieira, Paula Cristina Marinho. 2010. «Silêncios simultâneos: currículo e sexualidades». Tese de Mestrado em Ciências da Educação, Minho: Universidade do Minho. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/14155>.

## ANEXOS

## Anexo 1 – Cronograma

COMPONENTES/ATIVIDADES	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	RESPONSÁVEIS	RESULTADOS
<b>OBJETIVO GERAL: Promover a cidadania ativa e a defesa dos direitos sexuais, dos jovens em contexto de vulnerabilidade social, em ambiente digital.</b>																								
<b>Objetivo Específico 1: Construir a estrutura organizativa do projeto</b>																							Equipa do projeto	
<b>A. Organização da equipa</b>																							APF	Parcerias estabelecidas
Identificação/seleção																								
<b>B. Reuniões com parceiros</b>																							PE, IPDJ, UNL	
<b>COMPONENTES/ATIVIDADES</b>	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	RESPONSÁVEIS	RESULTADOS
<b>Objetivo específico 2: Capacitar educadores a trabalhar estas questões com os jovens, para os empoderar e torná-los menos vulneráveis a situações de violência ou de discriminação.</b>																								
<b>1. Referencial de Formação ES</b>																							APF	1 Referencial de formação em b-learning
Identificação autores/desenho da estrutura																								
Elaboração do referencial																								
Lançamento curso na plataforma e-learning																								
<b>2. Ações de Formação em ES</b>																							APF PE	4 ações de formação 30h 100 educadores formados
Identificação dos formandos																								
Realização das ações presenciais																								
Realização do programa em e-learning																								
<b>3. Manual de sugestões em ES</b>																							APF	1 manual de sugestões de educação sexual online
Identificação dos autores/desenho estrutura																								
Elaboração do Manual																								
Elaboração do programa on line																								
<b>COMPONENTES/ATIVIDADES</b>	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	RESPONSÁVEIS	RESULTADOS
<b>Objetivo específico 3: Incentivar os jovens a participarem proactivamente em campanhas, atividades e debates em ambiente digital.</b>																								
<b>4. Jogo interativo sobre DS</b>																							APF	1 jogo interativo sobre Direitos Sexuais
Identificação dos autores																								
Elaboração do jogo																								
Construção do software e webdesign																								
Teste do jogo com 2 grupos de jovens																								
<b>5. Construção/manutenção de página FB</b>																							APF	1 página FB Manutenção diária
Definição da estrutura e gestão da página																								
Lançamento da página																								
Manutenção da página																								
<b>6. Campanhas e ações de sensibilização</b>																							APF PE	3 campanhas 1500 jovens abrangidos
Planeamento e desenho das campanhas																								
Desenvolvimento das campanhas																								

COMPONENTES/ATIVIDADES	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	RESPONSÁVEIS	RESULTADOS	
<b>Objetivo específico 4: Divulgar e potenciar os apoios e recursos em saúde sexual e reprodutiva junto dos jovens</b>																									
<b>7. Atendimento de jovens</b>																								IPDJ APF	300 jovens atendidos
Divulgação da “Sexualidade em Linha”																									
Atendimento de chamadas e emails																									
COMPONENTES/ATIVIDADES	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	RESPONSÁVEIS	RESULTADOS	
<b>Objetivo específico 5: Promover o encontro e intercâmbio entre jovens, no âmbito da promoção dos seus direitos sexuais</b>																									
<b>8. Encontros regionais de jovens</b>																								APF PE IPDJ	3 encontros com cerca de 25 jovens cada
Planeamento – datas e metodologias																									
Divulgação e recolha de inscrições																									
Logística																									
Realização dos encontros																									
COMPONENTES/ATIVIDADES	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	RESPONSÁVEIS	RESULTADOS	
<b>Objetivo específico 6: Promover o intercâmbio técnico e o conhecimento científico sobre os temas do projeto</b>																									
<b>9. Seminário internacional</b>																								APF UNL IPDJ, PE Parceiros internacionais	1 seminário internacional com 50 participantes
Definição do programa com parceiros																									
Divulgação																									
Logística																									
Realização do seminário																									
<b>10. Relatório científico</b>																								UNL APF	1 relatório
Definição da estrutura do relatório c/ parceiro																									
Elaboração do relatório																									
Disseminação do relatório online																									
COMPONENTES/ATIVIDADES	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	RESPONSÁVEIS	RESULTADOS	
<b>Objetivo específico 7: Disseminar as atividades e resultados do projeto</b>																									
<b>C. Plano de comunicação</b>																								APF Parceiros	2 eventos 1 mini site 11 notícias na FI APF 50 referências comunicação social
Planeamento do lançamento																									
Sessão de lançamento																									
Construção do mini site																									
Folha Informativa APF (FI APF)																									
Planeamento da Sessão final																									
Sessão final																									

APF – Associação para o Planeamento da Família; PE – Programa Escolhas; IPDJ – Instituto Português do Desporto e Juventude; UNL – Universidade Nova de Lisboa (FCSH)



## Anexo 2 – Relatórios de observação participante

### Sessão 1 – 13/02/2015, Lisboa, Daniel Cardoso

*Conversa antes da sessão começar, entre duas mulheres já com várias formações frequentadas, mais velhas*

Comissão de protecção de jovens do barreiro

É preciso ferramentas para abordar o tema, eles desligam

Tem que ser de outra forma, já não é a forma tradicional das enfermeiras que vão à escola, eles já não ligam

As escolas remetem sinalizações de coisas que não fazem sentido e deviam ter sido resolvidas no espaço escolar. O papel não é só da família e comunidade em geral

A escola pública tem que se adaptar às realidades, não pode ser só limitar-se às tarefas da escola

6 mulheres, 2 homens (mais tarde um terceiro), tudo pessoas mais velhas excepto o último homem, que aparenta ser mais novo que as outras pessoas da sessão; a formação está a começar atrasada em relação ao que estava marcado; algumas pessoas comentam a questão como “falta de respeito”; houve também algumas queixas de não haver sequer folhas de papel distribuídas para tirarem notas.

Há um total de 14 pessoas inscritas para a sessão de hoje, acabaram por aparecer 9.

Formação começou às 9:57 a tratar de aspectos burocráticos, e depois às 10:10 a formação em si mesma começou

As pessoas já conheciam a APF, e frequentemente já se cruzaram com ela em formações e outras iniciativas ou projectos; também ligações com o CES

- Apresentação da APF, com uma breve passagem pela lógica por detrás da APF, distinção entre conhecimento e acção, foco nos grupos de jovens desfavorecidos

- Jogos de apresentação

Eco dos nomes e cognomes, “se fosses..., o que serias?”, leitura de características da pessoa ao lado (não registadas)

**João Jogo** – preto – dá formação nas TICs, trabalha com Escolhas MiraJovem, e surgem muito questões ligadas a sexualidade, está a tirar psicologia e quer especializar-se na área da sexualidade

**Ana Gabriela Amor** – brinquedo comboio – lar de infância e juventude feminino, idades dos 3-18 anos, com prorrogação até aos 21 em caso de necessidade, de momento só a partir dos 6

**Dina Diversão** – posição em pé – psicologia clínica, já trabalhou na Maternidade Alfredo da Costa, acompanhou numa vertente clínica via consulta a mães adolescentes, acompanhou muitos adolescentes, do ponto de vista de trabalho de grupos, acompanhou algumas dinâmicas de um projecto da maternidade com conversas sobre sexualidade, recebiam formação e acções de sensibilização da APAV, acompanhou

*abordagem com jovens e uso de materiais; voluntária na associação de futebol de rua, ligação ao Escolhas Bola para a Frente, dinamizam sessões sobre temáticas de sexualidade e afectos pontualmente,*

**Alexandra Activista** – *picante* – trabalha na promoção dos direitos humanos das mulheres e raparigas, nos últimos 4 anos tem trabalhado na área da MGF, no quadro dos direitos, e no trabalho com os jovens em contexto escolar, casa abrigo ou centro de atendimento para pessoas vítimas de violência, onde se deparam com situação de como conhecer direitos e os fazer valer; experiência junto da Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres e UMAR; diz que há documentos de direitos internacionais que não são do conhecimento geral, e reforça que é preciso trabalhar os direitos para dar a conhecer estes documentos a nível nacional e poder assim trabalhar com eles e com o que eles permitem implementar;

**Ana Teresa Afecto** – *magnólia* – psicóloga, trabalha na Pontinha, com jovens dos 15-18 com jovens com percursos de delinquência, dá uma aula por semana sobre diversas temáticas, entre as quais a sexualidade

**Sílvia Sensual** – *Escócia* – assistente social, mãe, projecto na escola da filha que está no 10º ano, e trabalha na Comissão de Protecção de Crianças e Jovens do Barreiro, com problemas de delinquência e sexualidade; recebem queixas e sinalizações de escola, desde filmes que são feitos entre os jovens, comportamentos desadequados; conta situação de preparação de questionário que foi feito e que deu à filha, mas ela não compreendeu sequer as perguntas, ela diz que a filha não sabe e os jovens não sabem

**Ana Filipa Atracção** – *macaco* – não fez apresentação mais aprofundada sobre si mesma

**Francisco Formação** – *microondas* – formação em psicologia, é coordenador de projecto Escolhas, teve formação na Faculdade de Medicina de Lisboa, para a área da sexualidade; casado com enfermeira que dá formação na área da saúde escolar; faz parte da Associação de Desenvolvimento de Alcochete

[chegou mais tarde...]

**Bruno** – *técnico do Escolhas*, trabalha com jovens dos 6-24 anos

- Comentários iniciais associados à reflexão sobre os jogos de apresentação

Ana Filipa acha que é importante empatia e relação para se poder estar à vontade para trabalhar os temas; Ana Teresa foca olhar o outro na sua individualidade, e a importância disso para trabalhar estes temas, e o respeitar a individualidade; Francisco fala da visão que temos perante os outros e o que os outros fazem como algo importante, e que a abordagem que vai ser feita na formação coloca as ideias que cada pessoa tem enquanto ser individual, e as suas abordagens, em contraste, algo que é produtivo; Alexandra foca caminho em conjunto que vai ser começado, o objectivo não é só o contexto de sala, mas também as redes interpessoais e o conhecimento que é importante; João fala dos jogos como um gradiente de impessoalidade para pessoalidade.

- Expectativas

Ana T. não gosta de criar expectativas, é sedenta de novos saberes, e sobre esta temática as pessoas comentam muito a existência de um tabu, os miúdos acham que sabem tudo e a forma de chegar a eles não é a que é geralmente utilizada, porque uma explicação de base

puramente mecânica está totalmente de fora como estratégia, e sente que faltam ferramentas de apresentar esta temática, é isso que ela vem beber aqui.

Sílvia – Espera tirar daqui a possibilidade de trabalhar com jovens e nas escolas o projecto de educação sexual, está aqui como mãe que, enquanto tal, se ofereceu para trabalhar, e convidou psicóloga que está a fazer um mestrado na área da sexualidade e psicologia a colaborar com ela na escola da filha; vem aqui beber conhecimentos para poder implementar nesse projecto, que é uma proposta voluntária; sempre lhe interessou o tema, sempre gostou de falar sobre isto, apercebe-se que os jovens pouco sabem sobre isto; é uma mais-valia para ela a questão dos direitos, mesmo não se indo trabalhar questões mais práticas de sexualidade

Ana Atracção – faz acções de sensibilização há ano e meio, com jovens do projecto Escolhas, Poder Escolher; trabalha no bairro de Povos em Vila Franca de Xira e realiza acções em escolas do concelho, com faixas etárias várias; de acordo com a sua experiência, os jovens têm ideia que já sabem tudo, e reduzem a questão do sexo à genitalidade, e quando se fala em direitos sexuais há total desconhecimento; uso da estratégia do ambiente digital foi algo interessante que a apelou a inscrever-se nesta formação, quer aprofundar os conhecimentos sobre como pode mobilizar essa via de acção.

Francisco – chegou via Facebook, faz parte de um projecto Escolhas, Pro Emprego Jovem (que inclui um espaço CID com monitora formada na área das TIC, e onde se quer implementar um projecto na área da sexualidade) que foi aprovado este ano, veio para a formação devido ao seu percurso profissional; é licenciado na área da psicologia, sempre deu formação a nível de escolas, para professores e outros profissionais na área; a abordagem que tem feito é mais tradicional, junto de escolas, mais a nível de alunos; “esticou” o seu tempo pessoal para fazer esta informação que acha essencial e uma mais-valia para o futuro espaço de internet do projecto Escolhas.

Ana Gabriela – Trabalha num lar feminino, problema que acarreta a nível dos jovens e adultos; existe dificuldade em perceber e lidar com certos comportamentos, não só por serem raparigas, mas também pelo contexto de todas as problemáticas sexuais vindas de maus-tratos e de abuso sexual, e o que isso representa relativamente aos direitos que essas jovens possam ter, e conhecimentos que ainda não adquiriram; espera fomentar a possibilidade de estas jovens poderem valer-se de certos comportamentos que têm e que possam ser úteis para ela e para os adultos que estão com elas.

Dina – diz ter sede de procurar novas ferramentas, os jovens do Escolhas têm acesso aos PCs do CID, acompanha jovens que estão mais capacitados para serem líderes e dar continuidade ao projecto, e que poderão beneficiar do que aqui se vai aprender.

Alexandra – depara-se com questões de jovens não saberem os seus direitos ou os direitos não serem respeitados, e quer pensar como uma ferramenta familiar e que não exige muitos recursos pode ajudar a trabalhar a temática; procurar novas formas de trabalhar os direitos e incorporar aquilo que se trabalha com os jovens e como reivindicar esses direitos; nem todos os jovens têm acesso em casa, sendo que aí a escola ou alguns professores facilitam o acesso aos recursos tecnológicos, tal como projectos Escolhas; ao mesmo tempo, as

bibliotecas escolares e recursos afins são estruturados de formas que os tornam frequentemente incompatíveis com os horários dos próprios alunos; discurso de ódio é algo que também interessa, e precisa de mais informação sobre isso, ainda que acompanhe projectos onde estão jovens portuguesas envolvidas e que lidam com esta questão.

João – Precisa de estratégias sobre como passar informação para os jovens, de uma forma que lhes seja útil, no contexto do CID em que está envolvido.

Parte da introdução da Sónia passou por dizer que, no contexto do projecto, queremos que eles afirmem, não desistam de debates, que achem que é importante esclarecer os colegas sobre as coisas que eles podem querer saber, é importante afirmar a sua possibilidade de serem jovens decisores e de terem empoderamento.

### **- Conceito de sexualidade e direitos sexuais reprodutivos**

Na tarefa de escrever no quadro palavras associadas à sexualidade, foram as mulheres a levantar-se primeiro e a começar a escrever, as pessoas escreveram entre uma a três palavras, no geral.

Agrupamentos de palavras feitos inicialmente:

- Escolhas, consentimento, direitos, consciência, liberdade
- Relacionamento, intimidade, cumplicidade, sentimentos, partilha, comunicação, ...

Rapidamente se percebe que tudo dá para ligar com tudo, há dimensões da sexualidade, mas elas não podem ser pensadas isoladamente, não se pode pensar sem saúde, sem direitos sexuais.

Estas palavras são do âmbito de coisas afectivas e interpessoais, característica de coisas ditas por adultos; quando isto é feito com crianças (1º ciclo) surgem coisas sobre diferenças de género e sexualidade, bebés, gemidos, dor, penetração; à volta do 7º-9º trazem mais calão sobre o acto sexual, a performance sexual, que é a forma como eles entendem e costumam falar do tema.

Formandos não se chocam com uso de calão, referem que não usar o calão cria barreiras de comunicação, e que os jovens usam o calão para provocar inicialmente e como postura de desafio, e é surpreendente depois ver os adultos a usar, e dá para ver como os jovens usam o calão de forma diferente.

Francisco fala de uma entidade mais local ter mais problemas em poder usar calão junto das escolas em acções de formação ou sensibilização, há um policiamento da linguagem, motivado até por mães e pais que apresentam queixas junto da escola pelo uso do calão.

Ana Teresa diz que os miúdos já sabem o calão, Alexandra diz que não é só na escola que eles usam, e que já usam, e que até os pais usam. Francisco fala da limitação da distribuição do preservativo, e como isso esteve ligado num determinado caso a proibições também de

formação ao nível do tipo de linguagem que se podia utilizar. Ana Teresa fala do kit da APF, e que já inclui estes materiais, e que isto não se pode escamotear.

Formandos receptivos à ideia de que se deve trabalhar com os conhecimentos que os jovens já têm, mesmo quando pode ser equivocado.

Formandos reforçam algumas lógicas de dualismo de género associados à ideia de os rapazes demorarem mais a interessar-se por sexualidade e que as raparigas chegam à maturidade mais depressa e portanto falam destas coisas mais cedo.

Identificar ideias de base importantes sobre a temática demorou algum tempo a arrancar: Ana Teresa fala de ser um conceito abrangente, é o que se destaca, toca todas as áreas; Francisco fala de desmistificar a questão junto dos jovens, que não é puramente uma questão biológica, e conseguir inculcar a questão dos afectos e relacionamento, é preciso abrir o horizonte; Ana Teresa fala de haver uma barreira imensa até por parte dos professores a falar disto; Francisco diz que a experiência relevante para se poder falar deste tema não tem que ver com ser ou não um professor de biologia ou ciências, tem que ver com a pessoa-professor que é importante, tem que ver com as pessoas que têm estruturado na sua cabeça o que é a sexualidade, e há pessoas que não querem que haja um sentimento de invasão da sua intimidade sexual, há pessoas que não querem falar sobre isso; Sónia fala de como não é preciso invadir a intimidade de quem está a falar sobre o tema; Ana Teresa diz que professores não querem geralmente falar do assunto, optam pelo caminho mais cómodo; Sílvia fala de ser a professora de educação física que assume este processo na escola da filha e que isso gerou espanto em várias pessoas, mas que é preciso haver mais professores a abordar estas temáticas, e que o que é preciso é perfil e à-vontade para falar com os jovens sobre o assunto, para além de apenas formação sobre o assunto; Francisco fala de que pelo que conhece, as leis são cumpridas, mas pelo lado da contraceção e pouco mais, sem reflexão e abordagem.

Risos empáticos sobre como os conceitos são complexos, e.g.: sobre a virgindade. Formandos engajados na ideia da formação para a pluralidade e para a flexibilidade de posições, conhecimentos, etc.

Francisco pergunta se a APF consegue ter a noção de como as equipas de educação para a saúde estão a trabalhar esta questão; ele tem a sensação que não existem de facto muitas equipas, e o que é dado no âmbito da educação sexual foca-se muito na contraceção e DSTs. Sónia diz que a formação está estagnada, a valorização da formação foi retirada, está-se a dar ênfase a áreas como o ensino específico da matemática e português; Ana Teresa diz que horários para educação para a saúde foram reduzidos; Sónia diz que há pedido de sessões pontuais, mas não é o que a APF defende, e sim formação estruturada. Francisco fala de uma professora que tem 45 minutos por semana para toda a área da saúde; refere que a orientação política também tem um papel aqui.

### **- Direitos Humanos**

Formação de 2 grupos de trabalho, de 4 pessoas cada, com uma tarefa – FICHA DE TRABALHO 3, de criação de uma carta de Direitos Sexuais

Grupo 1 (João, Ana G., Dina, Alexandra)

*o João tem mais impacto sobre a dinâmica de grupo, mas a Alexandra também é bastante interventiva*

- comentam a questão de serem direitos do Homem (masculino enquanto significante universal)

- falam de toda a gente nascer com sexualidade inerente

(trabalham de forma mais silenciosa)

- falam da importância de ser inclusivo, especialmente a Alexandra, que apela para uma formulação que seja inclusiva ao máximo, comentando especificamente a possibilidade de uma redacção muito heteromononormativa da forma como se fala da sexualidade e da intimidade

- comenta-se o impacto da sociedade na nossa educação e na limitação do que vivemos

Foram enunciados os seguintes direitos: todos os seres humanos tem o direito de vivenciar a sua sexualidade de forma livre e digna, todo o ser humano tem capacidade para gozar dos direitos sem distinção de qualquer espécie; viver uma sexualidade segura, consciente e informada; ninguém será obrigado a viver a sua sexualidade de forma coagida ou sem consentimento; ninguém será preso ou punido por causa das suas escolhas sexuais

Grupo 2 (Ana T., Sílvia, Ana F., Francisco)

*o Francisco domina a dinâmica de grupo*

- comentam em grupo questões sobre deficiência

- falam do direito à vida sexualidade

- questão da dignidade é intensamente discutida, especialmente pelo Francisco

- questão da condenação da homossexualidade, mas comentado como algo de outras sociedades, ligado à dignidade da pessoa humana

- fala-se da importância de respeitar a orientação e expressão sexualidade

- comentam que, ao falarem de direitos, parecia tudo o mesmo, está tudo interligado,

Foram: direito à vida sexual; direito à dignidade do indivíduo na expressão da sua sexualidade; respeito pela orientação sexual e sua manifestação; assegurada a protecção contra situações de violência sexual; não poder ser punido por expressão, práticas e orientação sexual

A Ana Teresa pediu as cartas que a formadora mostrou (binómios pobre/rico, etc) para poder trabalhar com elas, com jovens.

**- Direitos Sexuais e Reprodutivos**

## FICHA TRABALHO 4 – identificação do que podem ser consideradas violações aos direitos sexuais e reprodutivos

### Grupo 1

- fala-se de questões lgbt, de género,

### Grupo 2

- fala-se do género, direitos lgbt, direitos de trabalho

## PAUSA PARA ALMOÇO

Retomou-se às 14:20

[entretanto chegou o Bruno]

### Grupo 2

- comenta-se trabalho sexual e perante alguns equívocos sobre terminologia e a situação legal do trabalho sexual em Portugal, Sónia esclarece a situação portuguesa,
- questões do género, desigualdade de ordenados, cargos de chefia, a nível da parentalidade, promessas de não-gravidez em entrevistas de trabalho

Vai-se estabelecendo alguma conversa e discussão sobre esclarecimento de vários pontos levantados como resposta ao exercício, por exemplo: de que as mulheres têm mais acesso a serviços de saúde, homens não recorrem porque não é suposto, e quando recorrem já é em situações de emergência, ou seja, a diferença nos papéis de género resulta em diferenças práticas na questão do acesso a serviços de saúde; ademais, a forma como os serviços acolhem as pessoas tem marcas fortes de género; rapazes expõem-se a mais risco, ao nível da parentalidade também existem muitos desequilíbrios em que há uma sobrecarga de expectativas para as mulheres.

Surge dúvida do João sobre a diferença legal entre trabalho prostitutivo e pornografia no que diz respeito à lei contra o lenocínio; esclarecimentos sobre exploração, sobre o direito à autonomia enquanto perspectiva que a APF toma face ao trabalho sexual.

Várias pessoas partilham questões sobre género e as típicas cores da roupa de bebé determinadas como sendo para rapazes e para raparigas, relacionando também com os *media* e as representações de género, publicidade,

- dificuldades de acesso ao trabalho,
- problemas de representatividade e de ter voz activa, especialmente ao nível local, no que diz respeito a mecanismo de decisão política
- violência doméstica, violência de género
- IVG, mulheres enfrentam problemas de serem pressionadas a não fazer IVG, e há entidades do governo que são anti-escolha; até aos 16 anos raparigas não podem fazer

IVG, e os tutores podem forçar a gravidez ser levada a termo; esclarecimentos sobre a possibilidade de se levar alguém que não seja um tutor legal como estratégia para contornar isto, mas que requer a colaboração do médico em questão;

- sigilo profissional, que muitas vezes não existe para jovens; há indicações para atendimento juvenil no que toca a saúde sexual e reprodutiva em espaços diferenciados e estratégias de marcação de consultas e de gestão de informação para se tentar garantir que os jovens vão lá, mas muitas vezes não são implementadas as estratégias e os espaços diferenciados não existem por questões de infra-estrutura em falta;

- idade do consentimento: jovens terem uma palavra a dizer, o que pode ser perversamente usado para os incapacitar; o grupo considerou que os 16 anos como idade de consentimento é demasiado tardio;

- participação em movimentos LGBT, participação em manifestações, etc., são discriminadas, e há também pouca participação e pouca ocupação do espaço público;

- houve comentários sobre o ser normal, e marchas LGBT como “circo”, tirar a dignidade ao movimento de luta pelos direitos humanos associados à discriminação sexual;

- em localidades do interior há mais dificuldade de acesso a serviços, recursos e informações sobre sexualidade e saúde sexual;

- gabinetes do aluno como fiasco, que expunha os jovens, e os professores de ciências eram quem lá estava, o serviço era visto como sendo invasivo, na medida em que forçava exposição pelo facto de lá se ir, e pelo facto de serem atendidos por professores.

#### Grupo 1

- adopção homoparental, violação do direito à igualdade;

- acesso a técnicas de reprodução medicamente assistidas;

- barrigas de aluguer, não existe legislação ou a que existe apresenta problemas;

- visibilidade ao nível do género, questões de quotas como necessárias para representatividade; gera-se uma forte discussão de quotas em questões políticas, e se serve ou não para fazer alguma coisa, e depois uma passagem como se reproduzem papéis de género dentro das dinâmicas familiares, e o papel da mudança cultural dentro das práticas micropolíticas familiares, com referências a questões de género e de agressividade como marca de masculinidade, problemas sobre o papel da mãe na sociedade, discussões de feminismo e das mulheres na família, bem como uma discussão sobre diferentes entendimentos do que é o feminismo e de quais podem ser os seus contributos

- ausência de pessoas LGBT, e de mulheres, na área dos direitos sexuais ou, no mínimo, das representações mediáticas de debates sobre o assunto;

- MGF, casamentos forçados;



- exposição de conteúdos sexuais na internet entre jovens, mas de forma não consensual, e culpabilização das vítimas; também famosos e imagens de figuras públicas,
- pessoas trans\*, trabalhadores sexuais;
- desinvestimento no SNS, dificuldade de acesso a medicamentos, dificuldade de acesso a métodos contraceptivos;
- Educação Sexual nas escolas que não é cumprida de uma forma que respeite as necessidades educativas dos jovens;
- casamento forçado;
- estereótipos em materiais escolares,
- acesso a questões de direito, queixas, de responsabilização em diferentes níveis sociais, de tal ordem que se torna complicado agir sobre problemas em torno de questões de género, de discriminação em função de orientação sexual, ou de obtenção de recursos sobre sexualidade e saúde sexual.

Sónia dá exemplo sobre professora que foi despedida por se ter descoberto que, alguns anos antes, tinha sido trabalhadora sexual, usando isso como exemplo demonstrativo da existência de um estigma sobre este tipo de actividade.

A certa altura estabelece-se uma conversa relativamente desarticulada sobre o que é LGBTQI (uma das palavras escritas no quadro branco), sobre o que são parafilias e o que é uma relação sexual saudável, incluindo referências ao novo DSM-V e ao trabalho que foi feito nele para a despatologização de parafilias; sobre visões patologizantes da homossexualidade e sobre a importância de aceitar as diferenças sexuais.

### **- Visita ao Moodle para visualização das tarefas**

- Exercício sobre os destinatários do projectos – FICHA DE TRABALHO 6 – dar voz a estereótipos sobre jovens e sexualidade

Bruno integra grupo 1, que fica com 5 pessoas

#### Grupo 1

- jovens pouco tolerantes à diferença
- estão mais focados no seu próprio prazer, e na obtenção do próprio prazer,
- estão inibidos sobre falar de sexualidade, põr as coisas por palavras
- são condicionados pelo grupo de pares em relação às suas escolhas, assumem ou não por pressão social
- são pouco informados e tem comportamento de risco

#### Grupo 2

- jovens tem mania que sabem tudo e não sabem nada
- jovens só pensam em sexo
- à primeira nunca se engravida – crença
- usar preservativo tira prazer
- só rapazes se masturbam – crença
- só homossexuais é que apanham SIDA – crença
- o tampão tira a virgindade – crença

Em contexto com professores, sobressai a ideia de que os jovens não sabem nada, mas eles são as gerações mais informadas, defendem alguns dos formandos, em comparação com gerações anteriores; é preciso compreender como é que eles sabem. A caixa de perguntas por exemplo, tem que ver com colocar os alunos a explorar os seus próprios conhecimentos, e valorizar a sua voz, mas é geralmente usada pelos professores simplesmente como um pergunta-responde em que a autoridade da resposta última está sempre do lado do professor.

## **Sessão 2 – 20/02/2015, Lisboa, Daniel Cardoso**

Os formandos dizem que tiveram problemas de acesso à plataforma, e que não conseguiram por isso fazer todas as tarefas, não conseguiram publicar notícias, por falta de permissões no Moodle e por falta de acesso, porque a própria plataforma estava em baixo. Houve também alguns problemas com envio de emails à formadora.

Chegaram entretanto duas novas pessoas que não estavam na primeira sessão.

**Ana Vaz** – projecto Brave, que age na zona da Estrada Militar, na Damaia; coordenadora de projecto, formação em psicologia, muito no terreno com miúdos, várias actividades desenvolvidas; uma delas é o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, trabalham muito com raparigas e também rapazes com perguntas por resolver, considera que esta formação é uma mais-valia [mulher afro-descendente, não-Branca].

**Ricardo Fontes** – projecto Escolhas Mais Skills, no Bairro Alto, dinamizador comunitário, ajuda os jovens com os seus TPC, e outras actividades de dia-a-dia, mais no terreno; em termos de expectativas ele pretende conseguir retirar as coisas mais importantes, para dar formação aos miúdos, do que eles sabem ou não, uma troca de opiniões entre eles e os miúdos [única pessoa até agora que é dinamizadora comunitária, ao invés de coordenador de projecto, e portanto mais jovem e vindo de condições mais próximas dos jovens que são os destinatários finais]

Começou às 10:05 a formação com conteúdo programático, até aí gestão de novas chegadas e tratar de algumas questões burocráticas.

Quando se fala de educação sexual, temos uma coisa na cabeça e os miúdos têm outra. Exemplo de criança em aula que pergunta “como se fazem os bebés” e depois na prática ela queria saber era como é que a figura de um bebé se desenhava. Há questões de contexto e de especificidade nas perguntas que são feitas que, por vezes, são ignoradas pelos adultos.

– Jogo das cordas –

Cordas presas aos pulsos, cruzadas, e têm de criar uma forma de se soltar mas sem soltar os nós, como forma de estimular o pensamento “fora da caixa”

A solução é mais simples do que à partida se pensa: conclusão geral dos formadores. O processo de descoberta é trabalhoso, mas também é a parte mais divertida do jogo, aí é que está o prazer, reconhecimento das próprias competências. O trabalho de pares e encontrar a solução em conjunto, não está só entre os dois, houve uma partilha que passou por dinâmicas de grupo, há elementos de imitação. E quem já sabia, achou que tinha um papel a fazer e começou a explicar o que sabia sobre o assunto. Formandos falam dos modelos e da disseminação de informação, seja ela boa ou má, e é certo que quem tem as mesmas questões, vai-se encontrar para falar disso; muita da educação passa-se entre pares. Ricardo fala da necessidade de confiança associada.

[Houve algumas chegadas tardias; 7 mulheres e 3 homens formandos no total]

A confiança que os miúdos têm entre si não é igual à que têm com os adultos, e isso também pode criar uma forma particular de quebra de confiança.

Ricardo fala de jovens serem imaturos e usarem o riso para responder às conversas.

Outra formanda fala de uma sessão em que saiu frustrada, mesmo com os jovens interessados na formação; contou que as palavras no quadro eram só sexo, relações sexuais, broches, minetes, género masculino/feminino; um jovem teve uma atitude mais “exibicionista” e estava bastante inquieto, perturbando o clima em geral; quem falava de minete depois de questionado não sabia o que estava a falar, e não era capaz de discursivizar; era expectável que eles estivessem mais à frente, e a Directora de Turma estava assustada porque grande parte dos problemas de comportamentos eram sobre isto, e alguns dos jovens em questão já iniciaram até a sua vida sexual conjunta, mas a DT dizia já que não valia a pena insistir; formanda está optimista para que as coisas vão correr de outra forma para a semana, ela já os conhece de desenvolver iniciativas noutras áreas, e ficou espantada porque esta sessão foi muito diferente do que se estaria à espera. Quando usavam essas palavras, eles olhavam para a professora, para ver qual a reacção, e eles também estão com uma expectativa enorme de perceber como é que alguém tão formal lida com essa questão. Ela sentiu que houve um certo desinteresse e conversas paralelas, que gerou alguma frustração.

Sónia diz que é preciso perceber o que está por detrás, conta que numa sessão havia grande instabilidade porque alguns tinham visto uma revista que falava de práticas sexuais com animais.

Sugestão de que os professores não estejam presentes; Bruno fala de ter problemas com os mais velhos, em que de alguma forma não havia à-vontade entre colegas, eram questões simples sobre sexualidade mas os alunos mostravam estar incomodados com as perguntas que eram feitas uns pelos outros; as turmas mais novas estavam receptivas. Os professores às vezes tentam insistir uma barreira entre os jovens e os formadores, e o Bruno insiste sempre em informalidade e em estar só com os alunos.

Professores ficam muitas vezes à parte, a um canto, e às vezes gera-se tumulto.

Alexandra diz que às vezes antes da intervenção define-se coisas que fazem parte, e há escolas que não aceitam certas questões sobre direitos das mulheres, etc, e por muito que se queira fazer trabalho, é preciso fazer cedências. Em relação à presença dos professores, acorda-se a forma como a sessão vai correr, coisas sobre bonés, telemóveis, etc, e não deixar mal o professor; alguns professores acabam a questionar-se sobre a própria distância que estabelecem com os alunos. Há escolas que não deixam ir, e profissionais de saúde escolar que proibem de dar preservativos.

A APF recebeu cartas a denunciar o uso de calção nas formações, e nem é possível argumentar nesses casos.

Bruno fala do professor que dava problemas porque estava sempre a intervir de forma disciplinar, e foi preciso trocar o professor e fazê-lo sair, para os jovens começarem a falar; eles sentiam-se incompreendidos por aquele professor em particular.

Alexandra fala de usar a técnica do teatro do oprimido, e falam antes das dinâmicas que vão usar, com os professores, e os professores participaram, e criou-se depois uma maior proximidade.

Trabalhar em algumas IPSS gera questões de constrangimento, embora isto não seja universal a todas elas.

É importante ver que não basta fazer a sessão e ir embora.

João diz que trabalha no contexto de uma instituição católica, e algumas coisas podem ser omitidas como forma de estratégia.

Voltando ao jogo, Alexandra fala da questão e da importância do toque. Sónia diz que os jovens têm pouco contexto para o toque, e este é o contexto para o fazer. Alexandra fala da dificuldade do toque entre rapazes adolescentes, e que o jogo fornece um contexto facilitador para isso, há um grau de permissibilidade que se gera na tentativa de arranjar uma solução para o desafio.

Não faz sentido explicar a solução antes do problema, porque se perde a descoberta, da mesma forma que não faz sentido explicar coisas para as quais as perguntas ainda não surgiram. É preciso manter as coisas dentro da mesma dimensão ao abordar estes assuntos com os jovens.

[intervalo]

FICHA DE TRABALHO 10, identificar situações e tipos diferentes de educação sexual com vários graus de formalidade

A Ana Vaz fala das vantagens de ser um projecto pós-escola, mas que já tiveram sessões em escola com todo um outro rigor em termos de formalismo, em que o detalhe ia até sobre tirar o chapéu ou não dentro da sala de aula. Ela considera que os jovens conseguirem chegar e extravasar acaba a ser positivo, porque é uma marca de que sentem um espaço seguro, e em que demonstram comportamentos muito diferentes.

Bruno fala de já ter dado aulas de matemática, e que na realidade é muito diferente do contexto informal.

Ricardo fala da carga horária dos miúdos, que chega a ser de perto de 12h desde aulas, tutoria, e outras actividades, que os sobrecarrega. E depois não conseguem ter prestação suficiente. Isto depois dificulta o tempo disponível para actividades de literacia sobre sexualidades, novas tecnologias, e afins.

Há também diferenças nas diferentes áreas de estudo.

Ainda sobre o jogo das cordas, às vezes as pessoas seguem por percursos errados mesmo quando lhes é dito que não é assim que conseguem libertar-se. Não adianta o dar conselhos, é preciso ouvir e ajudar a pensar, apoiar a escolha que a pessoa faz; Ana Vaz fala de sermos seres de hábitos, e mudar de hábitos requer às vezes experimentação e perceber se querem mudar ou não.

Ricardo fala de um jovem com problemas motores, e que quando se fala deste tema, fica muito agitado, quer mexer em tudo, fica fisicamente perturbado, e Ricardo quer saber se há algum método para usar com ele para o abordar, mas a questão é deixada para mais tarde.

Pessoas são divididas em grupos de três, para comparar respostas e tentar chegar a consenso sobre as respostas a sobre se coisas são ou não situações de educação sexual.

Um grupo acha que não é questão de educação sexual o primeiro cenário (formador que chama rapaz forte para montar projecto), porque estão presentes aspectos de discriminação por um formador destaca os rapazes como mais fortes.

Os outros grupos dizem que sim, é uma questão de educação sexual, porque pode ser uma questão provocatória, embora não seja o que está no enunciado; consideram que é uma situação negativa de educação sexual. O outro grupo diz que é educacional, e de educação sexual, mas negativa. Há valores que estão a ser veiculados, embora de forma negativa, e as questões de género são importantes, estado-se a reforçar aqui a discriminação de género.

Começa a haver mais pessoas a pender para o não, ao passo que um grupo insiste que é uma situação de educação sexual, embora negativa.

A discussão segue em torno da ideia de que a educação não é só o que temos na cabeça, tem também que ver com as atitudes, observações, anedotas, etc, tudo está a dar a entender o que são as formas de pensar, e certos comentários estão a reproduzir papéis de género problemáticos.

Ricardo fala do exemplo de mulheres irem mais ao ginásio, e de antes isso não acontecer, há respostas sobre a existência ou não de tempos livres, autonomia.

Fala-se da discriminação como algo também estando ligado às nossas estruturas cognitivas, mas que é preciso ler isso em questão com questões históricas e culturais. São levantadas questões sobre o papel do discurso científico e da dificuldade de conseguir mobilizar informação em acção e alterar as crenças erróneas.

Um grupo diz que a segunda situação é uma questão de educação sexual, e que aborda questões de genitalidade e corpo. Outro grupo achou que não, não era porque há um evitamento. Mas tendo em conta a discussão, o grupo muda de posição para o sim; e o terceiro grupo também reflecte e muda para o sim, como resultado da discussão.

No terceiro exemplo já há consenso sobre ser uma questão de educação sexual, e aborda-se todas as coisas que são subentendidas numa frase apenas em que se disponibiliza a falar sobre o tema de educação sexual.

Houve portanto um trabalho de reflexão ao longo dos exemplos, ainda assim demorado, para compreender o quão abrangente consegue ser o conceito de educação, no geral, e de educação sexual em particular.

Diferentes contextos: o informal em questões que não controlamos (anedotas, por exemplo); o formal que se passa em contexto programado, com objectivos e dinâmicas de formação; não-formal é quando vêm pessoas que são voluntárias que dão formação mas fora de um currículo, menos estruturada.

Ela pode ser explícita ou implícita, dependendo da forma.

Pretende-se que ela seja cada vez mais formal e explícita, de forma a não ser por meias-palavras ou apenas risos, e que tenha espaço de expressão próprio.

Surge uma dúvida sobre a questão da formalidade junto dos grupos específicos; Sónia refere que é preciso adequar a linguagem e falar de uma forma que estão a entender, com a criação de confiança e à-vontade, e que isso não tem que ver com a questão da formalidade.

Actividade de role-play com perguntas predeterminadas e posturas morais predeterminadas, em que têm de fazer de jovens e de formadores mais ou menos moralistas.

Relato das situações várias sobre o que cada pessoa sentiu nas várias situações: quem fala e sente que a outra pessoa não está receptiva, sente-se mais constrangida, é mais difícil falar.

Perante o modelo médico há várias reacções, desde entre o sentir-se bem, a sentir alguma distância e deslocamento. O efeito médico corta o aprofundar das temáticas, a menos que comece já a explorar outros temas.

Uma abordagem demasiado intensa e libertária pode ser contraproducente, não respeita os limites do indivíduo. Há um ponto em que a abordagem revolucionária e o moralista se tocam.

Há referência a terapeutas sexuais que fazem trabalho de corpo, e como isso pode ser “revolucionário” neste sentido de ultrapassar as barreiras pessoais, mas ao mesmo tempo como isso também pode decorrer de um processo co-construído.

Há uma discussão relativamente prolongada sobre sexologia, e o papel ou não de posturas mais cognitivo-comportamentais no tratamento de questões de sexualidade.

Estar perante alguém que não opina e não se vincula a uma postura, pode ser problemático, porque não fornece sustentação, e para quem está a fazer de formador, pode ser difícil ser totalmente isento de valores. Várias pessoas acharam que é uma postura mais equilibrada, mais tranquila, mais imparcial.

Ana Vaz diz que o role-play tem que ver também com as nossas vivências e como se consegue assumir diferentes posturas, e que a postura mais isenta facilita a escuta activa.

Há um problema sobre o que fazer quando nos pedem opinião explicitamente: Ana Vaz diz que temos que situar-nos também pessoalmente, e dar a opinião não quer dizer que tenhamos de a impor, devemos criar espaço para eles terem outras opiniões. Quem pede opinião, também quer validação.

Sónia diz que dar opinião pessoal fundamentada não é a mesma coisa que dar conselhos, e que isso não é necessariamente mau ou grave, desde que não se confunda.

Jovens decisores que argumentam e falham ou ganham, ainda assim estão a ter uma atitude proactiva, tudo é o que se pode explicar. É preciso promover o respeito individual, e ver como o discurso científico também pode ser uma armadilha, porque como o feminismo aponta, também existe componente ideológica na construção do discurso científico.

## PAUSA PARA ALMOÇO

### Métodos e técnicas em educação para os direitos sexuais

- Jogo do carrossel – pensar numa pergunta que os jovens já tenham feito, idade e género de quem fez a pergunta

Sistema de rotação de perguntas e respostas. Pessoas no anel de fora estão a fazer primeiro as perguntas, e rodam as cadeiras; depois troca-se. Cada pessoa faz portanto a mesma pergunta, que recebeu de outra pessoa, cinco vezes, e cada pessoa dá uma resposta a cinco pessoas diferentes

Pergunta de rapaz sobre estimulação anal: respostas dadas foram na maioria dos casos positivas, sobre pluralidade de formas de exploração de prazer; a pessoa por mais que se prepare, nunca está totalmente preparada para tudo o que pode encontrar. A melhor forma

de agir é afinar a pergunta, perguntar de volta, de forma a permitir ao jovem afinar a sua própria ideia do que quer perguntar.

Pergunta de rapariga que estava grávida de rapaz que é meigo mas só queria sexo e que na escola a ignorava, queria fazer aborto e saber se era caro, num contexto onde não há práticas de *safer sex*: respostas era de que tinha de falar com rapaz sobre o assunto, foram dados vários conceitos, mas não houve uma preocupação com a questão dos direitos, nem houve preocupação de ela ser avisada que está com um rapaz maior de idade em situação que é ilegal. Uma situação de possível abuso deve envolver outros parceiros de trabalho e instituições, e a pessoa tem de ser chamada à atenção, mas sem quebrar a confiança da pessoa, nem a colocar em perigo. Esta situação está a ser enfrentada pela Ana Vaz e a Sónia fala de como é importante resolver pragmaticamente a questão nos seus elementos mais imediatos, nomeadamente ao nível do *safer sex*.

Jovens buscam prazer no contacto sexual, e não há maturação de vida afectiva completa, e é algo que ela pode precisar, de se sentir gratificada, e pela qual se sujeita a este tipo de situações, e isto pode ser mais forte que cuidados de saúde, às vezes. Pode ser forma de compensar a falta de afectos outros. Ricardo sugere que também se tente envolver os pais; Ana Vaz aponta que neste caso é complicado, e que os projectos estão mais virados para os jovens, e Sónia acrescenta que o foco deve ser a jovem e o pedido dela. O projecto deve intervir no imediato. Sónia acrescenta que a gravidez adolescente está muito ligada a falta de perspectivas de futuro: como o futuro vai correr mal, querem rapidamente o estatuto de adultos, o respeito e a consideração associados a isso, não tanto pelo querer cuidar de uma criança. Ana Vaz diz que esta situação sucedeu há dois dias.

Pergunta sobre rapariga de 15 anos sobre o que são sonhos húmidos: as respostas foram variadas, desde a estranheza de se confundir com urina, até perceber como se tinha chegado a isso, até uma resposta em que realmente foi possível chegar ao nível de linguagem dos 15 anos para explicar.

Pergunta de um rapaz com 14 anos que queria iniciar a vida sexual com uma rapariga que tivesse namorado porque dava mais pica: respostas em torno da questão da relação, dos afectos, e houve uma certa vitória pelo cansaço; relação com a necessidade de uma rapariga com experiência e ao mesmo tempo uma afirmação de masculinidade e de conquista; é importante haver um processo de aprendizagem.

Rapariga de 9 anos sobre “amigas que gostam de lamber os pipis das amigas”: perguntado o contexto, se ela já o tinha feito, de onde surgia a pergunta, e não foi dito nada mais que isto; Sónia diz que não é importante apontar se a própria pessoa esteve envolvida ou não, e sim responder à dúvida tal como ela é elaborada.

Uso da internet e da pornografia e a possibilidade de tomar contacto com material incomodativo levou a pequeno desvio sobre dados do EU Kids Online, Net Children Go Mobile e do meu doutoramento, com as devidas diferenças da relevância dos dados.



A questão que se levanta é, como podemos abordar e explicar isto? Mencionar que sabe bem, que há quem goste, e que pode ser uma forma ou expressão de carinho e, ao mesmo tempo, acautelar da importância de evitar contactos indesejados e violação de autonomia.

Pergunta: menina 14 anos que gosta de uma menina mas que essa outra menina não gosta dela e tem um interesse outro. Respostas: tranquilas, de aceitação, perceber bem o que sentes, porque achas que não gosta de ti, falar com ela e promover debate, e qual é o interesse que ela tem efectivamente.

Pergunta: rapaz de 17 anos, pergunta se “meter o coiso na boca e coisar lá para dentro, pode ser ou não violência sexual”? Respostas: semelhantes, passaram pelo consentimento, assumiu-se que é uma relação a 2 e heterossexual, que é preciso consciência, perguntado se foi falado.

Pergunta: menina 12 anos pergunta para q serve o clitóris. Respostas, serve para dar prazer, outras pessoas perguntaram o porque da pergunta, e alguns não explicaram para que serve, e não dão informação.

Menino de 9 anos: porque é que a minha mãe geme? Respostas: conversa sobre a mãe e o pai terem um momento mais junto, está a ter prazer, é uma questão de prazer e não dor.

- Diferentes usos da caixa de perguntas: às vezes é difícil fomentar o interesse, tenta-se que os jovens respondam; chega a acontecer haver perguntas colocadas por professores; Alexandra disse também que já houve tentativa de criar uma caixa mista de questões, comentários, desenhos, para anonimizar ainda mais o uso da caixa, que fica num espaço público; acontece muito as caixas de perguntas serem violadas; às vezes é preciso serem colocadas num sítio vigiado. Há um problema de caixas em sítios públicos, e isso pode inibir; por outro lado pode dar visibilidade a outras perguntas. De acordo com a APF, o que mais sai nas caixas é “eu não tenho perguntas sobre sexualidade”. Isto aponta para os problemas de estabelecer uma dinâmica de caixa de perguntas sem aquecimento, sem reflexão sobre o que se pode perguntar, quais são os temas. Tenta-se que sejam jovens a responder a perguntas de jovens, para não haver simplesmente uma reprodução do poder dos adultos. Porém às vezes as próprias pessoas jovens respondem com não-respostas. É importante pô-los a eles a explorar.

Alexandra pergunta como se pode promover um debate mais igualitário em termos de género; pode haver técnicas de turn-taking que forcem a questão da percepção do género na paridade da participação.

## INTERVALO

Jogo de barómetro de atitudes – –

Sobre o piropo: as pessoas maioritariamente colocam-se no meio sobre isto ser uma violação dos direitos sexuais. Alexandra diz que é uma forma de assédio sexual. Outras pessoas têm uma visão menos marcada; há quem fale de piropos que sabem bem; depende do tipo de piropo, embora a invasão de privacidade seja sempre, mas poderá ser agradável ou desagradável; na nossa cultura é mais comum ser feito a mulheres; Ana Vaz fala de ser

uma violação da privacidade ou do espaço; todos os homens têm uma postura mais leve, o João no entanto tem uma visão mais forte, e diz que as palavras podem ferir, e há uma assimetria de poder. Sónia fala da questão do poder envolvido, e da exposição a ter que lidar com uma posição. No fim da discussão, ninguém mudou de posição.

Sobre a IVG sem consentimento do progenitor masculino ser uma violação dos direitos sexuais dele: a maioria das pessoas discorda desta ideia totalmente; usado o argumento do consenso e do direito à informação do progenitor masculino; outras pessoas falam de a mulher precisar de ter a última palavra; de o progenitor pode até ser desconhecido; só o Bruno concorda totalmente, o que gera algumas brincadeiras e comentários em torno do assunto.

Rapariga forçada a usar implante como violação a direitos sexuais: Ana não concorda totalmente por causa de raparigas deficientes que não têm poder de decisão; mas quando se esclarece que não se está a considerar esse caso, então ela concorda totalmente; há consenso em que não se pode forçar alguém a submeter-se a processos de contraceção. Volta a conversa a questão da deficiência mental, e de como existem diferentes gradações de deficiência e de como isso modela a forma como se pode pensar o consentimento.

Considerações sobre conceito de normalidade e como é relativo, e como normalmente o grupo tem influência; o grupo vai-se organizando por referências interpessoais e não tem que ver apenas com a nossa posição, e sim com a nossa posição junto dos outros.

De novo discussão sobre o jovem com paralisia cerebral que fica muito instável sempre que se fala de raparigas e de sexualidade, do projecto do Ricardo. O Ricardo já lhe limitou a conta de Facebook, fala de contactos com pessoas estrangeiras. É importante haver acompanhamento e não apenas proibição; com mais detalhes revela-se que é um caso que deveria ser visto pela CPCJ; precisa de ser acompanhado para além do ensino especial no colégio Passos Manuel e está na escola pública. É preciso envolver uma equipa multidisciplinar neste caso porque é uma situação complexa e passa também pelo direito dele ao prazer sexual e ao contacto com outras pessoas; ao mesmo tempo há uma situação de vulnerabilidade a contactos indesejados com adultos pela internet e a assédio sexual de adultos, ou questões de predação sexual.

### **Sessão 3 – 27/02/2015, Lisboa, Ana Jorge**

A sessão começa com 5 formandos, 15 minutos atrasada.

Daniel começa por falar de poliamor e não-monogamias convencionais, a pedido dos formandos na sessão anterior. Apresenta definição de poliamor e relação com direitos sexuais. Existem poliamores, como existem monogamias. Articulando com questões de direitos, há inúmeras questões que podem ser negociadas e abertas a discussão. Pergunta conceito de fidelidade: “não trair”, a quem?- uma pessoa. Daniel: isso mistura fidelidade com exclusividade: pode-se ser fiel sem ser exclusivo e ser exclusivo sem ser fiel: formas de traição psicológica.

Alguns termos: orientação relacional é um conceito que não se ouve muito e pode ter paralelo com orientação sexual. Na logica dos direitos sexuais, uma relação monogâmica pode ser forçada sobre uma pessoa que não a deseje. Viola a autonomia da outra pessoa, se ela não quiser. Há varias formas subtis de pressão. Ciúme não é bom nem mau, é um sentimento. E é usado como mecanismo de controlo, que funciona nos dois sentidos.

Hetero-mono-normatividade – pressão social para relações heterossexuais e monogâmicas; com influência de modalidades de género: diferente para homem (ganhão) e para mulher (galdéria, depravada, puta).

Poliamor não é o oposto da monogamia; não é o oposto da poligamia, q está associada a regimes religiosos; não é focado em sexo.

Poliamor é bastante acerca de negociação, conversar, diálogo. Não vale tudo, mas é preciso negociar tudo. Ciúme é diferente de amor. Há um enfoque na questão da responsabilização. Não se pode culpabilizar a outra pessoa sobre sentir ciúme. As pessoas não controlam completamente os sentimentos. Há uma componente ética que não é explicável biologicamente.

Tema emergente: poliparentalidade – famílias não monogâmicas com filhos, que segue o debate sobre casais homossexuais; mas famílias recompostas também são famílias poliparentais.

Um formando fala da questão do *swing* – estudos mostram que casais q fazem swing têm taxa de divórcio mais reduzida. Daniel responde que isso se pode cruzar com poliamor.

Questão IST: pessoas em relações não monogâmicas convencionais têm menores índices de IST; há pessoas em relações monogâmicas que trazem questões culturais: uma pessoa q traia não traz preservativo porque isso quereria dizer q era premeditado. Um dos grupos com maior tendência a aumentar são as mulheres casadas fiéis... Sónia diz que há campanhas porque esse é um grupo de risco.

Sónia destacou a importância deste tema para a APF – sexualidade e consentimento, informação, capacidade de falar sobre os temas torna os indivíduos mais capazes. Isso tornaria os jovens mais capazes de escolher e resistir a violência, a não usar preservativo. Conceções de família. – família é quem se escolhe, porque nestes contextos há jovens que têm família que não cuidou deles, têm que ser eles a escolher de quem gostar e quem cuida deles.

Daniel diz que heterossexuais no poliamor são minoria. Formanda conta caso de um homem que mantém relações com duas mulheres, em casas diferentes, com consentimento, porque disse q não podia deixar nenhuma e q iria trair se continuasse só com uma. Daniel coloca a questão de se as mulheres também poderia ter outro companheiro. Consentimento é um gradiente. Acrescenta que em Portugal, a maioria no movimento/associação informal são mulheres.

Sónia fala da orientação da relação, para além da orientação do desejo. Abrir o léxico.

Daniel: Monogamia muitas vezes imputa o outro: quer dizer 'eu quero estar com alguém que só queira estar comigo'. Formando diz como o amor não monogâmico não precisa de ser apresentado como não gostar do outro.

Nesta altura, estão 7 formandos na sala. Faltam 3.

Sónia prossegue formação, depois de Daniel sair.

Formanda expressa interesse nestes conteúdos sem culpa, sem tabu. Outra formanda revela a importância de desconstruir fidelidade como exclusividade.

Sónia fala dos homens casados que frequentam saunas ao fim-de-semana. Formando diz que se usa o termo Heteroflexível; e Sónia acrescenta que se usa HSH (homens q têm sexo com homens) é um termo q se usa, independentemente de eles considerarem que é homossexualidade.

Intersexo – confusão de uma formanda

Esta é uma sessão prática.

Falam da parte e-learning. Pessoas tinham entregue o ficheiro mas não submetido. Alguns não comentaram ainda as notícias no fórum, outras já. Falam da adaptação à plataforma.

Falam do Francisco, que poderá ter desistido por a formação não ir ao encontro do que pretendia.

Os recursos vão continuar na plataforma pelo menos até o curso fechar.

Altera-se a ordem da formação porque há formando que não pode estar durante a tarde e começa-se pelo Manual de Sugestões.

- equivalente a 50 horas de trabalho no total; ordem é alfabética, não temática.

Pode ser aplicado individualmente ou em grupo, conforme for conveniente; é flexível. Deve traduzir-se na participação dos jovens, em sair algo como proposta deles: campanha, ir à escola, envolver a comunidade, mas também usar internet e tecnologias: facebook do projecto para jovens irem mostrar sugestões, em página e em grupos; telefonemas para sexualidade em linha para colocar perguntas.

Debate-se sobre idades: actividades podem ser para menores de 12 anos, diz Sónia. Como para 18, 20 – as pesquisas é que podem ser diferentes. Um formando diz que tem jovens no projecto com 24 anos que não sabem questões práticas. Não estão na universidade, não tiveram oportunidade de reflectir sobre algumas questões, nem práticas quanto mais de fundo.

Jovens fazem actividade no computador, mas promover uma parte de debate virado para o formador; sugestões e participação. Isso é essencial para assimilar. Ouvirem-se uns aos outros também é uma capacidade trabalhada; capacidade de expressão sem resvalar para confusão e palavirão. No manual há sugestões para o próprio monitor.

Vemos os temas do manual e depois uma actividade “Same Love” (do tema orientação sexual) para desenvolver atitude favorável a orientações homossexual, hétero- ou bi-. Envolve ver vídeos no Youtube. Reflectir e partilhar no Facebook com comentário reflexivo acerca do significado da letra. Formandos são favoráveis ao uso de vídeos e música, parecem-lhes adequados, referem filme que vão deixar na plataforma, em português, “porque muitos não querem ler legendas”

Bullying transgénero – através de uma notícia. Partilhar no Facebook.

Debate-se sobre as utilizações do FB nos centros digitais: formanda diz q tem FB do projecto e têm contas pessoais, e permite-se que eles usem no Centro, usam para jogos. Mas são renitentes a expressar uma opinião. Sugere que seja a página do projecto a participar no FB do On\_Sex – marcando a página, enviando mensagem privada.

Sónia diz que deve ser individualizado, dessa forma mas referindo quem o diz. Alerta para a possibilidade de ter respostas, para os prepararem para isso.

Grupos privados no FB, se a questão for muito privada, pode ser a solução

Sónia alerta para o facto de uma actividade poder ter muito sucesso mas passado algum tempo eles manifestarem posições conservadoras, há muitas influências e não mudam mentalidades automaticamente

Formanda partilha experiência de actividade com post its com rótulos na testa. Um rapaz ficou com rótulo de homossexual e os outros. Depois de falarem sobre Casa dos Segredos, etc, o rapaz assumiu o papel e foi muito divertido, não esperavam que o fizesse.

Sou como Sou – imagem corporal; love the way you lie – música da Rihanna; Amanda Todd.- sextorsion, sexting.

São favoráveis ao uso de videos, canções pop.

(Ana teve que se ausentar)

## **JOGO**

Jogo a ser mostrado novamente – já tinha sido mostrado. Ainda não está completo nem online, por falta de recursos.

Os formandos dizem que a lógica de quiz e de competição/concurso funciona bem com os jovens.

Sónia introduz a Roda da sexualidade – perguntas aleatórias para feiras em que a APF participa.

Formanda diz que eles se sabem que vão fazer formação dizem que não querem ir.

Dificuldade de envolver os pais. Dificuldade do papel do professor e dos técnicos nos diferentes contextos.

Sónia pede para fazerem avaliação da formação, preencher fichas e debater em grupo, antes que saia o formando que não estará à tarde.

- formanda diz q não tinha expectativas e que gostou mais do que esperava, pensava q teria recursos, mas teve acesso a ensinamentos que ainda tem q assimilar e gostou muito, não tem nada a apontar. Gostou do grupo e da formadora.

- formanda que trabalhou em saúde e mãe de 2 filhas diz que sai com curiosidade de saber mais e ver todas as ligações, ler. Ouviu coisas de que não tinha ouvido falar. Sai com mente mais aberta porque todos têm os seus tabus, irão à parada LGBT este ano. Não tinha experiência pedagógica na parte da sexualidade. Falou com as filhas e a mais velha estava incomodada por um rapaz da turma lhe tirar fotografias; aconselhou-a a falar com o rapaz sobre estar incomodada e ela disse-lhe que estava a violar direitos, que podia ir à polícia, e depois falou com directora de turma; o rapaz parou.

- formanda que não pôde vir no primeiro dia (Damaia) diz que tem muita pena de não ter vindo, mas só na plataforma dava-lhe muita vontade de ler mais e mais. Diz que sempre questionou normas e gostou desse espírito na formação. A abertura de mentalidade é essencial para deixar o nível do julgamento, ao nível da pedagogia. Preferia ter mais sessões ao vivo do que discussões no fórum.

Sónia diz que se devia ter deixado mais uma semana de intervalo para a última sessão. Mas formandos dizem que o problema foi a plataforma não ter funcionado no início.

- formanda destaca que foi inspirador a nível profissional e pessoal. Diz que os colegas no grupo de trabalho lhe perguntaram na 2ª sessão o que tinha aprendido, depois de ter partilhado o que tinha ouvido na 1ª. Sente-se como disseminadora para jovens e para colegas. Vê potencial em usar o FB como mais uma ferramenta de trabalho. Sugere um momento de encerramento para voltar a partilhar a experiência da aplicação.

Sónia diz que na conferência final pode haver *workshops* mais privados

- formando diz que foi o melhor curso que veio a partir do Escolhas; a formadora equilibra relação e informação. O negativo foi apenas a plataforma. Já tinha alguma preparação teórica sobre o tema mas tinha dificuldade em trabalhá-la com os jovens. Estruturou melhor o conteúdo e sente-se mais à vontade e motivado.

- formando diz que não estava muito interessado porque não é o seu foco, mas gostou e sente-se mais preparado para se o tema surgir entre os jovens. [é dinamizador? – myskills]

*Interrompe-se para almoço.*

Tarde

Formando João sai; outro formando vem à sessão da tarde. Faz-se avaliação.

- achou que preferia ter mais um dia de formação presencial; gostou de ter aprofundado a questão da IVG, dos jogos da corda. Tem dificuldade em arranjar tempo para formação em e-learning; tinha reservado uma tarde e acabou por ter uma institucionalização...

Sónia reforça a ideia de que os canais podem ser adaptados e individualizados, o que importa é incentivar a participação e garantir privacidade e à vontade dos participantes.

Actividade SWOT – pensar o processo de mudança, aplicar SWOT a aplicar este projecto nas respectivas comunidades

Apresentação dos resultados

#### FORÇAS

Grupo 1: actuar a nível da prevenção; educação não formal; direitos;

Grupo 2: formação já detida pelos técnicos, mais esta; adaptabilidade às situações que jovens tragam; motivação

Sónia: são aprendizagens que ninguém lhes vai ensinar de outra forma.

Grupo nota que no Escolhas não há encontro de técnicos, só de coordenadores e de dinamizadores

#### OPORTUNIDADES

grupo 1: linha sexualidade em linha; possibilidade de estabelecer parcerias; veiculo das redes sociais

Sónia: actualidade das questões da violência através da internet; fotografias com nudez, cyberbullying

(Ana da Damaia – caso de pai que entrou no centro a pedir para ver mensagens qUE a filha trocou com um rapaz e queria apagar o perfil dela no centro)

Monitor que chegou à tarde: Acompanhar e se eles estiverem em sites menos próprios – Sónia pornografia pode ser exploração, mexe com eles de forma estranha e têm curiosidade, o mal é se é feito sem acompanhamento. Técnico diz que os espaços são frequentados por jovens com 6 anos e outros com 24, que têm que acautelar para todos. Muitos dos jovens não tem acompanhamento dos pais que devem ter no CID.

Ana da Damaia diz que eles têm curiosidade e os pais permitem ver pornografia em casa. É dada uma falsa permissividade de os jovens poderem fazer escolhas e depois os pais querem voltar atrás.

- grupo 2: APF como referência e sexualidade em linha; recursos disponíveis na rede social de diferentes entidades; rede informal de comunicação para os participantes desta iniciativa. Identificação das temáticas junto aos jovens, há esse interesse.

Campanhas, e.g. violência no namoro – incentivar a serem eles a fazer campanha: activismo, protagonismo para o jovem; e reforço da coesão social, na comunidade; educação pelos pares

## FRAQUEZAS

- grupo 1: preconceitos que jovens têm e dificuldade de mudar concepções
- grupo 2: capacidade de resposta dos técnicos ajustada aos casos que surgem; herança socio-cultural

Sónia: há muitas resistências

Desconstruir generalizações de género, de etnia

## AMEAÇAS

- grupo 1: educação sexual como está nas escolas; financiamentos
- grupo 2: risco de poder perder controlo (quando começam a navegar na internet)

Risco de agressão, ofensa na rede social. Censura prévia podia ser dissuasora, se existir ofensa tem que se actuar depois. Mecanismos para proteger: vedar essa pessoa, identificar a pessoa e ligar ao Escolhas. É preferível deixar vir alguns erros para depois trabalhar com isso, não cortar à partida.

Não se exploraram todos os recursos porque os formandos não tinham computadores, a sessão não pedia isso. Mas irão ver em casa e discutir via fórum.

## **Sessão 4 – 05/10/2015, Lisboa, Daniel Cardoso**

Sessão começa com dez minutos de atraso, com questões administrativas e burocráticas.

Dinâmicas serão feitas na rua por falta de espaço porque vieram muitas pessoas e não se quis deixar ninguém de fora. Porém, por causa da chuva, as actividades têm que voltar a ser feitas dentro de portas apesar da relativa falta de espaço.

Jogo dos nomes; jogo de avaliar a pessoa ao lado e dizer o que ressalta e que avaliação da pessoa conseguem fazer a partir dos poucos momentos partilhados.

Quebrar o gelo, questões de comunicação, questões pessoais têm importância para os exercícios de comunicação. Não nos conhecemos, entre desconhecidos torna-se ainda mais importante criar vínculos de comunicação e perceber que elementos se podem retirar de um contacto curto e discreto.

Alexandre fala da sexualidade como jogo e como a relação começa-se por jogar. As trocas são o jogo, criar relação e partilha.

Pessoas que foram os últimos acham o jogo de memória mais difícil, para outras pessoas o segundo é mais complicado, por causa dos juízos de valor que implica. Cláudia acha que inconscientemente o primeiro pode influenciar o segundo, até pelo cognome escolhido.



Tiago diz que primeiro jogo é auto-avaliação, o segundo é mais difícil porque, como Alexandra disse, estamos a fazer juízos sobre outra pessoa, e perante outras pessoas, o que quer dizer que vamos também estar a ser julgados em função do que dizemos da outra pessoa. As opiniões das outras pessoas sobre nós alteram-se a partir do momento em que dizemos algo, e a avaliação que fazemos da pessoa ao lado entra na avaliação que toda a gente faz connosco.

Aspectos positivos valorizados por uma consciência colectiva de que é preciso trabalhar colaborativamente. Ao mesmo tempo sentimos ser importante para nós aquilo que os outros pensam de nós.

Adriana acha que a opinião dos outros importa sempre. Nós também precisamos de perceber que impacto temos no outro e precisamos desse feedback, especialmente importante em aspectos relacionais. É no feedback que nos vemos a nós mesmos. A relação é o espelho que nos permite perceber o que somos e como nos apresentamos.

As temáticas que vão ser trabalhadas têm que ver com as vivências afectivas da sexualidade e seus direitos e não tanto com saberes objectivos.

#### *Apresentações*

A Cláudia é assistente social recém-licenciada; estágio na APF, e as suas expectativas nesta formação são as de aprofundar o que aprendeu no estágio, e aplicar em contexto com jovens.

Tatiana, recém-licenciada em serviço social, quer trabalhar diferentes valências, está no desemprego. Esteve a fazer estágio com jovens e crianças, esta formação é importante e dá bagagem para a sua área de formação.

Adriana é dinamizadora comunitária do Escolhas, bairro da Bela Flor e da Liberdade, têm formações para dar às crianças, e uma das temáticas deles é a sexualidade, por isso veio para poder aplicar novos conhecimentos.

Leandro, músico e técnico multimédia, monitor CID no programa Escolhas da Bela Flor, dinamiza formações na área da informática, onde se incluem actividades de internet livre; o interesse é ter um olhar mais minucioso e um controlo sobre as crianças que usam a internet de forma livre. Complicado trabalhar com crianças, uma vez que levam ao extremo os seus comportamentos.

Joana psicóloga que trabalha com o programa Escolhas, programa AXI, tema da sexualidade é importante para trabalhar com jovens.

Tiago, docente em Matemática e Ciências da Natureza, trabalha com o programa Escolhas na Bobadela, monitor CID; precisa de verificar o que fazem no tempo de navegação livre, e tentar implementar através desse espaço algum do conteúdo aprendido nesta formação.

Hugo, Psicologia, mestrado, ainda sem prática na área, pretende alargar formação sem sair da área dos jovens.

Mónica, professora de Expressão Dramática, quer usar estes conhecimentos para chegar às crianças, fez uma formação na área da sexualidade em Angola; diz que os miúdos brincam com os assuntos de forma extremada, absorvem sempre algo, mas com mais ferramentas podem absorver mais e que isso é melhor. Trabalhou com uma iniciativa de Estudantes Angolanos em Portugal, dada em várias regiões, eram sessões pontuais para jovens, sessões de duração variada, quase havia um pavilhão cheio, era preciso tentar separar e durava entre uma hora e meia até uma tarde inteira.

Sara psicóloga, formação em teatro, usa essas áreas com outras, e a expectativas prende-se com o tema, dá formação a professores, trabalha este tema de forma não muito aprofundada. O ambiente digital é uma dificuldade, perspectivar como trabalhar no digital, e como se dá apoio a quem trabalha com crianças e adolescentes. Sara vai acompanhar grupos de professores, que vão desenvolver programas nas suas escolas, e este tema será uma possibilidade.

Maria, animadora cultural, actualmente professora na Cova da Moura, o que a traz é o combate à violência, especialmente em questões sexuais.

Cristina, psicologia, técnica de atendimento à vítima, várias áreas de intervenção, tem trabalhado com crianças e jovens; menciona que, neste momento, há programas de intervenção de prevenção de violência na escola; questões de igualdade de género e prevenção levam para questões da área da saúde sexual e poderá ser uma ferramenta a componente digital, ainda que não seja a área dela, trabalhar isto com jovens e com adultos. Trabalha com educação parental, onde também se trabalha os direitos sexuais. Trabalha em Montemor-o-Velho, zona rural em que a via digital pode ser muito interessante de explorar; trabalha com a Associação Fernando Mendes Pinto, de trabalho com vítimas de violência doméstica. Já participou em vários projectos focados em públicos de vulnerabilidade. Também faz parte de um projecto pela EEA Grants.

Alexandra, educação, monitora CID no Cacém, trabalha com jovens adolescentes; naquele meio a sexualidade está a ser uma aposta, e espera que esta formação dê as ferramentas para trabalhar melhor a questão com os jovens naquele meio.

Alexandre, monitor CID, “Tu contas mais”, Montijo; a questão da sexualidade em ambiente digital faz sentido; no seu projecto há uma componente grande de formação com crianças e jovens, para além das 8 horas de tempo livre de utilização dos computadores; vem em busca de ferramentas para que seja mais fácil controlar e acompanhar os jovens nessa área.

Desejado, monitor CID, actividades sobre sexualidade e direitos sexuais estão no projecto mas não é o espaço CID que os desenvolve; há uma hora em que se debate sobre isso. Nos projectos o local mais frequentado é o CID, e portanto é onde existem mais capacidade de trabalho; deseja na formação poder adquirir mais ferramentas para poder trabalhar o tema melhor. Projecto de São Domingos de Rana. É da Guiné-Bissau, e a maior parte dos grupos com que trabalha segue uma linha de educação de respeitar sempre os superiores culturalmente específica, já que a maior parte das pessoas vem da Guiné, considerando que não é difícil trabalhar com eles.

Álvaro, psicólogo de Sevilha, mora em Lisboa há dois anos, estágio profissional na AMPLOS, interesse pessoal na área da sexualidade; considera que é importante aprender mais para o trabalho que desenvolve.

Luís, programa Escolhas, monitor CID, de Cova da Moura; no seu grupo debatem vários temas, onde se inclui a sexualidade; existem experiências de descoberta muito cedo, e situações de raparigas que são mães com 12-14 anos; questões de sexualidade estão sempre em foco no seu contexto de trabalho. Vem com expectativas de aprender coisas, ferramentas para depois usar no projecto e assim poder ajudar colegas e jovens.

Rui, monitor CID, Bairro Padre Cruz; o trabalho que realiza é, na maior parte, em torno de competências e inclusão, trabalho social. Tem expectativa de debater estes temas, algo que está calendarizado para ser feito uma vez por mês, mas estas abordagens são geralmente dinamizadas à base de pesquisa pessoal que se vai desenvolvendo, e não com trabalho estruturado prévio.

*Exercício de escrever conceitos associados a sexualidade e entre si (ver foto)*

Cláudia logo rapidamente diz que todos os conceitos estão ligados entre si, e que pedir que se formem grupos de conceitos é uma boa estratégia para ligar os vários conceitos como estando ligados

Com jovens mais novos, iam aparecer palavras menos abstractas, mais ligadas ao corpo, o quadro não é igual para grupos diferentes de pessoas, ao nível do tipo de conceitos que são mobilizados para falar sobre sexualidade. Há uma estratificação por idade em relação ao que é falado e às palavras que são usadas.

Maria fala de uma postura de “provocação” na linguagem usada pelos jovens adolescentes.

Alexandre fala do trabalho com as crianças ciganas, e como falar disto com uma criança é depois ter que lidar com os pais em seguida, e de forma negativa, porque os pais sentem que se estão a imiscuir em questões privadas. Rui diz que no caso dele não acontece o mesmo. Alexandre diz que no caso dele há conhecimento de tudo o que se passa por parte de toda a gente, e são ciosos em muito das suas tradições, e é perigoso interferir.

Mónica conta uma situação, relativamente a famílias ciganas, em uma mãe diz que a aula tem que ser mudada porque a rapariga gostava de ir à aula e tinha que ir para a feira, o que estava a causar tensões, porque a rapariga preferia ir à aula a ir para a feira; é preciso uma pluralidade de estratégias e por vezes o confronto directo não é necessariamente o melhor resultado.

*Jogo das cordas*

Maria considera que o jogo aborda a questão da proximidade, dependência e independência.

Cláudia fala da intimidade, do respeito.

Álvaro fala de trabalho conjunto, motivação.

Luís diz que o processo de descoberta é muito importante, não apenas o dizer as coisas. Não basta passar informação. Fala da falta de interesse dos jovens em procurar informação, diz que só estão preocupados com utilizar o Facebook.

Adriana diz que a irmã está um bocado perdida com tanta informação, que há muita coisa; que para outros jovens em casa não há muita liberdade e diversidade; na escola onde há um espaço de liberdade e distância dos pais, e ao mesmo tempo a informação é dada de modo formatado pode ajudar a fazer passar informação.

Cláudia diz que há uma abordagem demasiado tecnicista, biológica.

Rui diz que na prática as coisas não são pensadas na forma como a educação sexual é abordada nas escolas.

Alexandra diz que um enfermeiro passou a jovens de 14-15 anos a informação de que o sexo é para adultos, e que só se faz sexo depois dos 18 anos, mas ao mesmo tempo foi levar preservativos, numa escola.

Rui e Luís comentam o porquê de tudo ser feito passar pela área da saúde, e de como é mais simples tomar essa abordagem.

Cláudia fala dos bloqueios que também fazem parte da experiência da sexualidade.

Sara fala do desanimar e desistir, Alexandra fala de experiências passadas de impossibilidade a alimentarem a ideia de que não é possível conseguir abordar a questão da sexualidade ou a lidar com o tema directamente.

Não é por se transmitir informação que as pessoas automaticamente vão mudar de comportamento.

Adriana relata uma história pessoal de como estava a sentir-se presa, incomodada, faz paralelismo de como é que saía da relação amorosa de que acabou de sair, a querer sair da questão sem depois o conseguir, e de como isso pode ter que ver com as experiências de várias pessoas a lidar com o tema da sexualidade.

Cristina fala na necessidade de persistência e que quando percebemos o quão simples é, depois é mais tranquilizante, tanto falar sobre sexualidade como perceber o que envolve em termos de actos e práticas.

Sessão da tarde

*Direitos sexuais e violação dos direitos em contexto que a pessoa trabalha – grupos*

Direito à igualdade – quebra do direito à igualdade via discriminação entre os pares, como rumores de rapazes mais próximos, mesmo com rapazes novos de 7 anos (rapaz que dava beijinhos aos meninos); desigualdade salarial, homofobia, peso de papéis de género, nos espaços CID diferenciação entre jogos “para raparigas” e “para rapazes”; leis limitativas; na Damaia, o contexto sociocultural é limitativo; o Bairro do Zambujal tem grandes assimetrias ligadas ao género, em contexto de sociedade cigana.

Direito de participação – não permitem inclusão em actividades entre pares, muito ligado a questões de orientação sexual; discussão em torno de criação de actividades para meninas e meninos e diferentes experiências subjectivas de como diferentes projectos encaram as diferentes actividades; papel genderizado de homens e mulheres no campo do desporto e como isso depois se traduz em diferenças pecuniárias em prémios ao nível profissional; planeamento familiar tem consulta virada para o homem mas os homens não aderem, até os formulários pressupõem uma pessoa do sexo feminino (data da última menstruação como campo a preencher na ficha pessoal) e portanto um rapaz gera problemas burocráticos;

Discriminação contra pessoas LGBT – experiência pessoal partilhada de uma pessoa que esteve para ser despedida por ser lésbica; controlo de telemóveis e de redes sociais, falha de privacidade, como problemas que podem surgir a pessoas cuja orientação sexual ou identidade de género seja alvo de discriminação.

A discussão em torno da privacidade faz surgir a história de crianças a quem os monitores CID montam o controlo parental para os pais poderem ver as contas de Facebook das crianças (que tecnicamente não poderiam ter Facebook por serem ainda novas demais); houve histórias de raparigas menores a serem contactadas consecutivamente por adultos; e de monitores CID que têm de chamar os pais para assinar formulários porque há jovens que legalmente não deveriam ter email ou conta de FB. Algumas das pessoas apontam que muitos destes jovens não são acompanhados por pais e escolas, e então vão ao Facebook buscar a atenção que não têm noutros contextos, e que portanto vivem num certo vício de atenção. *Bullying* escolar leva a armarização de pessoas LGBT e que implica uma perda de liberdade, inibe participação social e causa sofrimento

Direito à privacidade – *outings* forçados de pessoas LGB, raparigas têm a sua vida privada mais controlada pelos pais que os rapazes, falta de privacidade no namoro.

Direito a autonomia e reconhecimento – Relatada situação de violação a menor, durante 3 anos consecutivos, e ainda está em processo de investigação; em casos de violação a falta de provas fez uma rapariga expor-se novamente à situação de violência sexual para arranjar as provas. Várias pessoas mostram estar a favor de uma aplicação de lei de Talião; diferenças de género na forma como as leis são redigidas e interpretadas; questões de géneros não-binários para os quais não existem representatividade

Questões de expressão artística ou outras áreas profissionais têm profundas divergências em termos de género.

Discussão sobre as quotas, e se deveria ser a 50% e quais os argumentos a favor e contra.

Jovens não são informados sobre saúde, não são acompanhados pelos pais, e existe muito pouca informação passada por médicos e outro *staff* sobre diferentes opções contraceptivas, e existem mesmo poucos recursos disponíveis em termos financeiros ou físicos para garantir essa pluralidade de abordagens; Educação Sexual não é abrangente, novos tópicos têm sido incluídos mas de forma insuficiente; há uma falta de diferentes especialidades para dar apoio sobre saúde sexual.

Direito à educação e formação – deficiências da educação sexual nas escolas, diferentes grupos étnicos acabam a ter práticas que limitam os jovens, em particular as raparigas; a questão do casamento entre comunidades ciganas, por exemplo; questões de adopção e co-adopção entre casais do mesmo sexo, e ausência dos homens do processo de formação de família

Direito de responsabilização e reparação – É partilhada uma história de violência doméstica, em que o próprio filho da família não foi permitido apresentar queixa; existe protecção dos agressores na forma como o sistema judicial age perante denúncias deste estilo.

### **Sessão 5 – 12/10/2015, Lisboa, Daniel Cardoso**

Houve um atraso de cerca de meia hora; por esquecimento de chaves; houve problemas de Moodle pelo download das fichas dos exercícios; os enunciados têm um problema de discrepância entre os conteúdos e as perguntas.

Houve uma pessoa com problemas de acesso por não ter recebido a password de acesso ao Moodle.

#### *Jogo do Barómetro em que as pessoas se posicionam fisicamente entre o concordo e o discordo totalmente*

Frase sobre piropo ser violação: a maior parte das pessoas está no meio. Quem discorda: depende do piropo, de quem ouve, das intenções de quem ouve; Maria diz que é uma questão cultural, depende da pessoa, da nossa estrutura e de como fomos educados, pode passar-nos ao lado; parte-se do princípio que o piropo pode ser uma coisa positiva, segundo Rui e Luís. Quem está no meio: Luís diz que depende do piropo, e há uma questão de género porque é mais de homens para mulheres, e há piropos maldosos e outros não; pode-se não conhecer alguém; o piropo bom pode ser “eu comia-te toda”, e há mulheres que podem achar bom, sentiram-se desejadas, incide sobre quem recebe a questão principal; Joana diz que tem que ver como o que se diz invade ou não a privacidade da pessoa, é um piropo porque invade a minha liberdade; piropos a amigas poderiam zangar outras pessoas, mas quando há confiança é diferente, vai depender da relação que existe com a pessoa; depende da tolerância de quem o recebe, pode haver uma só pessoa no mundo que de facto goste disso. Quem concorda: o piropo à partida é sempre desvalorizador, há uma avaliação do corpo da mulher enquanto objecto, mas há uma possibilidade de poder haver algo de positivo, o piropo só por existir e que nos coloque como algo desconfortável e como objecto, é uma posição que não pode ser positiva; o piropo é uma forma de assédio sexual, é uma violência de género, é um crime, é uma violação dos direitos sexuais; condiciona a forma de estar, a forma de vestir, e quando as mulheres querem usar uma saia pensam duas vezes, as mulheres têm receio de sair à noite sozinhas, e fazem uma vistoria mais apertada do que se veste, as mulheres são olhadas como um objecto passível; raparigas mais jovens têm mais dificuldade em conseguir lidar com isso. A predominância de sexismo faz com que o espaço dos homens seja a rua, e portanto há desequilíbrios e assimetria de poder.

Frase: Mulher faz IVG sem consentimento do progenitor masculino, é uma violação dos direitos dele? Mais gente do lado do discordo, mas há muita dispersão pelo espectro. Quem concorda: estamos a falar do corpo da mulher, mas temos um homem também com um lado psicológico, ele também faz parte do processo; deve ser uma decisão tomada por ambas as partes, mas é preciso ter em conta as responsabilidades e envolvimento acrescidos da mulher. Quem discorda: é preciso ter em conta que há um momento da gravidez em que não existe nunca igualdade de responsabilidades; aquilo que a sociedade exige à mulher em termos de parentalidade não é o mesmo que é exigido aos homens.

*Exercício sobre identificação de que situações são de educação sexual*

Gera-se trabalho de grupo intenso com discussões aceras e intensas, mas de forma não agressiva.

Situação do “rapaz com força”: é uma situação sexista por achar que é sempre um rapaz com força, é uma situação de demagogia e não há predisposição para abordar o tema; outras pessoas dizem que na medida em que trata de questões de género, se trata de educação sexual; gera-se uma discussão sobre a existência ou não de educação num sentido negativo. Depois avança a discussão para afinal quais são os pressupostos de género nesta situação. Desde logo se percebe a partir deste ponto como todas as frases são muito transversais na sua abordagem. No exemplo do médico, várias pessoas apontam que existe uma grande diferença de poder, e ao mesmo tempo que aquele tema é tratado de uma maneira diferente de outras questões de saúde.

Da parte da tarde, pequena intervenção da campanha sobre tráfico de seres humanos.

Direitos sexuais afinal não são coisas simples e auto-evidentes, existe ainda um mundo de possibilidades, que ainda precisam e podem ser discutidas e problematizadas.

*Exercício de escrever pergunta que tenha sido feita, tal qual ela foi feita, aos formandos enquanto pessoas que era suposto responderem*

De acordo com os comentários de várias das pessoas, a dificuldade em lidar com este exercício está em nós, depende do nosso à-vontade, depende de ter as palavras certas, e é muito diferente responder a uma criança de 3 anos e a um jovem de 14 anos. Nós mesmos temos barreiras, o que dificulta dar uma resposta mais esclarecedora, ou não sequer chegar a resolver a situação; pode haver idade para não saber uma dada coisa. Maria acha difícil descer ao nível de uma criança mais pequena, é um referencial diferente e é muito difícil conseguir articular as coisas da mesma forma.

Os pais podem ser um obstáculo porque as respostas que se dão podem ir contra a educação pretendida pelos pais, e às vezes nós mesmos somos o problema. Os jovens têm o direito à informação e nem sempre a escola e a família têm que ser coincidentes na informação que veiculam; e às vezes até preferem isso.

Neutralidade, respeito, flexibilidade, abertura são elementos fundamentais para o monitor. A questão de dar a opinião pessoal dá alguma discussão, várias pessoas dizem que depende. A questão da opinião como uma forma de licitude e de ser-se verdadeiro é importante para

manter a linha de contacto aberta. Necessária predisposição para trabalhar com aquela pessoa.

Algumas pessoas da formação já usaram caixa de perguntas. É importante facilitar o trabalho de pares, de explicações entre as pessoas consideradas pares. As informações erradas que podem dar e os “disparates” que podem haver, permitem na verdade perceber onde é que há lacunas que depois podem ser colmatadas pelos moderadores. As perguntas e as respostas servem para identificar áreas a trabalhar.

## **Sessão 6 – 19/10/2015, Lisboa, Daniel Cardoso**

MANHÃ

(Em falta)

TARDE

*Manual de Sugestões #ON\_Sex*

Esteve ausente da manhã a ideia de que é preciso que eles terminem com afirmações públicas acerca das suas posições; é preciso fazer *advocacy*, e fazer notar que os direitos são para defender e para fazer valer.

Em relação à orientação sexual, é possível que haja pudor a publicar no Facebook, porque na comunidade existe homofobia explícita, e portanto o jovem até pode concordar mas ao mesmo tempo ter pudor em tornar público. Usar o Facebook do projecto em que se trabalha também pode ser outra estratégia. É importante valorizar diferentes contextos, a possibilidade de perguntas privadas, etc. É importante tentar não criar esse embaraço.

Sara acha que é um processo, e são questões que não são pensadas ou sobre as quais os jovens têm posições muito rígidas. É preciso flexibilidade de tempo, tanto do monitor como dos tempos dos jovens. Nem toda a gente tem esta posição de assumir activismo. Existem diferentes formas de ser activista, de haver envolvimento e defesa de que é preciso participar para ter coisas melhores e para a sociedade melhorar.

Em alguns projectos, no Natal lançam-se desafios para imagens e mensagens e depois fazem-se postais de natal e tem corrido bem, eles gostam de ver pela escola o seu trabalho, e que tem a sua mensagem; amanhã vai ser lançada numa turma a questão dos direitos humanos para depois desenvolver vídeos e mensagens, e colocar mensagens e imagens, sendo que é uma possibilidade boa conseguir trabalhar este tema através desse modo e poderão aderir. O dar visibilidade às suas ideias é importante, porque assim faz-se a validação do que fazem, e dos seus contributos. Isto permanece, não é apenas uma hora de trabalho, é algo que fica para depois, a mensagem em si permanece.



Expressão plástica ou fotografia ou vídeo são outras formas de abordar esta presença, e de fazer *advocacy*, dependendo dos recursos disponíveis.

Maria acha que faz todo o sentido já que a passividade leva a que o estado actual das coisas continue. É preciso demonstrar aos jovens que eles podem fazer alguma coisa. Eles dizem que não gostam e que não é fácil, tentar fazer alguma coisa requer algum apoio e cabe a quem trabalha com eles incentivar para que isso aconteça. É preciso mostrar as hipóteses que existem, e como podem trabalhar com elas. Fazer grupos e discutir é fácil, mas usar isso para depois as coisas mudarem já é mais difícil, e fazer com que essa mudança seja permanente não é necessariamente igual.

Maria diz que o uso deste material numa turma de 5º ano com que trabalha seria algo muito bom, do seu ponto de vista, mas os pais iam reagir negativamente e iam fazer sofrer as crianças. As perguntas que surgem podem começar a criar problemas, tendo em conta os contextos de violência familiar.

Casos de Testemunhas de Jeová em que são relatadas situações de violência doméstica e de violação de uma jovem, e não podem falar com ninguém, e há apenas um caso interno de averiguação. (Ligação a reportagem recente passada na televisão.) Estratégias possíveis passam por abordar o tema na escola, partir das próprias perspectivas dos jovens e começar a questionar e garantir o acesso a questões de saúde, sem sequer entrar pela questão da religião.

#### *Jogo #ON\_Sex*

Maquete neste momento indisponível porque a versão anterior não tem já muito que ver com a actual.

#### *Mostra de outros jogos e actividades*

“Esta cena dava um filme”

Jogo só trabalha preservativo, só trabalha relações heterossexuais, e só trabalha a questão da gravidez e não das ISTs

Pequeno desvio que serve para explicar os termos preservativo externo e interno como formas mais neutras de falar de preservativos.

Pequeno desvio para comentar o caso de uma rapariga que tem alergia a látex e como pode fazer para arranjar preservativos que não provoquem alergia.

“Roda da sexualidade”

“Sex and politics”

De acordo com várias pessoas este jogo resulta muito bem, porque aprenderam sobre política, hierarquias, e também sobre sexualidade, e com um nível de interesse e participação muito intenso.

Não há nada a fazer quando a decisão tomada no fim do jogo vai contra os valores que se pretende passar, mas pode querer dizer que há ali um trabalho mais intenso a fazer. Vários formandos se demonstram interessados em dinamizar ou mesmo participar na dinâmica do jogo.

#### *Parte final do curso e avaliação*

Há interesse em divulgar o manual de sugestões junto de professores que não puderam vir.

Palavras escolhidas para representar a formação: conhecimento, aprendizagem, partilha, reflexão, utilidade, feminismo, complemento, espírito crítico, noção de realidade, partilha, impulsionar reflexão, foco, missão

Consideram que foi positivo, a formação tem sido comentada com amigos e deu para perceber diferentes formas de ver a sexualidade e isso é bom; os jovens também vêm as coisas de formas diferentes, e assim é possível formar diferentes opiniões e saber como o mundo está já que cada pessoa é diferente, mas há um mesmo objectivo passível de ser alcançado por diferentes caminhos.

São temas com que trabalham e que servem de facto como missão, e aqui este foco na questão do como o fazer na prática e dos direitos é relevante; como facilitar a que o jovem defenda os seus direitos, algo que não é fácil; foi importante o focar aqui nesse aspecto em concreto.

Pessoas que trabalham em contexto de desfavorecimento social indicam isso como elemento motivador para vir aqui; levam-se daqui ideias que se vão aplicar. A partilha em si foi muito gratificante. Neste caso existem pessoas de várias áreas e profissões e isso representa uma mais-valia de contacto com experiências diversas.

Nova discussão, repetida da manhã, sobre a diferença e significado entre feminismo e machismo. Localização histórica da palavra, direitos de voto, etc, e a questão da desigualdade. Depois falou-se na organização interna do PS e da forma como as mulheres dentro do PS podem votar para a presidência das Mulheres Socialistas e os homens não. Conversa também sobre espaços seguros e sobre como incluir homens.

Gostaram da linguagem e termos usados, muito rigor e correcção, e também da intenção política por detrás da iniciativa, mas gostariam de mais articulação entre o e-learning e o trabalho presencial, com a possibilidade de criar maior sinergia entre debates online e ao vivo. Sugestão de na primeira semana aplicar uma dinâmica com jovens e depois dar feedback durante a sessão seguinte. Moodle operou aqui mais como repositório do que como dinâmica de grupo.

Há um certo desencanto porque a área está muito estagnada, de acordo com alguns. De uma forma visível as coisas estão estagnadas, os próprios serviços de apoio foram fechando ou sendo suspensos. O serviço público de saúde disponível à comunidade está quase morto neste aspecto em grandes hospitais.

Ao contrário de outras formações, esta tinha um compromisso ideológico com uma determinada estrutura de valores que se transforma numa mais-valia para a formação em si e para a abordagem da componente política e de direitos associada.

### Anexo 3 – Memórias descritivas das Formações

Sessão Experimental – 28 Nov. 2014 – 16 Jan. 2015

1º Dia da Formação Presencial, 28 de Novembro de 2014.

No 1º dia da formação, estiveram presentes 10 formandos, cuja caracterização segue abaixo:

Nome	Idade	Escolaridade	Projeto	Função	Localidade
André Freitas	33	Licenciatura	EntrEscolhas E5G	Monitor CID	Gondomar
Carina Mendes	23	12º Ano	EntrEscolhas E5G	Dinamizador Comunitário	Gondomar
Diogo Robalo	19	9º Ano	EntreSendas E5G	Dinamizador Comunitário	Aveiro
Guiomar de Sousa	33	6º Ano	Multivivências E5G	Dinamizador Comunitário	Espinho
Jonas Oliveira	22	12º Ano	Metas	Dinamizador Comunitário	Porto
Mário Alfredo Ferreira	21	12º Ano	Raíz	Dinamizador Comunitário	Porto
Sandra Sofia Carvalho	21	Licenciatura (frequência)	Geração Tecla E5G	Voluntária – Dinamizador Atelier Criativo	Braga
Telma Sofia Machado	25	Licenciatura	CSI - Fraterna	Técnico Superior	Guimarães
Telma Ariana Silva	30	Mestrado	Mais Jovem	Técnico Superior	Olival
Teresa Acha	28	9º Ano	SIGA - ESG	Dinamizador Comunitário	S. Mamede Infesta

De salientar que apenas os formandos provenientes do Projeto EntrEscolhas se conheciam previamente, pelo que se trata de um grupo desconhecido, onde se torna premente trabalhar a dinâmica do grupo e quebrar o gelo.

Há ainda a realçar que o grupo é bastante heterogéneo, quer em termos de idades (dos 19 aos 34 anos), quer em termos de habilitações literárias (do 6º ano ao Mestrado). Dois dos formandos assumiram-se enquanto ciganos (1 género masculino e 1 género feminino), sendo que um deles apresenta muitas dificuldades em expressar-se, aparentando ansiedade elevada face a situações que implicam exposição e um certo grau de défice cognitivo, patente na dificuldade que apresenta em perceber as questões que lhe são dirigidas.

Feitas estas considerações iniciais, a formação começou cerca de 20 minutos atrasada, devido aos atrasos dos formandos, tendo começado, como previsto, pela apresentação da formadora e da APF. De seguida, passei a Ficha de Trabalho 1 para fazer a dinâmica de apresentação individual prevista. A apresentação decorreu com normalidade, sendo que notei pouco à vontade das pessoas para falarem acerca de si, pelo que tive a certeza de que a dinâmica de Quebra-Gelo prevista na Ficha de Trabalho 2 seria bem recebida, o que se confirmou. Após este quebra-gelo, passei à apresentação do curso, não sem antes averiguar quais as expectativas dos formandos face ao mesmo. A este propósito, importa sublinhar que o grupo foi unânime em identificar como necessidade perceber que estratégias de educação sexual poderiam utilizar no seu quotidiano com os jovens, não tendo nunca sido referida a questão dos direitos sexuais. Como tal, senti necessidade de fazer a ligação entre direitos sexuais e educação sexual enquanto promotora dos mesmos, e apresentei o curso em termos de finalidade, objetivos (ao nível dos conhecimentos, sentimentos e atitudes e competências individuais), temas e avaliação e certificação.

Dado que a plataforma online não se encontrava disponível, não foi possível explorá-la, pelo que ficou acordado com os formandos que, caso o problema não se resolvesse a curto prazo, seriam enviados todos os documentos constantes da sessão em e-learning e que poderiam enviar os trabalhos solicitados para o meu endereço de mail, que foi facultado, juntamente com o meu contacto telefónico.

Assim sendo, passei à abordagem da Unidade I, começando por solicitar ao grupo um brainstorming para trabalhar o conceito de sexualidade. Esta dinâmica correu muito bem, e o grupo aderiu com entusiasmo, quer ao brainstorming em si próprio, quer à discussão acerca do conceito, abrangência, dimensões e manifestações da sexualidade.

Após esta discussão, fizemos um pequeno intervalo, no qual notei que as pessoas ainda não se sentiam muito à vontade para socializar, dado que se trata de um grupo em fase inicial de constituição. Assim, o intervalo não chegou a durar os 10 minutos previstos, dado que as pessoas foram regressando voluntariamente assim que possível.

Para iniciar a temática dos Direitos Sexuais, considerei importante começar por fazer a ponte aos Direitos Humanos, pelo que questionei o grupo acerca de quais as características que os direitos deveriam ter para serem considerados humanos. Nesta discussão em particular, notei muito mais dificuldade do grupo em aderir à mesma, pelo que tive

necessidade de expor os diapositivos que levava preparados para o caso de haver desconhecimento nesta matéria, o que verifiquei.

Assim, após um breve enquadramento acerca dos Direitos Humanos, dividi os formandos em 3 grupos (dada a reduzida dimensão do grupo) e distribuí a Ficha de Trabalho 3 juntamente com a Declaração dos Direitos do Homem, conforme previsto. A tarefa consistia em analisar os Direitos Humanos e, a partir dos mesmos, elencar 10 Direitos Sexuais. Notei que numa fase inicial os formandos tiveram dificuldade em discutir o assunto, gerando-se um silêncio constrangedor na sala, mas fui rodando pelos grupos no sentido de os ajudar a desbloquear a discussão, e na verdade, após o tempo previsto, em plenário percebi que os grupos tinham chegado a praticamente todos os direitos sexuais - apenas o direito aos benefícios do progresso científico e o direito à liberdade de reunião e participação política não foram referidos por nenhum dos grupos; todos os outros foram referidos, embora claro está, com designações diferentes.

Depois do plenário confrontei os resultados dos seus trabalhos com a Carta dos Direitos Sexuais e Reprodutivos da IPPF (1994), o que gerou satisfação no grupo, dado o grau elevado de correspondência entre os mesmos. De seguida, fiz um breve enquadramento expositivo para explicar o percurso da Carta à Declaração da IPPF, o qual me pareceu que assimilaram com facilidade, embora não tenha notado grande entusiasmo face ao tema, já que não houve questionamento ou qualquer tipo de comentário.

Seguidamente, passei a Ficha de Trabalho 4 e pedi aos grupos previamente formados que refletissem acerca das violações aos direitos sexuais. Embora tenham alcançado o objetivo, notei que a partir de determinado ponto, a discussão começava a ser repetitiva, pelo que concluí para mim própria que seria proveitoso alterar esta ficha de trabalho, não solicitando um trabalho tão exigente de correspondência entre cada direito e violação, mas fazê-lo de uma forma mais abrangente e plástica, pois na discussão/plenário foi o que aconteceu e acabou por correr melhor que o trabalho dos grupos enquanto se centravam em preencher a ficha de trabalho. Após a reflexão proporcionada por este trabalho de grupo, cuja avaliação que faço é positiva, na medida em que se alcançaram os objetivos propostos, mas sem grande entusiasmo por parte do grupo, fizemos a interrupção para almoço prevista.

Da parte da tarde, verificou-se novamente um atraso de cerca de 30 minutos, pelo que, a juntar ao desconforto sentido por se tratar de um grupo recentemente constituído, optei por não fazer a Ficha de Trabalho 5, que implicava uma dramatização/role-play. No entanto, através do diálogo com o grupo, foram analisados os Princípios Inerentes à Declaração dos Direitos Sexuais da IPPF, tal como previsto. O debate encetado de seguida acabou por ser um pouco a repetição do debate ao final da manhã (relativo às violações dos direitos sexuais), pelo que considero reestruturar esta parte do programa.

A dinâmica seguinte – Barómetro de atitudes, obteve bastante entusiasmo e adesão por parte dos formandos, que se envolveram na discussão das afirmações propostas com afinco. Foi interessante notar o empenho dos mesmos em distinguir a sua opinião pessoal do que considerariam adequado defender quando se encontram perante um grupo de

formandos no qual eles funcionem como educadores/monitores. Após esta dinâmica, foi apresentado e debatido o quadro ético de valores da educação para os direitos sexuais, que não tiveram dificuldade em apreender.

Fez-se depois um pequeno intervalo, onde já se notava um maior à-vontade entre as pessoas, sendo que desta vez foi necessário relembrá-los da hora de reiniciar a sessão.

De seguida, foram explorados os conceitos de vulnerabilidade e de direitos sexuais e saúde sexual e reprodutiva, com o objetivo de os formandos reconhecerem a vulnerabilidade enquanto fator de risco para a garantia dos últimos. Esta discussão obteve maior adesão dos formandos e alcançou-se o objetivo no tempo previsto.

No sentido de se identificar os principais problemas dos jovens em matérias de direitos sexuais e reprodutivos, propôs-se a dinâmica “Tarde da má língua” conforme Ficha de Trabalho 7. Esta dinâmica obteve boa adesão por parte dos formandos, tendo sido a discussão profícua. No entanto, reparei que ao distribuir a Ficha de Trabalho houve algum desconforto, pelo que me parece importante retirar algumas Fichas de Trabalho (não as dinâmicas, apenas a ficha), que me parecem gerar algum desconforto por implicarem a escrita, o que para alguns formandos, me pareceu ser tarefa difícil.

Dada a reflexão profícua que se fez, bem como o desagrado notado face a tarefas que implicam escrita, optei por não passar a Ficha de Trabalho 8, abordando-a apenas em discussão de grupo/plenário. De qualquer forma, dada a discussão obtida através das Fichas de Trabalho 4 e 5, acaba por ser um pouco redundante, pelo que proponho que esta tarefa seja incorporada numa das anteriores.

A sessão terminou assim com uma síntese relativa às necessidades dos jovens em matérias de Direitos Sexuais e com uma síntese relativa ao dia de formação.

As impressões gerais com que fiquei a partir deste primeiro dia de formação são de que o grupo reagiu muito melhor a dinâmicas que não implicassem escrita (por haver formandos com dificuldades marcadas a este nível), e também que o grupo estava muito mais recetivo a abordar questões relacionadas com a sexualidade em si e com estratégias de educação sexual que pudessem ser utilizadas com os jovens, do que propriamente com as questões inerentes aos direitos sexuais.

Desta forma, tentarei fazer reajustes às duas primeiras sessões presenciais, no sentido de as tornar mais dinâmicas e apelativas, nomeadamente no que diz respeito à abordagem dos conceitos iniciais.

## **2º Dia da Formação Presencial, 05 de Dezembro de 2014.**

No 2º dia de formação estiveram presentes 9 formandos, dado que um deles faltou sem ter avisado ou justificado.

A sessão teve início, conforme previsto, com uma breve exposição oral e diálogo acerca do conceito e abrangência da Educação Sexual, para que os formandos reconheçam a importância e abrangência da Educação para os Direitos Sexuais. Após esta breve exposição, que me pareceu cativar o interesse dos formandos pelos comentários tecidos e questões levantadas, dividi o grupo em 3 pequenos grupos (3 formandos cada) e passei a Ficha de Trabalho 11, que permitiu tirar as dúvidas e aprofundar as competências de traçar objetivos em Educação para os Direitos Sexuais, conforme previsto.

Depois da correção e diálogo acerca desta Ficha, fizemos um pequeno intervalo, ao qual se seguiu uma breve exposição oral e diálogo acerca dos Modelos de Educação para os Direitos Sexuais, que foi facilmente apreendido pelos formandos. De seguida, os grupos previamente constituídos foram convidados a dramatizar duas situações distintas, conforme os modelos previamente abordados, atividade que resultou muito bem, na medida em que permitiu aplicar os conhecimentos de uma forma lúdica e pedagógica. A discussão que se seguiu - adequabilidade e dificuldade/facilidade de aplicação prática do modelo biográfico e profissional nas situações quotidianas com os jovens - foi também muito bem conseguida, com os formandos envolvidos e motivados para analisar a questão solicitada.

Posto isto, elaborou-se em Plenário um perfil adequado para o monitor/educador que aborda a Educação para os Direitos Sexuais, tarefa que foi abraçada com ânimo e participação dos formandos, tendo a reflexão chegado ao objetivo previamente estabelecido.

Pedi então aos formandos que se colocassem no lugar de um qualquer jovem e que formulassem uma possível dúvida relativa à sexualidade/direitos sexuais, utilizando a estratégia da Caixa de Perguntas. Seguidamente, recorrendo a essas mesmas questões, dinamizei com o grupo o jogo do Carrossel, no qual os formandos tiveram de assumir alternadamente o papel de “jovens” e de “monitores” e dar resposta às questões previamente colocadas. Esta dinâmica permitiu não só responder de forma adequada a cada questão, dado que todas foram revistas no final, mas sobretudo refletir acerca do papel do monitor e do modelo de educação sexual adotado, e da dificuldade de respeitar o modelo biográfico e profissional. Esta dinâmica, para além de se ter revelado muito profícua, conseguiu a adesão/motivação dos formandos, que se envolveram de forma entusiasmada na mesma.

De seguida, fizemos a interrupção para almoço e a parte da tarde começou com cerca de 15 minutos de atraso.



A tarde teve início com uma breve reflexão/diálogo acerca das características que devem ter as metodologias e técnicas na Educação para os Direitos Sexuais, sendo que de seguida foram exploradas algumas delas, a saber:

- Praça Pública
- Debate pró e contra
- História Valorativa
- Caça às Assinaturas
- Jogo de papéis
- História Inacabada
- Discussão de casos
- Correio dos afetos

Estas técnicas foram escolhidas tendo em conta que outras já tinham sido dinamizadas (por exemplo, brainstorming, caixa de perguntas, carrossel, role-play, barómetro de atitudes) e por serem consideradas por mim as mais motivantes e difíceis de aplicar sem prévia experimentação.

Após a dinamização de cada técnica, foi feita uma reflexão acerca da aplicabilidade da mesma, conforme o solicitado na Ficha de Trabalho 14.

Há a salientar que o segundo dia de formação correu de forma mais entusiasta que o primeiro, o que julgo ter a ver com o ir mais ao encontro das expectativas prévias dos formandos, por um lado, e por outro, ser um dia não tão introdutório dos conceitos iniciais.

Desta forma, parece-me que este 2º dia de formação não precisa de ser reformulado.

### **3º Dia da Formação Presencial, 12 de Dezembro de 2014.**

Já sabia de antemão que não poderiam comparecer 2 formandos nesta data, e sendo que havia faltado um formando na sessão anterior, contava apenas com 6 formandos.

No entanto, à hora de início da formação, estavam presentes apenas 2 formandos. Entretanto, uma formanda telefonou a avisar que não poderia comparecer por ter o filho doente.

Mesmo assim, contando com 5 formandos (50% do grupo), aguardei uma hora no local. Dado que não apareceu mais ninguém, comecei a contactar telefonicamente os restantes, sem sucesso.

Assim sendo, tomei a decisão de não avançar com a formação nesse dia, por ser impraticável com apenas 2 formandos.

Posteriormente, tomei conhecimento que:

- faleceu um familiar a um formando
- uma formanda adoeceu
- uma formanda perdeu o transporte
- o formando que não tinha comparecido à sessão anterior foi para o local anterior (IPDJ)
- outro formando teve uma situação familiar e não pôde comparecer
- a formanda que não podia comparecer naquela data ficou agradada com o facto de poder terminar o curso noutra data
- a formanda que tinha o filho doente também ficou agradada com a alteração.

Dessa forma, a sessão foi adiada para 16 de Janeiro, sendo que à data de hoje ainda aguardo confirmação de 3 formandos.

## **Último Dia da Formação Presencial, 16 de Janeiro de 2015**

A sessão da manhã teve início com 30 minutos de atraso, devido ao facto de os formandos terem chegado tarde.

A sessão teve início, como previsto, com uma análise SWOT acerca das potencialidades e perigos da educação para os direitos sexuais em ambiente digital. Este trabalho decorreu tal como planificado, não tendo notado da parte do grupo nenhum tipo de resistência à atividade, nem dificuldade em particular.

A reflexão tida a partir da partilha e análise das conclusões dos 3 grupos de trabalho permitiu estabelecer o elo com a tarefa seguinte, que consistiu no treino de situações. Nesta atividade, os formandos colocaram situações hipotéticas em que sentiriam dificuldades na abordagem e de seguida estas situações foram dramatizadas, treinando-se os comportamentos e atitudes adequados por parte dos monitores, o que foi considerado muito útil pelo grupo, sendo uma atividade em que notei especial empenho e motivação.

Seguidamente a um curto intervalo, procedemos a uma visita guiada por mim aos sites que constituem importantes recursos disponíveis em matérias de direitos sexuais, tendo esta atividade ocupado o tempo restante da sessão matinal.

A sessão da tarde iniciou 15 minutos após o previsto, devido a atrasos do grupo de formandos.

Esta última sessão foi marcada pela exploração de várias atividades incluídas no Manual de Sugestões, o que obteve muito interesse e participação dos formandos. As impressões acerca do Manual foram no sentido deste ser de fácil aplicação e de utilizar estratégias motivantes e adequadas aos jovens. Explorou-se ainda um pouco mais a página do Facebook do projeto.

A partir desta exploração, os formandos acharam muito pertinente que em campanhas do projeto se explorassem os temas violência no namoro, homofobia, desigualdade de género e orientação sexual.

Finalmente, procedeu-se à avaliação da ação através de uma dinâmica de grupo, na qual foi sublinhado o carácter prático e útil desta ação.

Coimbra, 20 de Janeiro de 2015.

**Sessão Porto – 13 Fev. – 27 Fev. 2015**

**1º Dia da Formação Presencial, 13 de Fevereiro de 2015.**

No 1º dia da formação, estiveram presentes 9 formandos (8 formandos de manhã), cuja caracterização segue abaixo:

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Habilitações</b>	<b>Organização</b>	<b>Função</b>
Susana Oliveira	33	Licenciatura em Psicologia	PSI-ON Ass. Para a Educ., desenvol. E intervenção nas comunidades	Coordenadora geral
Patrícia Neto	30	Mestre em Direito	Associação Projecto Criar	Coordenadora gab. juridico
Daniela Bastos	30	Licenciatura em Direito	Associação Projecto Criar	Advogada voluntária
Teresa Brandão	23	Pós-graduação	Associação Projecto Criar	Advogada estagiária voluntária
Raquel Coelho	36	Mestre em Ciências Sociais e Saúde	Canal de Aventura - Associação Juvenil	Presidente e responsável por campos de férias
Cláudia Resende	37	Licenciatura em Educação Social	Centro Social de Paramos - Centro Comunitário "Espaço Vivo"	Educadora Social
Lucas Lopes	23	Estudante Medicina	Ass Nacional Estudantes de Medicina	Coord Nacional Dep SR e SIDA
Joana Sanches	34	Licenciatura em Enfermagem		
Cristina Castro	27	Mestrado Integrado em Psicologia	Desempregada	Desempregada
Maria Sofia Mota				

Após uma conversa inicial foi possível perceber que alguns dos formandos se conheciam, sendo que três trabalhavam na mesma organização e outros tinham estado se encontrado

em diferentes contextos formativos. Contudo, uma vez que existiam formandos que não conheciam ninguém, tornou-se necessário trabalhar o grupo, realizando algumas dinâmicas de quebra-gelo.

Relativamente a habilitações académicas, quase todos os formandos eram detentores de licenciaturas, maioritariamente, na área das Ciências Sociais e Humanas, daí o particular interesse em frequentar esta formação, uma vez que contactavam de perto com estas temáticas.

Realizadas estas considerações iniciais, a formação começou cerca de 30 minutos de atraso, por alguma dificuldade dos formandos com os transportes públicos ou em estacionar os veículos. Iniciou-se a formação, como previsto, com a apresentação do formador e da APF. Neste seguimento, foi realizada a Ficha de Trabalho 1, para que os formandos se apresentassem ao grupo. Neste primeiro momento foi possível constatar que os formandos estavam confortáveis ao apresentar-se, não obstante alguma timidez inicial, que é natural sempre que se contacta com um novo grupo/contexto. Assim, fez todo o sentido realizar a Ficha de Trabalho 2, de forma a quebrar o gelo no grupo e a permitir um maior conforto na partilha de experiências por parte dos formandos.

Após esta dinâmica inicial foi realizada a apresentação do curso, nomeadamente, ao nível dos objetivos, conteúdos, metodologias, avaliação, certificação e plataforma e-learning. Esclarecendo algumas expectativas dos formandos em relação ao curso, foi possível constatar o elevado interesse dos mesmos relativamente ao facto de este estar relacionado com os direitos sexuais aplicados ao ambiente digital. Foi partilhado que alguns dos formandos trabalhavam com jovens e sentiam particular necessidade em estarem familiarizados com questões relacionadas com a sexualidade nas redes sociais e ambiente digital. Este interesse estava também relacionado com a necessidade de supervisão dos jovens relativamente à utilização das novas tecnologias e ao nível da prevenção dos perigos associados às redes sociais no contexto da sexualidade. Após a breve apresentação do curso foi explorada a plataforma online, familiarizando os formandos com esta plataforma e alertando-os para a necessidade de realizarem posteriormente a sessão e-learning, nomeadamente, as duas fichas de trabalho.

Seguidamente, iniciando a abordagem da Unidade I, foi solicitado ao grupo que pensasse acerca do conceito de sexualidade. Para tal foi realizado um brainstorming com o objetivo de perceber o significado e abrangência deste conceito. O grupo aderiu a esta atividade com bastante entusiasmo e dinamismo, salientando aspetos positivos e negativos da sexualidade. Conseguiram também constatar a dificuldade de definição deste conceito, percebendo as diferentes dimensões e manifestações da sexualidade.

De forma a introduzir a temática dos Direitos Sexuais, foi necessário abordar previamente os Direitos Humanos, que são a base para a definição dos primeiros. De notar que alguns dos formandos, apesar de conhecerem os Direitos Humanos, desconheciam os Direitos Sexuais. Assim, foi necessário explorar inicialmente os Direitos Humanos para auxiliar os formandos na realização da tarefa posterior. Esta tarefa, constante na Ficha de Trabalho 3, consistia em elencar 10 Direitos Sexuais, a partir da Declaração dos Direitos do Homem, que foi distribuída aos participantes juntamente com a ficha. Apesar da maior parte dos

formandos desconhecem os Direitos Sexuais, conseguiram facilmente identificá-los a partir da análise dos Direitos Humanos. Assim, foram ao encontro da maior parte dos Direitos Sexuais, salvo o “direito aos benefícios do progresso científico” e o “direito à liberdade de reunião e participação política”. Após a comparação dos seus resultados com a Carta dos Direitos Sexuais e Reprodutivos da IPPF (1994), foi perceptível que os formandos assimilaram quer os Direitos Humanos, quer os Direitos Sexuais, estando sensibilizados para este tema. Neste âmbito foram esclarecidas as etapas que permitiram a evolução da Carta para a Declaração da IPPF. Os formandos consideraram esta atividade interessante, pois transmitiram que nunca se tinham questionado anteriormente sobre os Direitos Sexuais.

De notar que face ao atraso inicial e elevada participação dos formandos nas atividades matinais não foi possível realizar a Ficha de Trabalho 4. Foram bastante produtivos os momentos de reflexão e partilha de experiências dos formandos pelo que considero que estes deveriam ser valorizados e não anulados, permitindo que houvesse um ambiente caracterizado pelo conforto, segurança e bom relacionamento entre os participantes. Desta forma e face aos atrasos habituais neste tipo de formações, penso que deveria existir um maior tempo para a realização das atividades uma vez que, dependendo do grupo, estas podem gerar momentos de reflexão que são importantes para o contexto formativo. Neste seguimento, foi realizada a interrupção para o almoço, à hora prevista.

Na parte da tarde, existiu novamente um atraso de 30 minutos, sendo que se juntou um novo formando ao grupo que não pôde frequentar a parte da manhã por ter aulas na universidade. Face a este atraso, e uma vez que o grupo se revelou bastante participativo da parte da manhã, demonstrando compreender a Declaração dos Direitos Sexuais, decidi não realizar a Ficha de Trabalho 5 que implicaria muito tempo da tarde e o atrasar da ordem de trabalhos.

Assim sendo, foi realizado o Barómetro de atitudes que permitiu o posicionamento dos participantes face a algumas afirmações polémicas. Este exercício revelou-se bastante importante para esclarecer algumas crenças/valores dos formandos. De notar que um dos temas que gerou alguma controvérsia foi a IVG, resultando em afirmações bastante antagónicas entre os formandos. Deste modo, foi interessante averiguar que as crenças foram transmitidas de uma forma aberta, o que é um indicador do ambiente positivo que existia entre os formandos. Foi também realçada a necessidade dos formandos se conseguirem distanciar da opinião pessoal em contexto profissional, na medida em que as suas crenças poderiam interferir na qualidade do trabalho. Após este momento de reflexão, foi apresentado e debatido o quadro ético de valores da educação para os direitos sexuais, que permitiu consolidar o que foi debatido durante esta atividade.

Após esta atividade foi iniciada a temática dos problemas e necessidades dos jovens em matérias de Direitos Sexuais, explorando-se os conceitos de vulnerabilidade e de Direitos Sexuais e Saúde Sexual e Reprodutiva. Desta forma, procurou-se que os formandos reconhecessem a vulnerabilidade como um fator de risco para os Direitos Sexuais.

No seguimento da atividade anterior foi realizada a dinâmica “Tarde da má língua” conforme a Ficha de Trabalho 7. Os formandos conseguiram facilmente identificar os

pontos fracos e “defeitos” dos jovens na vivência da sua sexualidade, destacando inúmeros aspetos que salientam a vulnerabilidade deste grupo (ex: “pressão de pares, inexperiência, falta de informação, impulsividade, pouca responsabilidade, vergonha, consumo de substâncias, mitos, fontes de informação”). Dado a reflexão intensa suscitada pela atividade e, uma vez que foram discutidas as necessidades dos jovens neste âmbito, não foi realizada a Ficha de Trabalho 8, de modo a não estar a repetir o que já havia sido falado e por existir pouco tempo disponível para esta atividade. Assim, foi realizada uma reflexão final acerca das necessidades dos jovens em matérias de Direitos Sexuais e sobre este dia de formação.

De notar que o grupo se revelou bastante coeso e participativo, o que contribuiu para que a formação decorresse de uma forma fluída e interativa. Face às reflexões pertinentes realizadas em torno das atividades penso que existiu pouco tempo disponível, daí que optasse por não realizar as fichas já mencionadas. Estes momentos de partilha permitiram abordar várias expectativas e experiências dos formandos, que resultaram no debate de temáticas relacionadas com a formação de forma natural e personalizada. Os formandos mostraram-se bastante interessados na formação, principalmente nas atividades mais dinâmicas e que exigiam a sua participação ativa (ex: barómetro de atitudes).

## **2º Dia da Formação Presencial, 20 de Fevereiro de 2015.**

No 2º dia de formação, da parte da manhã, estiveram presentes 9 formandos tendo-se verificado um atraso de cerca de 30 minutos. De salientar que uma nova formanda se juntou ao grupo, por recomendação de uma colega, que já havia articulado com a APF.

Para iniciar esta sessão, foi realizada uma exposição oral acerca do conceito e abrangência da Educação Sexual, de forma a reconhecer a sua pertinência no âmbito da Educação para os Direitos Sexuais. Neste âmbito, refletiu-se sobre os diferentes tipos, objetivos e agentes da Educação Sexual, procurando reconhecer a multiplicidade de contextos que englobam a Educação Sexual. De modo a refletir sobre este assunto, foi distribuída a Ficha de Trabalho 11, que foi realizada em pequenos grupos. Globalmente, os formandos conseguiram apresentar exemplos concretos de situações que incluíam os diferentes tipos de Educação Sexual. Além disso, tiveram facilidade em assimilar quer os tipos, quer os objetivos e contextos de aplicação da Educação Sexual, reconhecendo que esta pode ter lugar em diferentes momentos e lugares, mesmo naqueles considerados mais informais. Este esclarecimento revelou-se bastante pertinente, na medida em que contribuiu para refletir acerca do trabalho com jovens em Direitos Sexuais.

No seguimento desta temática, iniciou-se a abordagem dos Modelos de Educação para os Direitos Sexuais, com uma breve explicação sobre cada um dos modelos. Após esta explicação, foi atribuída uma situação a cada grupo, já previamente constituídos, solicitando-lhes que pensassem na dramatização dessa situação com quatro variantes de resposta, relativas aos quatro Modelos de Educação Sexual. Esta atividade foi muito bem recebida pelos formandos, apesar de preferirem não assumir a postura de dramatização propriamente dita, mas antes explicar o que diriam em discurso indireto. Apenas um dos grupos optou por simular em discurso direto a interação entre o monitor e o jovem. Este aspeto poderá estar relacionado com algum constrangimento e desconforto dos formandos relativamente a este tipo de atividades, que envolvem dramatização. Apesar disso, os formandos conseguiram representar as situações de acordo com cada modelo e refletiram sobre a adequabilidade e dificuldade/facilidade de aplicação prática do modelo biográfico e profissional nas situações quotidianas com os jovens.

Para conclusão desta tarefa, foi pensado, em plenário, no perfil adequado para o monitor/educador que aborda a Educação para os Direitos Sexuais, o que foi bastante pertinente do ponto de vista de reconhecer quais as competências/atitudes adequadas e desadequadas que podem ser manifestadas neste contexto. Os formandos tiveram facilidade na identificação do perfil adequado e desadequado do monitor, destacando-se a participação positiva dos mesmos nesta atividade. Esta tarefa foi concluída com a apresentação do perfil desejável do monitor que aborda a Educação para os Direitos Sexuais.

Após esta atividade, foi solicitado aos formandos que pensassem numa questão relacionada com a sexualidade/Direitos Sexuais e que a registassem na Ficha de Trabalho 12, para ser utilizada na Caixa de Perguntas. Depois de todos os formandos terem pensado numa



questão, estas foram recolhidas, colocadas num saco, e posteriormente tiradas pelos formandos de forma aleatória, para utilizar no Jogo do Carrossel. Neste jogo, os formandos foram convidados a assumir o papel de jovens e de monitores, de forma alternada, dando resposta às questões colocadas na Caixa de Perguntas. Esta atividade decorreu de forma bastante positiva, tendo sido perceptível o entusiasmo dos formandos na participação. Os formandos destacaram que, por vezes, surgiram questões difíceis e que tiveram alguma dificuldade em responder, indicando que era mais fácil estar no papel de jovem do que de monitor. Assim, ficaram sensibilizados para a dificuldade de respeitar o modelo biográfico e profissional, principalmente quando não sabiam responder à questão colocada. Para finalizar esta atividade foram discutidas em plenário as questões colocadas, procurando encontrar uma resposta adequada para as mesmas, e ouvidas as dificuldades sentidas durante a realização do jogo.

Com o término desta tarefa foi realizada a interrupção para o almoço, sendo que, da parte da tarde, existiu um atraso de 20 minutos. Neste momento juntou-se mais um formando ao grupo que não pôde frequentar a parte da manhã por ter aulas na universidade, totalizando 10 formandos.

A parte da tarde foi iniciada com uma reflexão sobre as metodologias e técnicas na Educação para os Direitos Sexuais. Através da consulta do Guião Pedagógico foram exploradas algumas técnicas, nomeadamente: brainstorming, barómetro de atitudes, debate pró e contra, discussão de casos. De notar que face à elevada adesão dos formandos às atividades, que geraram reflexões profundas e a partilha de experiências, esta tarefa foi finalizada com uma reflexão em plenário sobre as técnicas dinamizadas, não tendo sido possível, por uma questão de tempo, realizar a Ficha de Trabalho 14. Os formandos consideraram que estas técnicas podiam ser muito úteis para os seus contextos profissionais, uma vez que podiam ser utilizadas com diferentes públicos-alvo e adequadas a diferentes temáticas.

De notar que este dia de formação contou com uma maior adesão e participação dos formandos, possivelmente pelas atividades mais dinâmicas e interativas realizadas. Ao nível das atividades previstas para este dia, parecem-me adequadas e exequíveis para o tempo proposto. Apesar de não ter realizado a Ficha de Trabalho 14, parece-me que em vez da realização desta Ficha poderia ser apenas realizada uma reflexão em grande grupo sobre as técnicas, como foi o caso.

### **3º Dia da Formação Presencial, 27 de Fevereiro de 2015.**

Esta sessão iniciou-se com um atraso de 30 minutos sendo que estiveram presentes 5 formandos, quer da parte da manhã, quer da parte da tarde.

A Unidade III, referente aos recursos em Direitos Sexuais, foi iniciada com a realização da análise SWOT, inserida na Ficha de Trabalho 14, com o objetivo de identificar potencialidades e perigos da educação para os direitos sexuais em ambiente digital. Os formandos realizaram a tarefa com facilidade, conseguindo atingir os objetivos previstos. Os resultados desta análise foram registados no quadro e discutidos em grande grupo. Esta atividade permitiu identificar, além das potencialidades, os perigos/ameaças com que os monitores se podem defrontar na educação para os direitos sexuais em ambiente digital, o que se revelou especialmente útil para os formandos. Estar a par destes perigos permite identificar as necessidades e vulnerabilidades no contexto de trabalho com jovens, tentando dar resposta às mesmas. Neste contexto, deu-se especial ênfase às temáticas do *sextorsion*, *sexting* e *cyberbullying*, tendo sido discutidas algumas notícias de casos recentes. De forma a dar resposta a estas situações de perigo, foi apresentado o “Centro Internet Segura”, como um recurso importante neste contexto.

Esta atividade permitiu também auxiliar na realização posterior da Ficha de Trabalho 15, que consistia em apontar uma situação desafiante no contexto de educação para os direitos sexuais em ambiente digital. Dado o número reduzido de formandos, esta atividade foi realizada em dois grupos, sendo que cada grupo representou a situação identificada pelo outro grupo. Assim, foram dramatizadas estas situações com o objetivo de apresentar o comportamento adequado do monitor face ao contacto com uma situação desafiante apresentada pelo jovem. Este treino de situações revelou-se bastante útil permitindo a consolidação dos conhecimentos já adquiridos e a colocação em prática dos mesmos. Além disso, permitiu identificar formas de responder às vulnerabilidades e perigos no âmbito do trabalho com jovens na educação para os Direitos Sexuais. Os formandos revelaram entusiasmo na execução desta tarefa, permitindo-lhes antecipar algumas dificuldades que podem surgir nos respetivos contextos profissionais.

Face ao adiantar da hora, foi realizado o intervalo para almoço, tendo sido retomada a sessão da tarde, com cerca de 30 minutos de atraso.

Como da parte da manhã não existiu tempo para explorar os recursos indicados na Ficha de Trabalho 16, esta atividade foi realizada no início da sessão da tarde. Assim, realizei uma visita guiada aos sites que representam recursos importantes no âmbito dos direitos sexuais.

Seguidamente, partiu-se para a exploração do Manual de sugestões #ON\_Sex, no sentido de apresentar alguns materiais pedagógicos de educação sexual em ambiente digital. Os formandos assistiram com interesse a este manual, considerando-o uma ferramenta muito útil para o seu trabalho com jovens, destacando o facto das atividades serem muito adequadas às necessidades e interesses desta população-alvo. Uma vez que os formandos não encontraram este manual disponível na plataforma, solicitaram que o mesmo fosse

disponibilizado, dado o elevado interesse no seu acesso. A par do manual foi também apresentada e explorada a página de Facebook #ON\_Sex, que foi apresentada como um recurso importante para ter acesso a informações, notícias e recursos atualizados no âmbito da educação para os Direitos Sexuais em ambiente digital.

De forma a concluir o curso, foi realizada uma avaliação da ação em grande grupo, de forma a averiguar se a mesma tinha ido ao encontro das expectativas dos formandos. Globalmente os formandos destacaram que a ação se revelou muito útil, quer ao nível dos conhecimentos acerca dos Direitos Sexuais, quer ao nível da aquisição de recursos e materiais importantes, no âmbito deste tema, para o contexto profissional. Apesar da satisfação global dos formandos, foi indicado apenas que esperavam ver explorado de forma mais profunda o ambiente digital, nomeadamente, ao nível das redes sociais e seus perigos e estratégias de prevenção de perigos neste contexto. Por último, foi distribuída a ficha de avaliação final da ação pelos formandos.

João Geraldes Santos

Porto, 20 de Março de 2015.

Sessão Coimbra – 13 Fev. – 6 Mar. 2015

1º Dia da Formação Presencial, 13 de Fevereiro de 2015

No 1º dia da formação, estiveram presentes 12 formandos, cuja caracterização segue abaixo:

Nome	Idade	Escolaridade	Instituição	Função
Álvaro Florêncio	49	Mestrado	Comunidade Juvenil Francisco de Assis	Professor
Ana Campos	49	12.º ano - Frequência 2.º ano Gestão	IPDJ	Assistente Técnica
Ana Mafalda Olaio	49	Mestrado	Comunidade Juvenil Francisco de Assis	Professora
Ana Paula Candeias	49	Licenciatura em Serviço Social	IPDJ	Coord Programa Cuida-te/CPCJ
Eneida Sardo	47	Licenciatura em Gestão de Marketing	IPDJ	Responsável Cuida-te Aveiro
Fernando de Sousa	45	Licenciatura	Comunidade Juvenil Francisco de Assis	Professor
Irene Martins	48	Licenciatura em Psicologia e Pós graduação em psicopatologia da criança e do adolescente	IPDJ	Técnica superior - Responsável pelo gabinete de apoio à saúde infantil
Irene Ferreira	47	Licenciatura em Educação Social	IPDJ	Atendimento e acompanhamento de jovens/Departamento de Programação
João Correia	50	Mestrado em comunicação	IPDJ	Técnico Superior

		jornalismo pela UC		
Luísa Almeida	52	Licenciatura em Educação Social	IPDJ	Assistente Técnica
Margarida Rosa	27	Mestrado	--	Desempregada
Otilia Moura	54	2.ºano complementar/frequência universitária	IPDJ	Atendimento ao público/ Loja Já/Programa Cuidate

De salientar que os formandos provenientes do IPDJ se conheciam previamente, pelo que se trata de um grupo com uma grande consciência grupal e onde importa integrar os restantes 4 elementos.

Este grupo é homogéneo, quer em termos de idades, não se verificando também grandes diferenças em termos de funções e de habilitações literárias.

Feitas estas considerações iniciais, a formação começou cerca de 60 minutos atrasada, devido aos atrasos dos formandos, tendo começado, como previsto, pela apresentação da formadora e da APF. De seguida, passei a Ficha de Trabalho 1 para fazer a dinâmica de apresentação individual prevista. A apresentação decorreu com normalidade, sendo que notei muito à vontade das pessoas para falarem acerca de si, embora a dinâmica de Quebra-Gelo prevista na Ficha de Trabalho 2 tivesse igualmente sido bem recebida, na medida em que permitiu integrar e saber os nomes dos 4 elementos que não eram colaboradores do IPDJ. Após este quebra-gelo, passei à apresentação do curso, averiguando as expectativas dos formandos face ao mesmo. A este propósito, o grupo foi identificado como necessidade perceber que estratégias utilizar no seu quotidiano com os jovens, nomeadamente no que toca à questão dos direitos sexuais.

Foi de seguida explorada e apresentada a plataforma online, sendo de realçar que os formandos a avaliaram com simples e acessível, não tendo havido problemas a registar, exceptuando o facto de um formando não ter ainda acesso às credenciais, facto que foi resolvido posteriormente, e que estava relacionado com a falta de dados que o formando forneceu acerca de si próprio aquando da sua inscrição.

Depois passei à abordagem da Unidade I, começando com o brainstorming para trabalhar o conceito de sexualidade que estava previsto. Esta dinâmica decorreu com entusiasmo e aderiu bem à discussão acerca do conceito, abrangência, dimensões e manifestações da sexualidade.

Para iniciar a temática dos Direitos Sexuais, considerei importante começar por fazer a ponte aos Direitos Humanos, pelo que questionei o grupo acerca de quais as características que os direitos deveriam ter para serem considerados humanos. Nesta discussão em

particular, notei muito mais dificuldade do grupo em aderir à mesma, pelo que acabei por ser mais diretiva nesta discussão.

Após um breve enquadramento acerca dos Direitos Humanos, dividi os formandos em 4 grupos e distribuí a Ficha de Trabalho 3 juntamente com a Declaração dos Direitos do Homem, conforme previsto. A tarefa consistia em analisar os Direitos Humanos e, a partir dos mesmos, elencar 10 Direitos Sexuais. Não notei grande dificuldade dos formandos em responder ao solicitado, sendo que verifiquei, no plenário final em grande grupo no final, que os grupos tinham chegado a praticamente todos os direitos sexuais.

Depois do plenário confrontei os resultados dos seus trabalhos com a Carta dos Direitos Sexuais e Reprodutivos da IPPF (1994), o que gerou satisfação no grupo, dado o grau elevado de correspondência entre os mesmos. De seguida, fiz um breve enquadramento expositivo para explicar o percurso da Carta à Declaração da IPPF, o qual me pareceu que assimilaram com facilidade, embora não tenha gerado envolvimento do grupo a ponto de haver discussão sobre o tema.

Seguidamente, passei a Ficha de Trabalho 4 e pedi aos grupos previamente formados que refletissem acerca das violações aos direitos sexuais. Esta ficha sofreu alterações depois de aplicada no grupo experimental, em que tinha percecionado que seria mais proveitoso e menos repetitivo não solicitar um trabalho tão exigente de correspondência entre cada direito e violação, mas fazê-lo de uma forma mais abrangente e plástica. De facto, com esta alteração, considero que facilitou a dinâmica e empenho do grupo, fomentando uma reflexão cuja avaliação que faço é positiva.

A parte da tarde teve início com o Barómetro de Atitudes previsto na Ficha de Trabalho 5 atual (relembro que alterei o programa, que anteriormente previa outra ficha de trabalho que implicava um role-play respeitante aos 7 princípios inerentes à Declaração dos Direitos Sexuais, que retirei por ter considerado desajustado no grupo experimental). Já esta dinâmica voltou a obter bastante entusiasmo e adesão por parte dos formandos, que se envolveram na discussão das afirmações propostas com afinco. No final da discussão, foi apresentado e debatido o quadro ético de valores da educação para os direitos sexuais, que não tiveram dificuldade em apreender.

De seguida, foram explorados os conceitos de vulnerabilidade e de direitos sexuais e saúde sexual e reprodutiva, com o objetivo de os formandos reconhecerem a vulnerabilidade enquanto fator de risco para a garantia dos últimos.

No sentido de se identificar os principais problemas dos jovens em matérias de direitos sexuais e reprodutivos, propôs-se a dinâmica “Tarde da má língua” conforme Ficha de Trabalho 6. Esta dinâmica obteve boa adesão por parte dos formandos, tendo sido a discussão profícua. Para não sobrecarregar os formandos com mais um trabalho de grupo, e tendo em conta que o modelo de discussão em plenário me pareceu funcionar melhor com este grupo em particular, optei por não distribuir a ficha de trabalho, solicitando a tarefa apenas oralmente e em grande grupo. O mesmo fiz relativamente à ficha de trabalho

seguinte, que implicava uma reflexão acerca das necessidades dos jovens em termos de temas de educação para os direitos sexuais. Esta decisão teve também a ver com o aperto em termos de tempo, dado que a sessão começou com uma hora de atraso. A sessão terminou assim com uma síntese relativa às necessidades dos jovens em matérias de Direitos Sexuais e com uma síntese relativa ao dia de formação.

As impressões gerais com que fiquei a partir deste primeiro dia de formação são um pouco semelhantes às experimentadas no grupo experimental: o grupo reagiu muito melhor a dinâmicas que não implicassem escrita e também que o grupo estava muito mais recetivo a abordar questões relacionadas com a sexualidade em si e com estratégias de educação sexual que pudessem ser utilizadas com os jovens, do que propriamente com as questões inerentes aos direitos sexuais.

De qualquer forma, vejo as alterações no programa como positivas, tendo sentido o grupo com entusiasmo na formação durante grande parte do dia.

## **2º Dia da Formação Presencial, 20 de Fevereiro de 2015.**

A sessão teve início, conforme previsto, com uma breve exposição oral e diálogo acerca do conceito e abrangência da Educação Sexual, para que os formandos reconheçam a importância e abrangência da Educação para os Direitos Sexuais. Após esta breve exposição, que me pareceu cativar o interesse dos formandos pelos comentários tecidos e questões levantadas, dividi o grupo em 4 grupos e passei a Ficha de Trabalho 10, que permitiu tirar as dúvidas e aprofundar as competências de traçar objetivos em Educação para os Direitos Sexuais, conforme previsto.

Seguiu-se uma breve exposição oral e diálogo acerca dos Modelos de Educação para os Direitos Sexuais, que foi facilmente apreendido pelos formandos. Após a mesma, os grupos previamente constituídos foram convidados a dramatizar duas situações distintas, conforme os modelos previamente abordados, atividade que resultou muito bem, na medida em que permitiu aplicar os conhecimentos de uma forma lúdica e pedagógica. A discussão que se seguiu - adequabilidade e dificuldade/facilidade de aplicação prática do modelo biográfico e profissional nas situações cotidianas com os jovens - foi também muito bem conseguida, com os formandos envolvidos e motivados para analisar a questão solicitada.

Posto isto, elaborou-se em Plenário um perfil adequado para o monitor/educador que aborda a Educação para os Direitos Sexuais, tarefa que foi abraçada com ânimo e participação dos formandos, tendo a reflexão chegado ao objetivo previamente estabelecido.

Pedi então aos formandos que se colocassem no lugar de um qualquer jovem e que formulassem uma possível dúvida relativa à sexualidade/direitos sexuais, utilizando a estratégia da Caixa de Perguntas. Seguidamente, recorrendo a essas mesmas questões, dinamizei com o grupo o jogo do Carrossel, no qual os formandos tiveram de assumir alternadamente o papel de “jovens” e de “monitores” e dar resposta às questões previamente colocadas. Esta dinâmica permitiu não só responder de forma adequada a cada questão, dado que todas foram revistas no final, mas sobretudo refletir acerca do papel do monitor e do modelo de educação sexual adotado, e da dificuldade de respeitar o modelo biográfico e profissional. Esta dinâmica, para além de se ter revelado muito profícua, conseguiu a adesão/motivação dos formandos, que se envolveram de forma entusiasmada na mesma.

A tarde teve início com uma breve reflexão/diálogo acerca das características que devem ter as metodologias e técnicas na Educação para os Direitos Sexuais, sendo que de seguida foram exploradas algumas delas, a saber:

- Praça Pública
- Debate pró e contra
- História Valorativa



- Caça às Assinaturas
- Jogo de papéis
- História Inacabada
- Discussão de casos
- Correio dos afetos

Estas técnicas foram escolhidas tendo em conta que outras já tinham sido dinamizadas (por exemplo, brainstorming, caixa de perguntas, carrossel, role-play, barómetro de atitudes) e por serem consideradas por mim as mais motivantes e difíceis de aplicar sem prévia experimentação.

Após a dinamização de cada técnica, foi feita uma reflexão acerca da aplicabilidade da mesma, conforme o solicitado na Ficha de Trabalho 13.

Há a salientar que, à semelhança do ocorrido no grupo experimental, também neste grupo o segundo dia de formação correu de forma mais entusiasta que o primeiro, o que julgo ter a ver com o ir mais ao encontro das expectativas prévias dos formandos, por um lado, e por outro, ser um dia não tão introdutório dos conceitos iniciais.

### **3º Dia da Formação Presencial, 06 de Março de 2015.**

Embora estivesse previsto terminar o curso a 27 de Fevereiro, uma situação de saúde da minha parte que levou a uma hospitalização fez com que esta sessão fosse adiada para uma semana depois, o que não causou constrangimentos no grupo, dado que todos os formandos, que foram contactados e avisados telefonicamente compreenderam a situação e tinham disponibilidade para dia 6 de Março, data em que efetivamente se levou a cabo a última sessão presencial.

A sessão da manhã teve início com 30 minutos de atraso, devido ao facto de os formandos terem chegado tarde.

A sessão teve início, como previsto, com uma análise SWOT acerca das potencialidades e perigos da educação para os direitos sexuais em ambiente digital. Este trabalho decorreu tal como planificado, não tendo notado da parte do grupo nenhum tipo de resistência à atividade, nem dificuldade em particular.

A reflexão tida a partir da partilha e análise das conclusões dos 4 grupos de trabalho permitiu estabelecer o elo com a tarefa seguinte, que consistiu no treino de situações. Nesta atividade, os formandos colocaram situações hipotéticas em que sentiriam dificuldades na abordagem e de seguida estas situações foram dramatizadas, treinando-se os comportamentos e atitudes adequados por parte dos monitores, o que foi considerado muito útil pelo grupo, sendo uma atividade em que notei especial empenho e motivação.

Seguidamente a um curto intervalo, procedemos a uma visita guiada por mim aos sites que constituem importantes recursos disponíveis em matérias de direitos sexuais, tendo esta atividade ocupado o tempo restante da sessão matinal.

Esta última sessão foi marcada pela exploração de várias atividades incluídas no Manual de Sugestões, o que obteve muito interesse e participação dos formandos. As impressões acerca do Manual foram no sentido deste ser de fácil aplicação e de utilizar estratégias motivantes e adequadas aos jovens. Explorou-se ainda um pouco mais a página do Facebook do projeto.

A partir desta exploração, os formandos acharam muito pertinente que em campanhas do projeto se explorassem os temas mais relacionados com a desigualdade de género e com a violência.

Finalmente, procedeu-se à avaliação da ação através de uma dinâmica de grupo, na qual foi sublinhado o carácter prático e útil desta ação, bem como foram tecidos vários elogios à mesma e ao Manual de Sugestões apresentados, que foi do agrado do grupo.

Coimbra, 23 de Março de 2015.

Sónia Araújo

## Sessão Faro – 13 Fev. – 27 Fev. 2015

### 13 Fev

A internet não permitiu aceder à plataforma.

A sessão iniciou com 20 minutos de atraso, pois apenas 5 formandas chegaram pontualmente.

Expetativas das/o formandas/o: Desconstruir preconceitos, Missão, Responsabilidade do educador, Responsabilidade do/a jovem,

Formandas/o já conheciam a técnica do Brainstorming da Sexualidade (contudo comentaram ser uma técnica sempre interessante pois era sempre diferente). Indicaram palavras bastante positivas e mencionaram diferentes dimensões da sexualidade.

A generalidade das/o formandas/o encontrava-se bastante familiarizada com a temática da sexualidade.

Não se fez o quebra-gelo. Muitos já se conheciam e estávamos com atraso.

Dinâmica para elencar os 10 Direitos Sexuais a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos: 25min foi pouco tempo, o grupo solicitou mais tempo e ainda assim apenas 1 de 4 grupos terminou os 10 direitos, ao todo 40 minutos na redação;

Na dinâmica da violação dos direitos levantaram-se várias situações de conflito entre a primazia dos direitos sexuais face à ética e à salvaguarda da gravidez indesejada (Ex: várias participantes concordavam com a colocação coagida de implantes a raparigas institucionalizadas, ciganas ou portadoras de deficiência mental)

A dinâmica do “Juiz decide” foi realizada com muito boa disposição, as formandas e formando levaram a dinâmica muito para a brincadeira. Afirmaram sentir que os argumentos pró eram “óbvios” e os contra “absurdos”. A partir desta elação foi discutida a questão das atitudes e valores perante a sexualidade e o que significa “óbvio” e “absurdo” para diferentes pessoas. Recordaram-se as várias violações aos DS mapeadas anteriormente e o facto de existirem leis existentes em Portugal, que não espelham o que se definiu em sala como “óbvio”.

O barómetro de atitudes correu muito bem e com bastante participação.

A tarde da má-língua também resultou em muita risada. Enquanto o/a orador/a de cada grupo enunciava os fracos/defeitos dos jovens mapeados, a formadora ia anotando expressões chave no quadro. Durante o debate fez-se o paralelo para o “tempo de juventude” do grupo e verificou-se que muitos dos “defeitos” mapeados relativamente aos jovens de hoje em dia, também se verificavam na sua própria juventude. Interessante verificar que o único “defeito” que não se verificava durante a juventude das gerações anteriores foi o da “Pressão das redes sociais”.

Em jeito de conclusão, e de enquadramento para a importância da formação ON\_Sex, apresentou-se o conceito de Vulnerabilidade associado aos jovens com quem trabalham e a sua excecionalidade quando associada a esta nova era das redes sociais e mundo digital e de expansão da liberdade e da expressão sexual.

A formadora reforçou a necessidade de visitarem a plataforma para que possam trazer as suas questões para a próxima sessão.

#### **Palavras finais:**

- Partilha
- Conhecimento
- Interessante
- Reflexiva
- Dinâmica
- Bué Fixe
- Participativa
- Surpresa
- Oportunidade

#### **20 Fev**

Chegaram 2 novas formandas que não compareceram na sessão anterior. Para apoiar a integração dos novos elementos e recordar os conteúdos da sessão anterior, iniciou-se a manhã com um breve *feedback* por parte de cada um/a das/o formandas/o sobre a sessão anterior, onde estas recordaram não só os conteúdos, mas também as reflexões, debates e deram exemplos de algumas dinâmicas utilizadas.

O “jogo da bola em roda” com os nomes foi bastante breve pois as/o formandas/o puderam criar uma dinâmica muito interessante na sessão anterior.

Na dinâmica sobre os Objetivos da Educação Sexual, pediu-se às formandas e formando que se juntassem em grupos por projetos para que dessem início ao que seria um plano de formação para os Direitos Sexuais com os jovens com quem trabalham. Pediu-se, assim, que iniciassem este trabalho com a descrição dos objetivos pedagógicos para tal formação. O grupo dedicou-se na elaboração desta tarefa, contudo não houve oportunidade, ao longo do resto do curso, de dar continuidade a este trabalho desenhando outras componentes

deste plano de formação onde as/o formandas/o pudessem colocar em prática os ensinamentos do curso.

O intervalo da manhã foi de 40 minutos para dar oportunidade ao grupo de se preparar de forma mais livre na dinâmica seguinte – o Role-play.

Iniciou-se então a 2ª parte da manhã com os 4 Role-plays que provocaram um longo e interessante debate entre o grupo, tendo de se passar a dinâmica do carrossel para a parte da tarde.

Antes de se partir para o almoço fez-se ainda um apanhado sobre o perfil Adequado & Desadequado do/a Educador/a para os Direitos Sexuais com uma divisão ao meio no quadro e que partiu da discussão provocada pelo role-play.

Tanto a dinâmica do role-play, como a do Carrossel, mostraram-se muito úteis e motivadoras para o grupo. Sendo que lhes permitiu por em prática as aprendizagens adquiridas, treinando o discurso várias vezes sobre diferentes temas e com diferentes perfis de “jovens”. Além disso, permitiu também que as formadas menos confortáveis com o aconselhamento pudessem observar diferentes práticas a nível do discurso e, colocando-se no papel dos jovens, sentir o efeito de diferentes perfis de aconselhamento.

Apos a dinâmica do Carrossel voltou-se ao quadro sobre o perfil Adequado & Desadequado do/a Educador/a para os Direitos Sexuais.

Na 2ª parte da tarde abordaram-se as diferentes metodologias e técnicas para a Educação para os Direitos Sexuais.

Após a breve apresentação de Power point realizou-se um brainstorming sobre as diferentes técnicas que o grupo já conhecia, não só durante o curso como também ao longo da sua experiência profissional.

Passou-se para a realização de 2 diferentes técnicas que resultaram muito bem: a Caça às assinaturas e a Análise do preconceito.

As reflexões realizadas após cada sessão foram extremamente interessantes e elucidativas para o grupo.

Antes do final da sessão voltou a reforçar-se as datas da conclusão da sessão on-line e algumas questões da plataforma. Algumas formadas manifestaram o interesse em partilhar alguns artigos na página de Facebook da formação. Sugeriu-se inclusive que os artigos a partilhar da sessão on-line, fossem enviados por mensagem para o Facebook da formação para que o administrador partilhasse depois na página. Contudo, este método não permite uma tão grande interatividade e sentido de pertença pois não permite identificar o/a autor/a do post.

No final deste dia foi possível observar a motivação e entusiasmo do grupo pela formação.

**27 Fev**

Esta manhã começou com atraso devido a alguns imprevistos.

Como anteriormente voltou a fazer-se uma breve recapitulação das sessões anteriores e apresentou-se os objetivos e programa para a última sessão.

Voltou-se às técnicas para trabalhar a Educação para os Direitos Sexuais com jovens. Realizou-se o jogo do caminho da confiança de olhos vendados, com as instruções de que o “cego” deveria andar livre e o “apoio” apenas devia intervir quando necessário de forma a manter o colega seguro. O *debriefing* foi muito interessante com paralelismos diversos, como por exemplo sobre a “cegueira” dos/as jovens que procuram quem os “encaminhe”; o facto de puderem caminhar livres mas sentindo-se seguros com a presença do “apoio”; comparando “apoios” demasiado controladores ou outros mais negligentes; “cegos” mais ou menos seguros ou mais ou menos aventureiros.

A História Valorativa foi também muito interessante e com um debate aceso. Foi também interessante verificar a surpresa do grupo durante o *debriefing* final quando se apresentam uma série de hipóteses, possibilidades e outras sub-histórias dentro da história que receberam inicialmente.

Antes do coffee-break da manhã proporcionou-se uma breve visita ao Gabinete do Cuidado do IPDJ como recurso para os jovens que acompanham.

Na 2ª parte da manhã realizou um 2º role-play focando-se em exemplos concretos de situações em ambiente digital com que o grupo já se tinha deparado. Aqui foi possível notar já um maior a vontade por parte do grupo no papel de educador, com menor uso de moralismos e conselhos, e a aplicação das técnicas e métodos referidos durante o curso.

Terminou-se a manhã com a análise SWOT sobre a Educação para os Direitos Sexuais.

A parte da tarde desta última sessão foi focada na exploração do manual de sugestões, contudo a internet continuou a funcionar muito mal o que dificultou imenso a exploração do manual.

Aqui teria sido útil ter-se colocado em prática algumas das dinâmicas do manual.

No final da sessão foi realizada a avaliação formal e uma avaliação dinâmica da formação, onde o feedback foi bastante positivo, e recordaram-se os próximos passos na formação.

### **Interação On-line**

- As fichas 8 e 9 aparecem em alguns alunos como “9 e 10”
- Mensagem da formadora para o grupo:

Olá,

Bem-vindas/o à plataforma on-line da nossa formação!

Sintam-se à vontade para explorar os caminhos e a informação disponível e claro, para explorar os 2 desafios da sessão on-line!

Na próxima sessão iremos ter oportunidade de olhar em conjunto para a plataforma, rever as tarefas da sessão on-line e esclarecer alguma dúvida que tenham.

Aproveito para vos convidar a visitar a página de Facebook da formação! Parece ter algumas notícias giras...

[www.facebook.com/pages/ON\\_Sex/690790571018050](http://www.facebook.com/pages/ON_Sex/690790571018050)

E se passarem por aqui... deixem um Olá!! :)

Abraço, até 6a



Sessão Lisboa – 13 Fev. – 27 Fev. 2015

Nome	Idade	Escolaridade	Instituição
Ana Teresa Vaz		Licenciatura	Pressley Ridge - Associação de Solidariedade Social
Ana Filipa Morgado		Mestrado Integrado	Associação para a Promoção da Saúde e Desenvolvimento Comunitário
Alexandra Alves Luís		Mestrado Integrado	GTO LX
João Mário Silva		Mestrado Integrado	Loja Mira Jovem - Associação Raízes
Bruno Frazão		Mestrado Integrado	COSAP, Setúbal - Projeto Agora Sim! E5G
Sílvia Marques		Licenciatura	Comissão de protecção de crianças e jovens do barreiro
Ana Rodrigues		Licenciatura	Instituto de Apoio à Criança
Carina Mendonça		Mestrado Integrado	
Ricardo Fontes		12º Ano	Projecto Skillz Escolhas
Dina Silva Santos		Mestrado Integrado	Projecto Bola P'ra Frente E5G - Ass Nacional Futebol de Rua

**1º Dia da Formação Presencial, 13 de Fevereiro de 2015**

No 1º dia da formação, estiveram presentes 10 formand\_s, um grupo bastante homogéneo e diferenciado revelando desde inicio bastante acesso aos meios digitais e (maioria tinha dispositivos individuais em cima da mesa de formação) e bastante sentido crítico. Inicialmente foi sentido algumas reservas em relação às expectativas sobre o Curso.

Foram dadas as boas vindas e iniciámos com a apresentação da formadora. Enquanto o grupo se organizava, foram pedidos os documentos do Dossier Pedagógico. Após a recolha da documentação foram esclarecidas algumas dúvidas em relação ao regulamento.

Foi então iniciada a formação com a apresentação sobre a APF, a sua história e missão, seguida da explicação sobre o Projeto ON\_Sex, os seus objetivos e as várias atividades

previstas. Foi ainda introduzido os objetivos da formação e o que se pretendia com a aplicação dos conhecimentos trabalhados na formação.

Neste sentido foram realizados vários jogos de apresentação que permitiram conhecer os nomes e promover algum quebra gelo entre os participantes. Foi feita uma reflexão para valorizar as componentes relacionais e da importância da liberdade de expressão necessária a uma formação com estas características. Depois do intervalo foram trabalhadas as expectativas que o grupo tinha em relação às aquisições do curso. Foi igualmente importante entender os contextos profissionais em que cada um desenvolve a sua atividade para perceber os aspectos práticos após o término do curso. Foram apresentadas as informações relacionadas com a estrutura do curso.

Após o almoço foram trabalhados os temas relacionados com o conceito de sexualidade realizado a partir de dinâmicas assim como foi trabalhado a perspectiva das várias dimensões da sexualidade. Após o intervalo foram trabalhados os temas de direitos em saúde sexual e reprodutiva. Foram também revistos o percurso de Carta para Declaração em Direitos Sexuais e Reprodutivos feito pela IPPF.

O dia terminou com uma reflexão em torno das situações não resolvidas em Saúde Sexual e Reprodutiva através da utilização de um barómetro de atitudes.

## **2º Dia da Formação Presencial, 20 de Fevereiro de 2015.**

O segundo dia de formação começou com um ponto da situação em relação à formação mostrando a lógica da estrutura da formação. Foi ainda revisto os acontecimentos em relação à submissão dos trabalhos na plataforma e das alterações necessárias para corrigir dificuldades. De seguida foram trabalhadas atividades relacionadas com o entendimento sobre educação sexual, numa sequência de trabalho individual, em pequenos grupos e em reflexão de plenário. Foi neste sentido que se fez uma reflexão sobre a Educação explícita e implícita, especialmente nos temas da Educação sexual. O grupo conquistou um percurso reflexivo, adquirindo uma maior amplitude sobre o paradigma da educação.

Depois do almoço foram realizadas várias dinâmicas que se desenvolveram no sentido de partilhar ferramentas úteis para o trabalho com jovens. Destas atividades destaca-se o jogo do Carrossel e do Observador que permitiram trabalhar muitas das dificuldades sentidas pelo grupo nas suas práticas profissionais. Foi também dada importância a uma revisão sobre todos os tipos de dinâmicas e quais as vantagens e desvantagens das suas utilizações.

### **3º Dia da Formação Presencial, 27 de Fevereiro de 2015.**

O último dia de formação teve que ter uma alteração, visto haver um grande absentismo da parte da tarde e por ser muito importante explicar o Manual de sugestões de Atividades. Assim foi trabalhado com o grupo a alteração da ordem da formação e começar pelo manual de atividades e do que se espera em termos práticas na sequência da formação. Ainda durante a manhã foi feita a avaliação do curso na presença do maior número possível de formandos. Assim pode-se retirar uma avaliação muito positiva, principalmente na perspectiva do crescimento pessoal e da importância da abertura de novas perspectivas sobre os direitos, a exclusão social e os jovens.

Na parte da tarde foram vistas outras propostas de trabalho interativas como o Jogo ON\_Sex e outros jogos desenvolvidos pela APF.

Lisboa, 14 de Dezembro de 2015.

Sónia Duarte Lopes

## Sessão Ansião – 15 Jun. – 30 Jun. 2015

### 1º Dia da Formação Presencial, 15 de Junho de 2015

No 1º dia da formação, estiveram presentes 13 formandos, cuja caracterização segue abaixo:

Nome	Idade	Email	Instituição
Ângela Medeiros	43		Casa do Canto
Carla Palaio	37	palaiocarla@gmail.com	Casa do Canto
Cristina Velho	41	cristina.velho@sapo.pt	Casa do Canto
Dina Medeiros	48		Casa do Canto
João Oliveira	29	garridoliveira@hotmail.com	Casa do Canto
Laura Santos	29	laurasantos86@gmail.com	Casa do Canto
Liliana Nanques	33	Lilianamarques179@gmail.com	Casa do Canto
Maria de Fátima Silva	55		Casa do Canto
Maria do Rosário Pinheiro	50	ropinheiro@hotmail.com	Casa do Canto
Marina Guerra	39	marinaguerra2011@live.com.pt	Casa do Canto
Paula Rocha	46		Casa do Canto
Sónia Santos	32	sonia_ssantos@portugalmail.pt	Casa do Canto
Tânia Lopes	26	tania_raquel_lopes@hotmail.com	Casa do Canto

As pessoas que constituem este grupo trabalham juntas na Associação, sendo que se conhecem bem, embora o grupo seja heterogéneo em termos de idades e nível de escolaridade/funções desempenhadas.

Devido ao facto de a formação ocorrer no local de trabalho dos formandos, a sessão inicial começou com cerca de 40 minutos de atraso, tendo começado, como previsto, pela apresentação da formadora e da APF.

De seguida, passei a Ficha de Trabalho 1 para fazer a dinâmica de apresentação individual prevista. A apresentação decorreu com um grande à-vontade, dado que as pessoas se conhecem bem entre si. Dada essa especificidade, optei por não fazer a dinâmica de Quebra-Gelo prevista na Ficha de Trabalho 2.

Assim sendo, passei à apresentação do curso, averiguando as expectativas dos formandos face ao mesmo. A este propósito, o grupo foi identificado como necessidade perceber que estratégias utilizar no seu quotidiano com os jovens, nomeadamente no que toca à questão dos direitos sexuais associados às práticas sexuais e orientação sexual.

Foi de seguida explorada e apresentada a plataforma online, sendo de realçar que os formandos a avaliaram com simples e acessível.

De seguida, passei à abordagem da Unidade I, começando com o brainstorming para trabalhar o conceito de sexualidade que estava previsto, tendo havido bastante participação e empenho por parte do grupo, o que conduziu a uma profícua discussão acerca do conceito, abrangência, dimensões e manifestações da sexualidade.

Para dar início à temática dos Direitos Sexuais, comecei por estabelecer um paralelo aos Direitos Humanos, através da discussão com o grupo, que foi bastante participativa, notando-se interesse genuíno nesta temática.

Após um breve enquadramento acerca dos Direitos Humanos, dividi os formandos em 4 grupos e distribuí a Ficha de Trabalho 3 juntamente com a Declaração dos Direitos do Homem, conforme previsto. A tarefa consistia em analisar os Direitos Humanos e, a partir dos mesmos, elencar 10 Direitos Sexuais. Os formandos completaram a tarefa de forma muito satisfatória, pelo que foi visível no plenário final em grande grupo, que os grupos tinham chegado a praticamente todos os direitos sexuais.

Depois do plenário confrontei os resultados dos seus trabalhos com a Carta dos Direitos Sexuais e Reprodutivos da IPPF (1994), o que gerou satisfação no grupo, dado o grau elevado de correspondência entre os mesmos. De seguida, fiz um breve enquadramento expositivo para explicar o percurso da Carta à Declaração da IPPF, o qual me pareceu que assimilaram com facilidade.

Seguidamente, passei a Ficha de Trabalho 4 e pedi aos grupos previamente formados que refletissem acerca das violações aos direitos sexuais, trabalho que também foi bastante profícuo.

A parte da tarde teve início com o Barómetro de Atitudes previsto na Ficha de Trabalho 5, que obteve bastante entusiasmo e adesão por parte dos formandos. No final da discussão, foi apresentado e debatido o quadro ético de valores da educação para os direitos sexuais, que não tiveram dificuldade em apreender.

De seguida, foram explorados os conceitos de vulnerabilidade e de direitos sexuais e saúde sexual e reprodutiva, com o objetivo de os formandos reconhecerem a vulnerabilidade enquanto fator de risco para a garantia dos últimos.

A seguir, passei à “Tarde da Má Língua”, conforme Ficha de Trabalho 6, no sentido de se identificar os principais problemas dos jovens em matérias de direitos sexuais e reprodutivos. Esta dinâmica obteve boa adesão por parte dos formandos, tendo sido a discussão bastante animada e com casos reais a ilustrar exemplos de cada grupo. De seguida, passei à Ficha de Trabalho 7, para refletir com o grupo acerca das necessidades

dos jovens em termos de temas de educação para os direitos sexuais e terminei a sessão com uma síntese relativa às necessidades dos jovens em matérias de Direitos Sexuais e com uma síntese relativa ao dia de formação.

De uma forma geral, o grupo aderiu muito bem a este primeiro dia de formação, tendo sido o ambiente de grande motivação e empenho.

## **2º Dia da Formação Presencial, 15 de Junho de 2015.**

A sessão teve início, conforme previsto, com uma breve exposição oral e diálogo acerca do conceito e abrangência da Educação Sexual, para que os formandos reconheçam a importância e abrangência da Educação para os Direitos Sexuais.

Esta exposição cativou o interesse dos formandos, que teceram comentários pertinentes e levantaram questões relacionadas com o seu trabalho com jovens. Depois disso, dividi o grupo em 3 pequenos grupos e passei a Ficha de Trabalho 10, que permitiu tirar as dúvidas e aprofundar as competências de traçar objetivos em Educação para os Direitos Sexuais, conforme previsto.

Seguiu-se uma breve exposição oral e diálogo acerca dos Modelos de Educação para os Direitos Sexuais, que foi facilmente apreendido pelos formandos. Após a mesma, os grupos previamente constituídos foram convidados a dramatizar duas situações distintas, conforme os modelos previamente abordados, atividade que resultou muito bem, na medida em que permitiu aplicar os conhecimentos de uma forma lúdica e pedagógica. A discussão que se seguiu - adequabilidade e dificuldade/facilidade de aplicação prática do modelo biográfico e profissional nas situações quotidianas com os jovens - foi também muito bem conseguida, com os formandos envolvidos e motivados para analisar a questão solicitada.

Posto isto, elaborou-se em Plenário um perfil adequado para o monitor/educador que aborda a Educação para os Direitos Sexuais, tarefa que foi abraçada com ânimo e participação dos formandos, tendo a reflexão chegado ao objetivo previamente estabelecido.

Pedi então aos formandos que se colocassem no lugar de um qualquer jovem e que formulassem uma possível dúvida relativa à sexualidade/direitos sexuais, utilizando a estratégia da Caixa de Perguntas. Seguidamente, recorrendo a essas mesmas questões, dinamizei com o grupo o jogo do Carrossel, no qual os formandos tiveram de assumir alternadamente o papel de “jovens” e de “monitores” e dar resposta às questões previamente colocadas. Esta dinâmica permitiu não só responder de forma adequada a cada questão, dado que todas foram revistas no final, mas sobretudo refletir acerca do papel do monitor e do modelo de educação sexual adotado, e da dificuldade de respeitar o modelo biográfico e profissional. Esta dinâmica, para além de se ter revelado muito profícua,

conseguiu a adesão/motivação dos formandos, que se envolveram de forma entusiasmada na mesma.

A tarde teve início com uma breve reflexão/diálogo acerca das características que devem ter as metodologias e técnicas na Educação para os Direitos Sexuais, sendo que de seguida foram exploradas algumas delas, a saber: Praça Pública, Debate pró e contra, História Valorativa, Caça às Assinaturas, Jogo de papéis, História Inacabada, Discussão de casos, Correio dos afetos.

Estas técnicas foram escolhidas tendo em conta que outras já tinham sido dinamizadas (por exemplo, brainstorming, caixa de perguntas, carrossel, role-play, barómetro de atitudes) e por serem consideradas por mim as mais motivantes e difíceis de aplicar sem prévia experimentação.

Após a dinamização de cada técnica, foi feita uma reflexão acerca da aplicabilidade da mesma, conforme o solicitado na Ficha de Trabalho 13.

De uma forma geral, o segundo dia de formação correu de forma ainda mais entusiasta que o primeiro, o que julgo ter a ver com o ir mais ao encontro das expectativas prévias dos formandos, por um lado, e por outro, ser um dia não tão introdutório dos conceitos iniciais.



### **3º Dia da Formação Presencial, 18 de Junho de 2015.**

A sessão teve início, como previsto, com uma análise SWOT acerca das potencialidades e perigos da educação para os direitos sexuais em ambiente digital. Este trabalho decorreu tal como planificado, não tendo notado da parte do grupo resistência à atividade, nem dificuldade em particular, muito embora não tenha sido algo que realizaram com grande entusiasmo.

A reflexão tida a partir da partilha e análise das conclusões dos 3 grupos de trabalho permitiu estabelecer o elo com a tarefa seguinte, que consistiu no treino de situações. Nesta atividade, os formandos colocaram situações hipotéticas em que sentiriam dificuldades na abordagem e de seguida estas situações foram dramatizadas, treinando-se os comportamentos e atitudes adequados por parte dos monitores, o que foi considerado muito útil pelo grupo, sendo uma atividade em que notei mais empenho e motivação.

De seguida, procedi a uma visita guiada por mim aos sites que constituem importantes recursos disponíveis em matérias de direitos sexuais, tendo esta atividade ocupado o tempo restante da sessão matinal.

Esta última sessão foi marcada pela exploração de várias atividades incluídas no Manual de Sugestões, o que obteve muito interesse e participação dos formandos. As impressões acerca do Manual foram no sentido deste ser de fácil aplicação e de utilizar estratégias motivantes e adequadas aos jovens. Explorou-se ainda um pouco mais a página do Facebook do projeto.

A partir desta exploração, os formandos acharam muito pertinente que em campanhas do projeto se explorassem os temas mais relacionados com as questões da orientação sexual e da violência no namoro.

Finalmente, procedeu-se à avaliação da ação através de uma dinâmica de grupo, na qual foi sublinhado o carácter prático e útil desta ação, bem como foram tecidos vários elogios à mesma e ao Manual de Sugestões apresentados, que foi do agrado do grupo.

Coimbra, 24 de Junho de 2015.

Sónia Araújo

Sessão Lisboa – 5 Out. – 19 Out. 2015

Nome	Idade	Escolaridade	Instituição
Adriana Raíafa Gonçalves Quadros		9º Ano	Campolide@Decide - E5G
Alexandra Raquel Almeida	22/01/ 81	Licenciatura em Educação, Pedagogia Social e da Formação	<a href="#">Viv@Cidade E5G</a> - <a href="#">Geração Adolescer</a>
Alexandre Miguel Gastinho Quendera	02/08/ 82	12º Ano	TuKontas+E5G
Álvaro Ávila Navarro	02/05/ 87	Licenciatura	AMPLOS
Ana Clárisse Fonseca Castro Bessa	02/07/ 79	Licenciatura	Agrupamento de Escolas da Damaia
Bruno Miguel de Castro Pinto Alves Inglês	19/02/ 76	Mestrado (pré-Bolonha)	Câmara Municipal de Odivelas
Cláudia Sofia Pereira Teque	07/01/ 88	Licenciatura Serviço Social	
Cristina Maria Simões Ferreira	24/11/ 71	Licenciatura em Psicologia	Associação Fernão Mendes Pinto - Montemor-o-Velho
Desejado Gomes	24/10/ 89	12º ano, Nível IV	TESE - Associação para o Desenvolvimento
Filipa Raquel Silva	0	Licenciatura em Serviço Social	
Hugo Rafael da Silva Ricardo	05/03/ 92	Licenciatura em Psicologia	ISCTE-IUL
Joana Isabel Gouveia da Cruz Dias	21/04/ 78	Mestrado Educação Intercultural	Associação Geração Adolescer
Joana Sales de Campos Vieira	04/09/ 80	frequência universitária	UMAR
Joana Pereira Teixeira	14/04/ 91	Mestrado em Psicologia	ASDL / Projeto +XL- E5G

Leandro Manuel Lopes Oliveira		12º Ano	Associação Viver Campolide
Luís Miguel Prata Lopes Francisco	06/04/93	Licenciatura em Enfermagem	
Luís Miguel Coutinho Lopes	07/03/84	12º Ano	Projeto NU KRE III-E5G do Programa Escolhas
Maria Emília Rocha Barbosa Cunha Duarte	02/12/59	Licenciatura	Agrupamento de Escolas da Damaia
Mariana Isabel Correia Santos	26/01/86	Mestrado Integrado em Psicologia	
Mónica Raquel Pinheiro Lourenço	26/10/79	Pós-Graduada/Mestranda em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores	-
Noémia Maria da Conceição Certo Simões	0	Mestre em Economia e Política Social	ISEL e Centro Cultural , voluntariado na Bué Fixe
Rui Miguel Gonçalves de Pinho	25/08/79	Licenciatura	Associação Nacional de Futebol de Rua
Sara Alexandra Pinto Nogueira Duarte	27/08/72	Lic. Psicologia	
Tatiana Dias Marques Lopes	27/09/92	Licenciatura Serviço Social	
Tiago Pessoa de Brito Leite	09/04/85	Licenciatura (Professor do Ensino Básico variante Matemática e Ciências da Natureza)	inSERir com Escolhas - E5G

### 1º Dia da Formação Presencial, 05 de Outubro de 2015

No 1º dia da formação, estiveram presentes 24 formand\_s, um grupo com alguma heterogeneidade visto incluir desde jovens animadores ligados aos Escolhas e também professores das escolas, para além de outros profissionais ligados ao trabalho com jovens.

O facto de haver um tão grande número de formandos levou a uma condução de forma ordeira, para que a formação decorresse da melhor maneira.

Foram recolhidos durante a primeira fase do curso os documentos administrativos da formação e que fazem parte do dossier pedagógico. Demos então início à formação com a apresentação da formadora e também a apresentação da APF da sua história e missão. Foi neste sentido que se trabalhou a perspectiva de movimento pró-escolhas. Seguiu-se uma apresentação em círculo, com várias voltas a que se seguiu o momento de reflexão que permitiu sobressair a importância da criação de redes de relação que validem a natural exposição que cada um fará ao exprimir as suas questões e posições sobre o tema da sexualidade. Após o intervalo foi retomada apresentação do Projeto ON\_Sex e a estrutura do curso e os seus objetivos práticos a serem aplicados após o curso. Ainda nesta fase deu-se importância a ouvir as expectativas face à formação e as condições práticas que cada um teria para a aplicação de estratégias de intervenção.

Após o almoço foram trabalhadas as temáticas da sexualidade começando por definir o seu conceito através do brain storming.

O tema dos valores e atitudes face à sexualidade foi abordado recorrendo a um barómetro, onde se trabalhou dois temas: IVG e Piropos. Ambos trouxeram muita participação e reflexão com posições muito diversas e com acesas discussões de posições opostas. A reflexão foi muito importante pois os formandos referiram o quanto a discussão lhes deu um olhar mais amplo sobre o tema e lhes revelou a necessidade de estar alerta em situações que os direitos não estão assegurados. Foram feitas exposições com o recurso a slides sobre os direitos e sobre a importância da Declaração de Direitos Sexuais e Reprodutivos da IPPF.

O dia terminou com os esclarecimentos referentes ao trabalho autónomo e à sua submissão na Plataforma Moodle.

## **2º Dia da Formação Presencial, 13 de Outubro de 2015.**

Durante o primeiro período da manhã trabalhou-se sobre as dificuldades do trabalho autónomo e dificuldade de acesso à Plataforma Moodle. Deu-se continuidade aos trabalhos pegando na estrutura do curso e relembrando os conteúdos propostos e o envolvimento prático após o fim do curso. Ainda durante a manhã foi trabalhado o tema da Educação sexual através de um questionário e numa sequência de elaboração individual, de pequenos grupos e de plenário em grande grupo. A discussão em plenário foi intensa mas com grandes ganhos no sentido de uma maior aceitação das características da Educação e em especial a Educação Sexual. Terminámos a manhã com a apresentação de slides sobre os aspectos da Educação Sexual Explícita e Implícita.

Após o almoço, os trabalhos continuaram com várias dinâmicas com a finalidade de partilhar instrumentos de trabalho com jovens, as suas mais valias e adequações. Foi mostrado ainda uma revisão de modalidades diferentes de trabalho e da importância de trazer um estímulo que desencadeie a reorganização de valores e atitudes face à sexualidade.

O dia terminou com uma reorientação face às dificuldades no trabalho autónomo.

### **3º Dia da Formação Presencial, 19 de Outubro de 2015.**

O último dia foi dedicado ao trabalho prático recorrendo a ferramentas digitais para o trabalho com jovens. Durante o período da manhã dedicou-se tempo a explorar o manual de atividades e de todo o potencial que daqui poderia surgir. O material foi muito bem aceite pelos formandos revelando-se, nas suas perspectivas, como um instrumento de grande utilidade.

Após o almoço deu-se atenção a outros instrumentos de trabalho com princípios digitais e que poderiam ser utilizados para fins de debate e participação nos temas da saúde sexual e reprodutiva.

Lisboa, 14 de Dezembro de 2015.

Sónia Duarte Lopes

## Sessão Madeira – 12 Nov. – 25 Nov. 2015

Nome	Idade	Escolaridade	Organização	Função
Águeda Figueira	28	Mestre em Serviço Social	SocioHabitaFunchal	Assistente Social
Melissa Castro	29	Mestre em Ciências da Educação	SocioHabitaFunchal	Educadora Social
Ana Frango	54	Licenciatura Ciências Sociais	Direção Regional de Qualificação Profissional	Chefe de Departamento
Pamela Fernandes	24	Mestrado	SociohabitaFunchal	Técnico Superior de Educação
Vanessa Santos	29	12º ano	SociohabitaFunchal	Animadora Sociocultural
Patrícia Rodrigues	40	Licenciatura em Ciências da Cultura	Fundação Portuguesa "A Comunidade Contra a SIDA"	Técnica Superior de Sociologia
Joana Ferreira	24	Licenciatura em Sociologia	Fundação Portuguesa "A Comunidade Contra a SIDA"	Técnica Superior de Sociologia
Ana Cláudia Sá	29	12º Ano	SociohabitaFunchal	Animadora Sociocultural
Catarina Mendes	24	Licenciatura em terapia da fala	SociohabitaFunchal	Estagiária
Cláudia Caires	29	12º Ano	SociohabitaFunchal	Animadora Sociocultural
<b>Mara Silva</b>	<b>33</b>	<b>Licenciatura em Educação Social</b>	<b>SociohabitaFunchal</b>	<b>Coordenadora</b>
<b>Eusébio Brazão</b>	<b>42</b>	<b>Mestrado em Filosofia</b>	<b>Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol</b>	<b>Professor de Educação Moral</b>
Doroteia Jardim	31	12º Ano - Animadora	SociohabitaFunchal	Animadora Sociocultural
Vânia Camacho	26	Licenciatura em Educação Básica	SociohabitaFunchal	Educação
João Neves	33	Licenciatura em Educação Básica	SociohabitaFunchal	Educação

**Local:** Direção Regional de Qualificação Profissional (DRQP) Funchal.

Importa referir que dos **15 formandos** inscritos apenas **13 frequentaram** a formação e concluíram a mesma.

### **1º Dia da Formação Presencial, 12 de Novembro de 2015.**

No 1º dia da formação, estiveram presentes 11 dos 15 formandos inscritos, cuja caracterização é apresentada de forma sucinta no quadro. De salientar que os formandos provenientes da Sociohabitafunchal conheciam-se previamente, pelo que se trata de um grupo com uma grande consciência grupal e onde importa integrar os restantes 3 elementos.

Este grupo é homogêneo, quer em termos de idades, não se verificando também grandes diferenças em termos de funções e de habilitações literárias.

Feitas estas considerações iniciais, a formação começou cerca de 30 minutos atrasada, devido aos atrasos dos formandos, tendo começado, como previsto, pela apresentação da formadora e da APF. De seguida, passei a Ficha de Trabalho 1 para fazer a dinâmica de apresentação individual prevista. A apresentação decorreu com normalidade, sendo que notei muito à vontade das pessoas para falarem acerca de si, embora a dinâmica de Quebra-Gelo prevista na Ficha de Trabalho 2 tivesse igualmente sido bem recebida. Após este quebra-gelo, passei à apresentação do curso, averiguando as expectativas dos formandos face ao mesmo, sendo que as expectativas eram muito comuns (obter mais conhecimentos e ferramentas para trabalhar com os jovens).

Foi de seguida apresentado os procedimentos de acesso à plataforma online, sendo de realçar que os formandos a avaliaram como simples e acessível, não existindo problemas a registar. Depois passei à abordagem da Unidade I, começando com o brainstorming para trabalhar o conceito de sexualidade que estava previsto. Esta dinâmica decorreu com entusiasmo e aderiu bem à discussão acerca do conceito, abrangência, dimensões e manifestações da sexualidade.

Para iniciar a temática dos Direitos Sexuais, questionei o grupo acerca de quais os Direitos Humanos e sobre os direitos sexuais que existem. Nesta discussão em particular, notei muito mais dificuldade do grupo em aderir à mesma, sendo referido apenas três Direitos Humanos.

Após um breve enquadramento acerca dos Direitos Humanos, dividi os formandos em 3 grupos e distribuí a Ficha de Trabalho 3 juntamente com a Declaração dos Direitos do Homem, conforme previsto. A tarefa consistia em analisar os Direitos Humanos e, a partir dos mesmos, elencar 10 Direitos Sexuais. Verifiquei alguma dificuldade inicial em perceber o que era pretendido, mas posteriormente no plenário final os grupos tinham chegado a praticamente todos os direitos sexuais.

Depois do plenário confrontei os resultados dos seus trabalhos com a Carta dos Direitos Sexuais e Reprodutivos da IPPF (1994), o que gerou satisfação no grupo, dado o grau elevado de correspondência entre os mesmos. De seguida, fiz um breve enquadramento expositivo para explicar o percurso da Carta à Declaração da IPPF, o qual me pareceu que assimilaram com facilidade, embora não tenha gerado envolvimento do grupo a ponto de haver discussão sobre o tema. Neste ponto uma formanda colocou uma questão sobre o ano dos Direitos Humanos que não constava na informação e comparou com outras datas.

Seguidamente, passei a Ficha de Trabalho 4 e pedi aos grupos que reflectissem acerca das violações aos direitos sexuais e referisse as conclusões, simplificando a concretização da mesma. Esta situação deveu-se também à falta de tempo que se verificou, existindo boa participação dos formandos e discussão de ideias e partilha de experiências.

A parte da tarde teve início com o Barómetro de Atitudes previsto na Ficha de Trabalho 5. Já esta dinâmica voltou a obter bastante entusiasmo e adesão por parte dos formandos, que



se envolveram na discussão das afirmações propostas com afinco. No final da discussão, foi apresentado e debatido o quadro ético de valores da educação para os direitos sexuais, que não tiveram dificuldade em apreender. Esta dinâmica foi avaliada pelos formandos como positiva e foi sugerida para utilizar com os jovens, sendo possível adaptar a diferentes temas.

Posteriormente, foram explorados os conceitos de vulnerabilidade e de direitos sexuais e saúde sexual e reprodutiva, com o objetivo de os formandos reconhecerem a vulnerabilidade enquanto fator de risco para a garantia dos últimos. Neste ponto alguns formandos partilharam opiniões e experiências dos contextos de vulnerabilidade no qual exercem as suas funções, sendo na maioria em bairros sociais.

Com o intuito de identificar os principais problemas dos jovens em matérias de direitos sexuais e reprodutivos, propôs-se a dinâmica “Tarde da má língua” conforme Ficha de Trabalho 6. Esta dinâmica obteve boa adesão por parte dos formandos, tendo sido a discussão profícua. Na ficha de trabalho seguinte, que implicava uma reflexão acerca das necessidades dos jovens em termos de temas de educação para os direitos sexuais, decidi uma reflexão e partilha oralmente de modo a simplificar e não ser tão exaustivo para os formandos. Esta decisão teve também a ver com o aperto em termos de tempo, dado que os formandos partilham experiências e questionam algumas estratégias de intervenção para o seu contexto de trabalho, sendo considerado pertinente dar respostas e responder às suas exposições, evitando sair do tema. A sessão terminou com uma síntese relativa às necessidades dos jovens em matérias de Direitos Sexuais e com uma síntese relativa ao dia de formação.

É de salientar, que o grupo reagiu muito melhor a dinâmicas que não implicassem escrita e também o grupo estava muito mais receptivo a abordar questões relacionadas com a sexualidade em si e com estratégias de educação sexual que pudessem ser utilizadas com os jovens nos seus contextos de trabalho, do que propriamente com as questões inerentes aos direitos sexuais.

## **2º Dia da Formação Presencial, 18 de Novembro de 2015.**

Estiveram presentes na sessão 13 formandos, existindo dois formandos que não estiveram presentes na primeira sessão, um por indisponibilidade profissional e outro por motivos de saúde. Foi realizada uma pequena apresentação dos dois novos elementos e dos restantes formandos e formadora. Foi feito igualmente um resumo das temáticas trabalhadas na sessão anterior.

A sessão teve início, conforme previsto, com uma breve exposição oral e diálogo acerca do conceito e abrangência da Educação Sexual, para que os formandos reconheçam a importância e abrangência da Educação para os Direitos Sexuais. Após esta breve exposição, que me pareceu cativar o interesse dos formandos pelos comentários tecidos e questões levantadas, dividi o grupo em 4 grupos e passei a Ficha de Trabalho 10, que

permitiu tirar as dúvidas e aprofundar as competências de traçar objetivos em Educação para os Direitos Sexuais, conforme previsto.

Realizou-se uma breve exposição oral e diálogo acerca dos Modelos de Educação para os Direitos Sexuais, que foi facilmente apreendido pelos formandos. Não existindo material disponível sobre estes modelos a formadora apresentou de forma resumida e clara estes modelos para que na actividade a realizar não existissem dúvidas. Após a mesma, os grupos previamente constituídos foram convidados a dramatizar duas situações distintas, conforme os modelos previamente abordados, atividade que resultou muito bem, na medida em que permitiu aplicar os conhecimentos de uma forma lúdica e pedagógica, existindo três elementos que fazem teatro e animação. A discussão que se seguiu - adequabilidade e dificuldade/facilidade de aplicação prática do modelo biográfico e profissional nas situações quotidianas com os jovens - foi também muito bem conseguida, com os formandos envolvidos e motivados para analisar a questão solicitada.

Seguidamente, elaborou-se em Plenário um perfil adequado para o monitor/educador que aborda a Educação para os Direitos Sexuais, tarefa que foi abraçada com ânimo e participação dos formandos, tendo a reflexão chegado ao objetivo previamente estabelecido. Nesta actividade existiu momentos de discussão e de alguma partilha de situações concretas, sendo referido por alguns formandos muita dificuldade em manter o perfil desejado.

Solicitou-se aos formandos que se colocassem no lugar de um qualquer jovem e que formulassem uma possível dúvida relativa à sexualidade/direitos sexuais, utilizando a estratégia da Caixa de Perguntas. Seguidamente, recorrendo a essas mesmas questões, dinamizei com o grupo o jogo do Carrossel, no qual os formandos tiveram de assumir alternadamente o papel de “jovens” e de “monitores” e dar resposta às questões previamente colocadas. Esta dinâmica permitiu não só responder de forma adequada a cada questão, dado que todas foram revistas no final, mas sobretudo refletir acerca do papel do monitor e do modelo de educação sexual adotado, e da dificuldade de respeitar o modelo biográfico e profissional. Esta dinâmica, para além de se ter revelado muito profícua, conseguiu a adesão/motivação dos formandos, que se envolveram de forma entusiasmada na mesma, sendo referido por muitos formandos que é uma técnica a utilizar com os jovens ou outros grupos com os quais também trabalham.

A tarde teve início com uma breve reflexão/diálogo acerca das características que devem ter as metodologias e técnicas na Educação para os Direitos Sexuais, sendo que de seguida foram exploradas algumas delas. Foram referidas as técnicas disponíveis no manual e a simplicidade das mesmas, uma vez que no manual consta toda a informação necessária. Foram escolhidas algumas técnicas tendo em conta que outras já tinham sido dinamizadas (por exemplo, brainstorming, caixa de perguntas, carrossel, role-play, barómetro de atitudes). Após a dinamização de cada técnica, foi feita uma reflexão acerca da aplicabilidade da mesma, conforme o solicitado na Ficha de Trabalho 13. Importa referir que no segundo dia de formação correu de forma mais animada que o primeiro, o que julgo ter a ver com as actividades realizadas sendo mais práticas.

### **3º Dia da Formação Presencial, 25 de Novembro de 2015.**

No início da sessão, estavam presentes 12 formandos sendo informada previamente da impossibilidade da formanda que se encontrava a faltar, da impossibilidade em comparecer por questões laborais. Durante a manhã uma formanda recebeu um contacto telefónico sendo informada do falecimento de uma familiar, saindo da sessão e ficando num ambiente diferente. Uma das formandas disponibilizou-se para levar a formanda a casa, visto que esta estava muito nervosa e sem transporte próprio. Esta situação atrasou a sessão. Alguns formandos pediram à tarde para sair mais cedo porque iam participar na feira das vontades, sendo também solicitado pelos presentes que a entrega dos trabalhos fossem adiados, sendo que a maioria dos formandos trabalham na sociohabitafunchal e têm esta actividade em comum, foi adiada a entrega dos trabalhos individuais.

A sessão teve início, como previsto, com uma análise SWOT acerca das potencialidades e perigos da educação para os direitos sexuais em ambiente digital. Este trabalho decorreu tal como planificado, não tendo notado da parte do grupo nenhum tipo de resistência à actividade, existindo dois elementos que nunca realizaram a análise SWOT.

A reflexão tida a partir da partilha e análise das conclusões dos 4 grupos de trabalho permitiu estabelecer o elo com a tarefa seguinte, que consistiu no treino de situações. Nesta actividade, os formandos colocaram situações hipotéticas em que sentiriam dificuldades na abordagem e de seguida estas situações foram dramatizadas, treinando-se os comportamentos e atitudes adequados por parte dos monitores, o que foi considerado muito útil pelo grupo, sendo uma actividade em que notei especial empenho e motivação.

Posteriormente foram analisados os sites que constituem importantes recursos disponíveis em matérias de direitos sexuais, tendo esta actividade sido breve, por problemas com a internet.

Esta última sessão foi marcada pela exploração de várias actividades incluídas no Manual de Sugestões, o que obteve muito interesse e participação dos formandos. As impressões acerca do Manual foram no sentido deste ser de fácil aplicação e de utilizar estratégias motivantes e adequadas aos jovens. Foi feita referência à página do Facebook do projecto.

Uma vez que foi solicitado por uma formanda a possibilidade de conhecer os kits da APF, foram também explorados os 5 kits, sendo que muitos formandos ficaram interessados nos Kits e consideraram ser uma ferramenta essencial nos seus contextos de trabalho.

Foi ainda confirmada a receção de alguns trabalhos por alguns formandos, sendo clarificada algumas situações em que os formandos não arquivaram o anexo e outras situações que não conseguiam pôr o documento foi facilitado pela formadora a possibilidade de enviar para o email.

Finalmente, procedeu-se à avaliação da acção através de uma dinâmica de grupo, na qual foi sublinhado o carácter prático e útil desta acção, bem como foram tecidos vários elogios à mesma e ao Manual de Sugestões apresentados, que foi do agrado do grupo. Foi referido

pelos formandos presentes que seria importante ter mais uma sessão presencial e dar continuidade a este curso, sendo avaliado de forma positiva por todos os participantes.

Verificou-se motivação por parte dos formandos em iniciar actividades nesta área não só com jovens mas com crianças, adultos e idosos. Ao longo da formação a partilha de experiências, a discussão de ideias e estratégias foram uma mais-valia, apesar destes momentos contribuírem para a falta de rigor nos tempos estipulados para as actividades planeadas.

Funchal, 25 de Novembro de 2015.

Catarina Costa

## **Anexo 4 – *Feedback* das instituições em parceria**

### **IPDJ**

Quando o IPDJ foi desafiado a participar enquanto parceiro no projeto ON\_SEX, a pretensão de contribuir para o desenvolvimento da cidadania ativa e defesa dos direitos sexuais dos jovens em contexto de vulnerabilidade social fez-nos entender que este seria, à semelhança do que a APF nos vem habituando, mais uma iniciativa interessante à qual fazia todo o sentido o IPDJ estar associado.

De facto, entre as atribuições do IPDJ está a promoção da sensibilização e aconselhamento, em particular nas áreas da saúde, comportamentos de risco, proteção de menores e ambiente, visando assegurar a realização e bem-estar dos jovens. É neste enquadramento que se integram programas como o Cuida-te que visa a promoção de estilos de vida saudáveis, ou a Sexualidade em Linha que, conjuntamente com a área da Sexualidade do Portal da Juventude tem por objetivo contribuir para a promoção de escolhas conscienciosas, livres e informadas no que respeita à sexualidade dos jovens portugueses, visando a adoção de comportamentos responsáveis do ponto de vista pessoal e social, procurando, sensibilizar e estimulá-los a preservar e promover a sua saúde, desenvolvendo nos jovens capacidades necessárias à adoção de estilos de vida saudáveis.

A colocação ao serviço do projeto ON\_SEX destas iniciativas, designadamente a Sexualidade em Linha, foi a principal forma de colaboração assumida pelo IPDJ, tendo ainda divulgado os cursos “Direitos Sexuais e Jovens em Ambiente Digital”, quer através do Portal da Juventude e facebook, quer diretamente à massa associativa juvenil e acompanhado a construção do referencial, do manual e do jogo, instrumentos fundamentais para a consolidação deste projeto.

O IPDJ esteve ainda presente no seminário de encerramento do projeto que decorreu na Fundação Calouste Gulbenkian, na pessoa do Diretor do Departamento de Juventude, Dr. Pedro Folgado.

Esperamos agora os frutos futuros do projeto e contamos aproveitar os recursos produzidos, designadamente o jogo e o manual, para o desenvolvimento de iniciativas integradas nos programas que disponibilizamos.

Sofia Pimenta

### **APF**

A mim couberam-me, entre outras, as tarefas de articulação com os parceiros e colaboradores do Projecto, a elaboração dos materiais, a organização da formação e dos eventos, os relatórios técnicos ao financiador.

O projeto ON\_Sex pretendia ser inovador, trabalhando os Direitos Sexuais com recurso a ferramentas online, e julgo que atingiu os objetivos, mas foi sobretudo eficaz naquilo que a APF já faz com uma vasta prática e “tradição”.

Penso que o Manual, o Referencial e a Formação foram das atividades mais bem conseguidas, e isso deve-se à vocação e experiência consolidada da APF em trabalho no terreno, em educação sexual nas escolas, em trabalho com jovens e outros públicos-alvo, em intervenção social e comunitária e em edição de materiais educativos – aquilo que já sabemos fazer muito bem. Isto aplica-se também ao jogo, que foi a atividade a meu ver mais desafiante e estimulante, pela complexidade e volume de trabalho, mas também pela utilidade que perspetivo virá a ter com jovens vulneráveis - público-alvo do Projeto – e com o público em geral, pois tem um potencial enorme.

Pelo contrário, julgo que não nos movemos tão bem nas áreas menos exploradas tradicionalmente pela APF, por exemplo nas campanhas online. Temos menos experiência nesse campo e penso que encontrámos dificuldades que devemos procurar ultrapassar de uma forma mais eficaz em futuras iniciativas.

De salientar também o permanente envolvimento dos parceiros deste Projecto que, com diferentes contributos, estiveram sempre presentes, empenhados e foram determinantes para pensar em conjunto o desenvolvimento das atividades.

Nesta fase de reflexão final, parece-me que o Projecto poderia ter, idealmente, o dobro da duração e, nessa medida, seria eventualmente um Projeto francamente inovador, pois as ferramentas que foram desenhadas e produzidas teriam o seu tempo para aplicação, disseminação e avaliação.

Sara Duarte

### **Programa Escolhas**

O foco do projeto #ON\_SEX na promoção dos valores democráticos, incluindo a defesa dos Direitos Humanos, dos direitos das minorias e da luta contra as discriminações despertou desde logo o interesse do Programa Escolhas, cuja missão é promover a inclusão social de crianças e jovens de contextos socioeconómicos vulneráveis, visando a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social.

Estruturado em 5 Medidas, o Programa Escolhas tem na sua Medida IV (Inclusão Digital) uma ferramenta especificamente vocacionada para o combate à infoexclusão, promoção da acessibilidade, desenvolvimento e certificação de competências em TIC. Nestes espaços desenvolvem-se várias ações, integradas em três grandes grupos: lúdico-pedagógicas; de apoio à inclusão escolar; de âmbito formativo. Devido ao seu carácter transversal, os Centros de Inclusão Digital (CIDs) têm contribuído não apenas para a inclusão digital, mas também para a aquisição de saberes e competências pessoais, sociais e profissionais, potenciando a inclusão social e o aumento da autoestima dos participantes. Os CIDs são, neste contexto, espaços privilegiados na implementação do projeto #ON\_SEX.

Ainda no âmbito do projeto #ON\_SEX, o Programa Escolhas divulgou e promoveu ações de sensibilização/informação junto dos técnicos dos projetos Escolhas; divulgou os cursos “Direitos Sexuais e Jovens em Ambiente Digital”, nos quais participaram alguns técnicos, e acompanhou a construção do referencial, do manual e do jogo enquanto produto final.

O Programa Escolhas esteve, também, presente no seminário final, fazendo-se representar no painel de debate pelo Gestor Nacional da Medida IV, Dr. Paulo Vieira.

Entre as mais-valias geradas pelo projeto, destacamos a formação/capacitação dos monitores dos Centros de Inclusão Digital do Programa Escolhas, assim como de outros técnicos, potenciando o desenvolvimento de ações em contextos de vulnerabilidade social, em ambiente digital.

Júlia Santos